

OPHELINA RABELLO

UM ESTUDO DE ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL
E DE INCONSISTÊNCIA DE *STATUS* DO
ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPTº. DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

1.979

UNICAMP - FF - BIBLIOTECA

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

TESE APRESENTADA PARA OBTENÇÃO
DO TÍTULO DE LIVRE - DOCENTE
ÁREA DE SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

RESUMO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1. Estratificação social	26
2. Variáveis básicas	31
2.1. Atividade ocupacional	37
2.2. Educação	41
2.3. Renda	44
3. Escalas de <i>status</i>	46
3.1. Atividade ocupacional	48
3.2. Educação	52
3.3. Renda	55
3.4. Análise de correlação	59
3.5. Síntese das escalas	72
4. Inconsistência de <i>status</i>	103
4.1. Aplicação do modelo de inconsis <u>t</u> tência de <i>status</i>	116
4.2. Discussão dos resultados da apli <u>c</u> cação do modelo	135
5. Discussão final e conclusões	143
Bibliografia	175
Anexos	

APRESENTAÇÃO

Este trabalho representa a consolidação de cinco anos de levantamentos, estudos e reflexões sobre o estudante universitário, desenvolvidos no Departamento de Sociologia da Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Ele se apóia na convicção de que o conhecimento da composição social do corpo discente das universidades, obtido em bases empíricas e metodologicamente bem orientado, pode constituir-se num elemento a mais para a compreensão de vários aspectos da estrutura e do funcionamento das universidades; pode oferecer elementos indispensáveis à análise e compreensão do sistema de ensino superior; pode oferecer referencial à adequação da realidade existencial dos universitários e, sobretudo, permite identificar novos tópicos, problemas ou áreas para novas reflexões e pesquisas.

A decisão de realizar esta série de levantamentos prendeu-se, inicialmente, a objetivos práticos, especialmente o de ob

ter informações de caráter sócio-econômico como base de uma política de apoio ao estudante da Unicamp. (1) A esse objetivo prático, aliou-se o interesse em situar, socialmente, a clientela de uma universidade nova, com características próprias, específicas, por estar incluída no contexto histórico-social e geo-econômico da região de Campinas, embora apresentasse, também, características gerais e comuns a outros quadros discentes das universidades do país.

Ocorre que as condições de estrutura e funcionamento dos cursos da UNICAMP, à base de atividades exclusivamente diurnas, em regime de *tempo integral* para professores e alunos, com amplos currículos e cursos altamente competitivos, tendem a absorver uma clientela estudantil com características peculiares, algumas facilmente identificadas, como alta taxa de alunos procedentes de outras cidades (75%), especialmente da Capital (25%) e significativa parcela de estudantes economicamente depen

(1) *Publicações do Serviço de Apoio ao Estudante (SAE) da UNICAMP.*

dentos dos pais. (2)

A partir destes objetivos práticos, foi escolhido o questionário como instrumento de coleta de dados. O primeiro questionário, aplicado em 1971, continha elevado número de questões e resultou em substancial volume de informações. Mas, nos anos seguintes, este instrumento foi sendo aperfeiçoado, quanto à forma e ao conteúdo, tanto para atender ao aprimoramento de suas questões básicas como para atender, a cada ano, novos objetivos. Por exemplo, no levantamento de 1973, incluíram-se várias questões sobre o trabalho do estudante, objetivando desenvolver a temática da dicotomia, teoria e prática, na universidade.(3)

A população pesquisada consistiu

-
- (2) RABELLO, Ophelina - *Um estudo sócio-econômico do estudante universitário, Campinas, UNICAMP/INEP, 1974.*
O estudante universitário - UNICAMP, 1971 (mimeografado)
O primeiranista 72 - UNICAMP, 1973
O primeiranista 74 - UNICAMP, 1975
- (3) RABELLO, Ophelina - *Universidade e trabalho, perspectivas - Campinas, INEP/UNICAMP, 1973.*

no quadro de alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação, e o pai do estudante foi o elemento destacado como referencial da situação social do grupo familiar. O objetivo era conhecer o estudante que procurava a UNICAMP, independentemente das razões de sua escolha ou do processo seletivo, através dos exames vestibulares. O interesse se concentrava na situação de *status* social do aluno depois de regularmente matriculado.

Diante da impossibilidade de obtenção de informações diretas, com o próprio pai, recorreu-se ao estudante para fornecer os dados indispensáveis. O *aluno-in*formante preencheu o questionário contendo as perguntas referentes à sua identificação, às questões pessoais e às familiares.

Por ocasião da matrícula do primeiro semestre de 1971, aplicou-se o questionário a toda população de alunos regularmente matriculados, exceto aos vestibulandos daquele ano; no primeiro semestre de 1972, aplicou-se o mesmo formulário, já reformulado e adaptado, somente entre os alunos ingressantes *primeiroanistas*; em 1973

o levantamento abrangeu uma *amostra* estra
tificada por curso, à base de 15% da popu
lação, utilizando-se o critério de quanto
menor o número de alunos matriculados no
curso, maior a percentagem da *amostra*, que
variou de 14% a 18% da população estudan
til; nesta oportunidade, novamente, os in
gressantes foram excluídos. (4) Em 1974, tam
bém no primeiro semestre, novamente parti
cipou do levantamento somente a população
de primeiroanistas do ano letivo e, final
mente, em 1975, repetiu-se a experiência de
1971, aplicando-se o formulário a toda po
pulação estudantil da UNICAMP, exceto os
ingressantes ou primeiroanistas. Foram ela
boradas monografias com os dados obtidos em
cada ano e, ao se concluir a coleta de da
dos de 1975, percebeu-se que a série de cin
co anos de análise *permitiria um aprofunda*
mento do estudo em termos de estratificação
social, pois, os elementos básicos de infor
mação obtidos nesse período, eram de caráter só
cio-econômico. A idéia de uma análise estrutu

(4) O tamanho da amostra obedeceu ao seguinte critério: curso com até 100 alunos matriculados a amostra seria de 20%; de 101 a 200, seria de 19%; de 201 a 300, 18%; de 301 a 400, 17% de 401 a 500, 16% de 501 a 600, 15% de 601 a 700, 14%.

ral e de consolidação das informações, objetivando a possibilidade de confronto ou de comparação, apresentou-se de modo a encorajar a elaboração de novo projeto; a identificação de instrumentos de análise que permitissem a comparação dos estudos de estratificação social entre universitários. (*)

Para um estudo comparativo da situação de estratificação social, objetivando identificar as alterações, as mudanças ocorridas no período de cinco anos, bastariam só levantamentos de 1971 e 1975, cujos dados foram coligidos através da população toda. Entretanto, os dados obtidos em 1972 e em 1974, referentes à população de calouros, e os de 1973, referentes à uma amostra da população de estudantes, foram incluídos nas considerações, essencialmente como referencial e como teste dos instrumentos adotados, tanto o de coleta como os de análise dos dados.

Este projeto resultou no estudo desenvolvido nos cinco anos e a monografia

(*) A execução deste projeto contou com o apoio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais INEP/MEC, 1977/78.

abrangeu a UNICAMP como um todo, interpreta da como uma única população, observada no período. Nele já⁶ destacaram as observações de que os dados de cada ano, também poderiam ser considerados como se fossem provenientes de universidades diferentes e estas poderiam ser encaradas como populações diferentes entre si, unidas, exclusivamente, pelos procedimentos metodológicos utilizados.

Na experiência obtida, a análise se referiu aos dados de uma série histórica de uma dada população com fins comparativos no tempo, mas ficou evidente que estes dados da série também poderiam ser encarados como se procedessem de populações diferentes, ou seja, de outras populações universitárias.

A partir deste estudo analítico tentou-se elaborar o projeto de síntese, na busca de um modelo de análise com possível adequação a outros contextos de população estudantil universitária. Desse modo, o projeto de um estudo de estratificação social foi sendo desenvolvido, e posteriormente ampliado, para a área de inconsistência de status entre universitários.

Neste trabalho não se dedicará um capítulo à metodologia adotada; ela se evidenciará no decorrer do estudo, pois todo ele consiste num plano metodológico de tratamento dos dados, através de escalas. Por outro lado, não se fará ampla interpretação dos dados obtidos na UNICAMP, pois o interesse consiste em apresentar os procedimentos adotados, a aplicação e a discussão das escalas.

Nesse trabalho, não se pretendeu, também, a elaboração de um modelo de análise de estratificação *strito sensu* mas identificar ou construir instrumentos de análise de dados pertinentes, que se tornassem passíveis de aplicação nos vários contextos universitários, permitindo estudos comparativos.

INTRODUÇÃO

A existência de desigualdades na sociedade humana parece estar marcada por sua antigüidade e ubiqüidade; cada sociedade conhecida, atual ou do passado, distribui seus escassos e procurados bens e serviços desigualmente. Estas desigualdades estariam revestidas de avaliações morais, éticas, tradicionais, quanto à sua importância para a sociedade e ligadas ou atreladas às posições dos que podem manipular montantes desiguais de tais bens e serviços. A antigüidade e a ubiqüidade de tais desigualdades têm dado origem à suposição de que tais arranjos sociais devem ser algo inevitável e, possivelmente, até funcional. De qualquer forma que seja encarada, esta suposição apresenta-se como séria questão para qualquer teoria da organização social, pois, as estratificações representam, também, a distribuição desigual de direitos, privilégios e poder, obrigações e deveres na sociedade. (5) A sociedade si

(5) TUMIN, Melvin M. "Some principles of stratification: a critical analysis". *American Sociological Review*, 1953, vol.18, Nº 4: 387 - 397.

tua os indivíduos na estrutura social e os mantêm constantemente estimulados ao acesso a níveis mais altos. A estratificação afigura-se universal e, independentemente de suas características, representa uma hierarquia de valores; supõe, pelo menos imPLICITAMENTE, um sistema de valores comuns da sociedade; ela resulta das avaliações dos objetivos da ação social.

A *posição social* ocupada pelo indivíduo na estrutura diferenciada exerce influência tão generalizada em sua vida que dificilmente se encontra um aspecto de seu comportamento, de seus valores, de sua personalidade que não seja, pelo menos, moderadamente, influenciado por ela. Ignorar a influência do *status* sócio-econômico, em qualquer tipo de estudo de natureza social significa multiplicar o risco de descobrir correlações espúrias, incompletas ou incorretas; significa desprezar as verdadeiras causas, obtendo-se apenas correlação entre o que, em verdade, corresponde a duas consequências da mesma coisa ou situação. Dispensa-se argumentação maior para convencer o estudioso a controlar a influência do *status* social como medida geral e sistemática de

análise de qualquer fenômeno social.

Desde Marx, os teóricos ideológicos insistem na idéia de que a posição da pessoa na estrutura social influencia profundamente sua perspectiva no sistema, e a literatura sociológica está repleta de estudos mostrando que a classe social proporciona significativas diferenças quanto às atitudes, valores e estilos de vida. A *posição social* implica num valor socialmente derivado que exerce influência de alguma forma, e em proporções variáveis, nos fatores dinâmicos básicos da personalidade dos indivíduos. (7) O *status* tem uma função direta e definida na especificação da conduta das pessoas em contato direto e imediato, umas com as outras. O *status* social do indivíduo, compondo-se de vantagens e desvantagens, compreende a posse de bens, prestígio e poder e até mesmo de simpatia e afeição, derivados das normas que regem os *status* e suas funções e papéis; a *posição social*

(7) HARTLEY, Eugene L. Ruth E. Harley - "Status social e papel social", *O homem e a sociedade*, F.H.Cardoso, SP., Cia Editora Nacional, 1971, 6a. ed. pg.69.

de uma pessoa constitui a sua própria perspectiva de vida. (8)

Nas sociedades, especialmente nas complexas, os indivíduos ocupam multiplicidade de *status*, alguns deles ordenados e coerentes, outros com falta de ordem e coerência ou congruência entre os vários *status* ocupados. Esta discrepância leva-os a situar-se em diferentes posições nas escalas de *status*, gerando a situação de *inconsistência de status*. Se cada membro da sociedade ocupasse somente um *status*, ou os seus vários *status* fossem avaliados e reconhecidos de modo semelhante, todos os membros da sociedade, por definição, teriam exclusivamente *status consistente*. A noção de *status inconsistente* pode ser definida como uma dimensão não hierarquizada da estratificação social, mas que dela surge, como propriedade estrutural do sistema de estratificação global.

A idéia básica consiste em que os

(8) HILLER, E.T. - "General characteristics of *status*", *Social relations and structures*, New York, Harper & Brothers, 1947, pg. 331.

graus de *status inconsistente* podem afetar o comportamento do indivíduo e este poderá, possivelmente, manifestar-se independentemente do *status* ocupado na dimensão vertical. (9) Grande número de pesquisadores têm tentado testar esta proposição, empiricamente, utilizando várias abordagens e técnicas analíticas. Estes pesquisadores têm acumulado informações, desenvolvendo o que se poderia denominar de *teorias de consistência social* e, sob este rótulo, incluem-se vários estudos já realizados. (10)

O interesse pela reflexão, estudo e pesquisa sobre a estratificação social foi, no passado, e tem sido, quase exclusivamente de caráter histórico, tentando explicar a sociedade através de sua estrutura dife-

(9) LENSKI, Gerard E. - "Status crystallization: a non vertical dimension of social status". *American Sociological Review*, 1954, vol. 19, 405 - 413.

(10) OLSEN, Marcin E. and Judy Corder Tully - "Socio economic-ethnic status inconsistency and preference for political change". *American Sociological Review*, 1972, vol. 37, 560 - 574.

renciada, do papel dos conflitos de classes, do sentido da influência das camadas superiores sobre as inferiores, em sociedades sempre divididas em agrupamentos sociais antagonônicos, duelando pela mudança da ordem política, econômica e social. Entretanto, o interesse dos estudos e das pesquisas sobre a estratificação vem alcançando objetivos talvez menos amplos, conteúdos mais práticos e consentâneos com a idéia de análise do fenômeno da estratificação como instrumento metodológico valioso a ser desenvolvido. Por outro lado, são inúmeros os problemas metodológicos e teóricos que os investigadores enfrentam neste campo, pois constitui aspecto relevante da pesquisa empírica em sociologia, o impasse e as dificuldades metodológicas complexas, talvez não resolvidas, que ela levanta.

O estudo da estratificação dos estudantes universitários, categoria social perfeitamente identificada, também já poderia ter sido objeto de estudos e de pesquisas de caráter empírico, com objetivos teóricos e práticos, visando tanto o equacionamento de problemas imediatos, de caráter existencial, como a orientação da filosofia

e da política educacional do país. As poucas tentativas de estudos sobre esta categoria social tem sido à base de levantamentos exploratórios de suas condições sociais ou psicológicas que pautam as atitudes dos estudantes; ensaios de sistematização teórica; trabalhos de cunho polêmico ou sob o ângulo do problema social, propondo soluções assistenciais. (11) De certo modo, a tônica dos estudos recái na apresentação do estudante universitário como situado numa posição relativamente alta na hierarquia de *status*. Pelo simples fato de ingressar numa universidade, pressupõe-se que ele possui uma boa base econômica para conseguir chegar até ela. Os estudantes, especialmente dos cursos diurnos, realmente apresentam características significativas de *status* elevado, em função de sua maneira de educar-se, de aparentemente apenas consumir e não poder se dedicar muito ao trabalho. Eles

(11) FORACCHI, M.M. - *O estudante e transformação da sociedade brasileira.* Cia. Ed. Nacional, São Paulo, 1977, 2a. ed., pg.4.

gozam de certo prestígio por atingirem socialmente o mais alto grau da escolarização formal, por manterem um relacionamento mais direto com pessoas de altos *status* no meio universitário e se tornarem participantes desse ambiente. Mas, a posição social do indivíduo é a totalidade de suas relações com todos os grupos da população e, dentro de cada grupo, por todos os seus membros; logo, considerando-se que o *status* global significa a soma total de todos os *status* que ocupam realmente, nem todos os estudantes se *enquadrariam* nos grupos mais altos da hierarquia social. (12) Por outro lado, as condições culturais, econômicas e históricas locais ou regionais condicionam significativas diferenciações no processo de estratificação social dos grupos de alunos, embora participem todos de um mesmo contexto social geral. Donde a necessidade de estudos mais aprofundados sob certos critérios.

Os jovens procuram as universidades partindo dos pressupostos de uma sociedes

(12) LINTON, Ralph - *O homem: uma introdução à an*
tropologia. São Paulo, Livraria Martins
Editôra S/A, 1952, 2a. ed., pg. 133.

dade estratificada, onde certas posições são funcionalmente mais importantes que outras e requerem especial habilidade para seu desempenho. Pretendem participar do número (minoria) de indivíduos que possuem os talentos e que podem ser treinados nas habilidades apropriadas para ocupar estas melhores posições. Candidatam-se à conversão de seus possíveis talentos em habilidades especiais, envolvendo-se num treino durante um certo período, com o sacrifício de certa forma, de eventuais outros interesses ou aspirações. Sentem-se motivados nos treinamentos porque suas futuras posições serão altamente valorizadas, terão acesso privilegiado e desproporcional às escassas e disputadas recompensas ou compensações que a sociedade tem para oferecer. Estes escassos e desejados bens consistem no conjunto de direitos e privilégios atrelados às posições e podem ser considerados como tudo aquilo que contribui para o sustento e o conforto, o prestígio e o auto-respeito. Os jovens vêm neste acesso diferenciado às recompensas básicas da sociedade, uma consequência fundamental dos níveis de prestígio e de estima, que os vários estratos

apresentam. Ao vencer os pré-requisitos e conseguir os direitos, passam a constituir parte integrante da desigualdade social institucionalizada. Eles se sentem gratificados pelos esforços dispendidos, e o fenômeno das desigualdades, as diferenças entre os estratos, os recursos e bens escassos desejados, o grau de prestígio e estima que eles recebem, positivamente, passam a se lhes afigurar como funcionais e inevitáveis.

Esta realidade das estruturas estratificadas que se colocam aos estudantes, podem e têm sido objeto de análise crítica, porém, sem alterar esta mesma realidade.(13)

Os jovens de todas as camadas sociais, em especial das médias e baixas, vêm a universidade ou o estudo de nível superior, como um dos poucos e legítimos canais de ascensão social; a busca da universidade os move, talvez, nem sempre pelo prazer de saber, de aprender, de estudar, solucionar problemas, enfrentar desafios por si mesmos ou por anseios incontidos de vocação mas, para através desse caminho, poderem atingir *status* mais altos e adquirir novos estilos

(13) TUMIN, M.M., op. cit., pg. 387.

de vida na sociedade competitiva em que vi
vem. Entre eles, alguns, evidentemente, bus
cam a ciência, a pesquisa pura, a cultura
 pelo valor em si de saber, de ser ou de tor
nar-se. O fenômeno da demanda crescente pe
las universidades, especialmente pelos jo
vens das camadas mais baixas, se deve tan
to ao anseio de busca de ~~uma~~ formação bási
ca de uma profissão, confiando em que seu
 exercício lhes proporcionará as oportunida
des e os meios para maior mobilidade social,
 como a de ajustar-se aos fenômenos das
 transformações sociais econômicas e cultu-
 rais da sociedade.

O fato é que, na profissionalizaç
ão de nível superior reside a maior ambi
ção do jovem por representar uma das mais
 honrosas formas de atingir *status* mais al
tos e a conseqüente independência financei
ra, fatores necessários ou mesmo indispens
áveis, ao pleno uso da liberdade individ
ual. Esta posição social adquirida através
 do esforço e do estudo repecute em *status*
 ou em atestado de competência de alto ní
vel, reconhecido pela sociedade. Por outro
 lado, cresce neles a convicção de que os
 graduados universitários desempenham uma

função mais ampla e superior que meramente profissional; desempenham, certamente, posições de liderança social que lhes oferecem oportunidades de desenvolver, também, habilidades e critérios que elevem os níveis técnicos e científicos dos componentes do seu grupo profissional. A motivação principal do acesso está orientada para o mercado de emprego, na busca de formação de uma profissão, na busca de uma ciência ou de uma técnica, confiando em que o seu exercício abre maiores oportunidades de aprender e melhorar as próprias técnicas profissionais e, com isso, obter prestígio e ascender socialmente. Inegavelmente, tudo isto leva ao crescimento e à profundidade dos cursos universitários e conduz a um processo de amadurecimento da sociedade e das próprias instituições universitárias através da elevação dos níveis intelectuais e dos padrões de eficiência desenvolvidos no processo competitivo.

Os estudos sobre a estratificação social dos estudantes universitários poderiam, pelo menos, ter como alvo situá-los como membros de uma sociedade hierarquizada, conhecê-los quanto às suas posições na es

estrutura social para, de posse destes elementos que, de certo modo, se caracteriza-
 riam como instrumental de referência, bus
 car compreender toda uma gama de problemas,
 de implicações e de envolvimentos em que
 estes estudantes se apresentam.

Os estudos e análises dos fenômenos e problemas, nos quais os estudantes se
 vêm envolvidos, suas atitudes, comportament
 o expressado e fenômenos mais ligados ao des
 sempenho escolar, relacionamento entre col
 legas, atos de submissão, rebeldia, agress
 são, protesto, podem estar relacionados com
 os problemas sócio-econômicos, expressos ~~■~~
 na estratificação, na *posição social* ou no
status social ocupado. O *status global* do
 aluno envolve situações características com
 implicações de ordem valorativa, estima e
 avaliação em bases ou critérios mais ou men
 os subjetivos, traduzidos em prestígio soci
 al. Como este prestígio se caracteriza por
 uma hierarquia à base de reconhecimento soci
 al, nela se situam também os indicadores
 de relações de identidade. Os fenômenos de
 correntes das relações não se passam necess
 sariamente no plano consciente, mas encon
 tram-se subjacentes aos atos, comportamen-

tos, atitudes e maneiras de sentir e pensar, em função do estrato social ocupado, inclusive reforçado pelo grau de *consistên*cia desse *status* (14) Isto porque há certa configuração de valores, assumindo significação coletiva, de modo a sancionar os critérios de escalonamento e de diferenciação social.

Desse modo, todo o estudo da atuação do estudante, tanto nos aspectos ligados ao comportamento expresso, sistema de relações intra e inter-grupais, como a integração ao meio universitário e motivação para o estudo, o processo ensino-aprendizagem, o desempenho acadêmico, carecem de um conhecimento prévio da situação de mobilidade e de *estratificação social*, que deverá ser utilizado como instrumento indispensável de análise e de interpretação de uma situação de realidade.

Apesar de características identificadoras dos *status* dos estudantes se

(14) JACKSON, Elton F. and Peter J. Burke-
 "Status and symptoms of stress and
 interation effects". *American
 Sociological Review*, 1965, vol.30,
 556 - 564.

rem passíveis de observação e análise, os levantamentos e os estudos sobre a situação sócio-econômica ou as tentativas de estratificação social, têm permanecido no nível descritivo, estatístico, fragmentário e metodologicamente independentes. Ressente-se da necessidade de sistematização dos instrumentos de análise para conseguir-se os recursos de aprofundamento dos estudos, com paração e confronto entre a composição social dos quadros discentes, nas diferentes universidades. Ressente-se da identificação de unidade metodológica e de instrumental de análise que permitam a homogeneização destes estudos. Da constatação de que, se os dados são obtidos com os mesmos critérios, mesmos instrumentos de coleta e mesmos procedimentos de tratamento e análise, estes resultados podem ser comparados, independentemente de sua procedência. A validade e a segurança estariam garantidas pelo procedimento metodológico e, as diferenças, semelhanças, distorções e aspectos originais ou discrepantes, apresentados em cada caso, seriam explicáveis em termos de fatores causais da região ou ^{dos} locais onde se situam os grupos pesquisados.

Este conhecimento essencial, situando os estudantes no espaço social estratificado, será possível se forem superadas algumas dificuldades metodológicas peculiars à sociologia empírica. Entretanto, no atual estágio da investigação social, estes estudos se desenvolvem graças à contribuição das técnicas de mensuração e escalonamento, atuando como instrumentos de pesquisa social. Esta contribuição reside na inferência de valores numéricos atribuídos, a partir das atitudes, do comportamento e das relações entre os indivíduos. Desse modo, identificadas as técnicas de mensuração e de escalonamento do *status social* de alguns grupos da *categoria social* de universitários, estas mesmas técnicas poderão, eventualmente, ser utilizadas como referencial, e não propriamente como *modelo*, nos estudos e pesquisas de outros grupos de estudantes universitários.

A partir destas considerações, colocam-se propostas para a investigação em *empírica: identificação de instrumentos de análise que permitam construir um referen*cial comum aos estudos de *estratificação social do estudante universitário, constru*

ção de escalas de status social e definição do modelo de inconsistência do status como variável independente.

1. ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

As várias tentativas de natureza teórica já realizadas, evidenciam as divergências quanto ao conceito de estratificação social e a persistência da dificuldade em se estabelecer critérios na determinação da estratificação em estratos, em classes e demarcações de níveis de status, nos vários contextos sociais. Embora a estratificação consista num fenômeno social sensível à observação, a sua análise resiste muito ao esforço de medida, quantificação e de esquematização. Escassas têm sido as pesquisas de caráter empírico e os estudos mais aprofundados para se conseguir a classificação em níveis de hierarquia social no Brasil. Ocorre que a estratificação social consiste numa ordenação sumamente complexa, cuja compreensão requer cuidadosa análise. Embora ela se apresente como fenômeno complexo e multidimensional e envolva implicações que desafiam a análise empírica, torna-se necessário precisar o conceito, pelo menos, como instrumento de trabalho, como ponto de partida para qualquer tentativa de

análise.

A *estratificação social*, no sentido sociológico, refere-se à superposição das *categorias sociais*, da mais alta à mais baixa, dispostas, segundo o apreço e a estima dos membros da sociedade.(15) Esta estima e este apreço se verificam em face da distribuição desigual de oportunidades de vida entre os membros da sociedade, em face das diferentes probabilidades de aquisição de certos bens, benefícios ou de utilização de algumas condições externas de vida e de experiência.(16) O aspecto relevante desta diferenciação de oportunidades situa-se na diversidade de posições ocupadas, e estas posições não serem igualmente valorizadas pelos membros do grupo. Deste modo, identificar a posição de um indivíduo no *espaço social* significa definir suas relações com

(15) FICHTER, Joseph H. - *Sociologia*, São Paulo, Editora Pedagógica Universitária Ltda, 1973, 3a. edição, pg. 63.

(16) MACIVER, R.M. y Charles H.P. - *Sociologia*, Madrid, Editora Tecnos S/A, 1950, pg. 163.

outros indivíduos escolhidos como pontos de referência. (17)

O *estrato* consiste em um número de indivíduos ocupando uma posição relativamente similar sob algumas características objetivas (renda, ocupação, lazer), mas não necessariamente age em conjunto, de modo solidário nem está necessariamente ligado à consciência de participação. A característica da estratificação é a presença de *status* baseado no *poder* econômico, político, cultural e estilos de vida peculiares que a eles se conformam e se ajustam.

Como a sociedade constitui um agregado ordenado, e não casual, de indivíduos, a estrutura social corresponde ao arcabouço em que se pode reconhecer cada parte ou segmento em separado. Na teia de relações onde se distribuem os indivíduos, o *status* é o lugar que a pessoa ocupa num determinado sistema social da estrutura social, tal como a julga e a avalia a própria sociedade. O

(17) SOROKIN, Petirim A. - *Social Mobility*, New York, HARPER and BROTHERS, 1927, pg. 10.

status consiste na situação ou na posição ocupada na sociedade, concedida, objetivamente, a alguém por seus próprios contemporâneos. (18) O *status* é concebido em termos de diferenças e de *deferências* distribuídas às pessoas, pelos membros do grupo. Ele, tanto corresponde às posições dos indivíduos em determinados padrões recíprocos de comportamento, onde cada indivíduo toma parte na manifestação de muitos padrões, como à soma total de todos os *status* (*status* global) que ele ocupa, ou seja, pode representar a posição social dele em relação à sociedade total. (19) O *sistema de status* de um grupo, corresponde à hierarquia de posições existentes neste grupo e o *status* se refere a um ponto dentro deste *sistema de status*. O *sistema de status* também define o padrão de relações que orientam a interação entre os membros do grupo.

Ao se pretender situar as famílias dos estudantes nas condições reais de uma sociedade estratificada, onde a maior parte das oportunidades de vida resultam da posi

(18) FICHTER, Joseph H. *op. cit.* pg. 59.

(19) LINTON, Ralph, *op. cit.* pg. 133.

ção do indivíduo em uma hierarquia de *status*, cumpre tentar classificar as famílias que se encontram na mesma posição da hierarquia e conformam um *grupo de status*. Este *grupo de status*, constitui-se de conjunto de famílias que têm acesso semelhante às oportunidades e ao prestígio social e mantêm um estilo de vida peculiar.

Num sentido bem amplo, o estilo de vida destas famílias compreende a maneira de consumir, de morar, vestir-se, casar-se, educar-se, recrear-se. Torna-se realmente difícil caracterizar, delimitar e medir o estilo de vida destas famílias e mais difícil ainda, avaliar o prestígio que desfrutam.

Mas, como a sociedade valoriza, de alguma forma, as situações ou posições dos indivíduos segundo certos critérios ou indicadores, através destes, pode-se pensar em organizar os meios para a medida e a avaliação do *status* e, ao invés de tentar medir, diretamente, o prestígio, as formas de consumo, o estilo de vida e o comportamento, pode-se tentar identificar os indicadores que possibilitam ou condicionam as formas de vida.

2. VARIÁVEIS BÁSICAS

Uma das inúmeras dificuldades das pesquisas de estratificação social reside na percepção do *status*, para efeito de análise. O pesquisador, não pode confiar na sua percepção a não ser à base de critérios e dados precisos e definidos. Nenhuma técnica, solução mecânica e cega pode ser utilizada, toda medida requer do pesquisador reflexão sobre os dados particulares do problema. Ele também não pode confiar na auto-percepção do informante ou do grupo pesquisado quando oferecem as informações, pois a auto-percepção do *status*, ou seja, como o indivíduo se vê ou se situa na hierarquia social, difere, frequentemente, de sua verdadeira classificação no sistema de *status* como um todo. Persiste a tendência de as pessoas se colocarem um pouco acima do nível em que realmente se situam e colocarem as outras em *status* mais abaixo do nível realmente ocupado. Esta percepção diferenciada de posições parece ser uma característica de todos os grupos e constitui um aspecto a ser adequadamente consi

derado nos estudos de estratificação. (20)

Tanto pela natureza valorativa e subjetiva da estratificação, como pela falta de critérios mais objetivos para a análise, tornam-se os estudos de estratificação vulneráveis às críticas, sob o argumento de que estes estudos não vão além do nível da experiência pessoal, tratam de simples descrições estáticas que conduzem a estereótipos e nunca a compreensão mais profunda das estruturas. (21)

Porém, a sociologia vem desenvolvendo, na pesquisa empírica, várias estratégias, uma delas, muito importante para estes estudos, é a elaboração de variáveis, ou seja, a tradução de conceitos ou noções em operações bem definidas de pesquisa. No vocabulário das ciências sociais encontram-se textos ilustrando o procedimento de tradução dos conceitos em instrumentos de classificação, denominados variáveis. A variável de

(20) ALEXANDER Jr., C.N. - "Status perceptions"
American Sociological Review, 1942, vol.37,
767-773.

(21) STAVENHAGEN, Rodolfo - *Las classes sociales en las sociedades agrarias*. México, Siglo XXI Editores S/A, 1972, pg.26.

signa uma medida ou classificação submetida a certas regras formais. Nas ciências sociais o termo *variável* tomou sentido amplo e o uso foi introduzido para interpretar o resultado da participação de conjunto de objetos, segundo um ou vários critérios específicos. A *variável* tomada no sentido bem amplo, pode designar tanto um atributo dicotômico (sexo) como as partes de um conjunto de elementos não ordenados (cidade, instituições) ou ainda um atributo quantitativo (idade, renda). (22)

Tratando-se de *conceitos* e de *variáveis* tem-se, de um lado, que indagar como um conceito ou noção, oriundo da linguagem corrente ou da reflexão teórica sobre a realidade, pode ser traduzido em *medida*; de outro, esta proposição de *medida* a partir de *conceitos*, somente se verifica quando os observadores se põem de acordo sobre os vários aspectos da questão. A proposição teórica, ou de fato, supõe um acordo ou aceita-

(22) BOUDON, Raymond et Paul Lazarsfeld - *Le vocabulaire des sciences sociales*. La Haye Monton & Co., 1971, pg.2. A palavra *variável*, é oriunda da matemática e da física, teórica e foi retomada pelas ciências sociais.

ção inter-subjetiva sobre a classificação dos elementos envolvidos para a verificação. Torna-se indispensável um consenso quanto a classificar da mesma maneira um conjunto de casos; entretanto, este acordo nem sempre se consuma.

Críticas severas se interpõem às contribuições, não muito consistentes, ao nível das pesquisas realizadas à base de colocações extremamente subjetivas na escolha e tratamento das variáveis de identificação do *status* social, mesmo que esta colocação subjetiva seja fundada em múltiplas variáveis e submetidas a sofisticado tratamento. (23) Evidentemente a colocação objetiva e um tratamento multidimensional, à base de variáveis mensuráveis e quantificáveis, garantem maior segurança, maiores possibilidades de interpretação da própria realidade e, eventualmente, maior consenso em

(23) KLUEGEL, James R. e *al* - "Subjective class identification: a multiple indicator approach" *American Sociological Review*, 1977, vol. 42: 599 - 611.

tre especialistas. (24)

Visando a garantia de maior objetividade no estudo e maior clareza quanto às informações coligidas na investigação, foram tomadas, neste trabalho, as reservas e ^{PRECAUÇÕES} preocupações possíveis na identificação das variáveis indicadoras do status do estudante.

As classificações mais frequentes das categorias sociais, em termos de status social, têm se apoiado na riqueza, na atividade ocupacional, na educação, no parentesco, na religião e até mesmo nas características biológicas. (25) Das inúmeras variáveis foram escolhidas as que traduzem,

(24) HORWITZ, Hortense et Elias Smith - "L'interchangeabilité des indices socio-économiques" - Les vocabulaire des sciences sociales. Paris, Nouton & Co. 1971, pg.74. Os resultados deste estudo revelaram que a avaliação intuitiva, realizada por investigadores experimentados não difere substancialmente dos estudos objetivos (índices construídos a partir das características econômicas: posse de carro, de telefone e nível de escolaridade).

(25) HILLER, E.T. - op. cit., pg. 332.

em si mesmas, posições sociais conseguidas pelos indivíduos. Elas envolvem a própria natureza dos *status* adquiridos, sejam eles assumidos ou opcionais. Os *status* opcionais ou os adquiridos, uma vez assumidos obrigam os indivíduos a desempenharem seus papéis dentro dos limites dos padrões de comportamento e das normas das relações sociais prescritas e, sobretudo, a se prepararem, antecipadamente, incorporando e apreendendo padrões e normas pertinentes. (26) A escolha de três variáveis, capazes de, individualmente, situar a família do estudante num estrato social, recaiu na atividade ocupacional, na renda e na educação dos pais. Destas variáveis independentes decorrem o estilo de vida, o comportamento e até mesmo a perspectiva de vida. (27)

(26) FICHTER, Joseph, *op. cit.*, pg.94.

(27) ROSENBERG, Morris - *The logic of survey analysis*. New York, Basic Books, Inc. 1969. Neste estudo sobre auto-estima entre adolescentes, em função do status social dos pais, a renda, a educação e a ocupação foram escolhidos como indicadores., pg.60.

2.1. Atividade ocupacional

Tem-se tentado classificar os estratos sociais através do nível ocupacional, tomando-o como *status-chave* do prestígio social que a ele sempre se atribui; na verdade, os grupos de pessoas podem ser melhor descritos e identificados através da função e do papel exercidos no processo de produção da sociedade. Por razões históricas, sempre houve, realmente, uma certa associação entre situação social e ocupação exercida e isso resultou, inevitavelmente, no desenvolvivimento de padrões de adestramento e de educação para a habilitação nas áreas de profissão ou ocupação específica. (27) Desse modo a especialidade funcional oferece critérios para estabelecer a posição das ocupações e profissões na hierarquia social. As distinções de *classe* se apóiam essencialmente no *status*; porém, de modo indireto, na função ou

(27) DAHRENDORF, Ralf - "Recent changes in the class structure of european societies". *Dedalus*, 1964, vol.93, nº.1, pg. 225.

na atividade profissional. A ocupação não constitui, por si só, num indicador exato e completo do *status* do indivíduo, mas representa um indicador de especial aplicação nos estudos de estratificação social. Nas características definidoras do *status* e do papel profissional, entram em jogo, o nível de competência, a autoridade no campo de especialização, valor econômico e social em face da escassez desta especialização, a dificuldade de aquisição da habilitação, além de sua associação aos estilos de vida, de comportamento, aos padrões de dispêndio e de consumo. A atividade ocupacional determina vários aspectos relevantes das relações sociais e dos seus valores extrínsecos. Ela estende seus efeitos em áreas como, o montante de renda, propriedades, lugar de residência, lazer, responsabilidades, tipos de privilégios ou desvantagens que perfazem as experiências familiares ou individuais. A importância do *status* profissional é demonstrada, inclusive, pelo fato de, mesmo profissões não remuneradas, fornecerem base de classificação, por definirem um lugar na comunidade. (28)

(28) HILLER, op. cit. pg. 335.

Na situação profissional associada ao grau de dependência e de segurança pessoal no trabalho, bem como na parcela de autoridade ou de poder de decisão exercidos, podem ser incluídos outros critérios para se conseguir traçar os limites entre os estratos sociais à base deste indicador. Na estrutura hierárquica, quanto mais liberdade ocupacional, mais capacidade de decisão e liberdade de horário e quanto mais interessante o trabalho, tanto mais prestígio a pessoa auferir; quanto maior a renda percebida, também mais prestígio e liberdade são conseguidos. Nesse caso há uma certa congruência interna na própria situação de *status ocupacional*.

Na sociedade brasileira, como em qualquer outra, o sistema profissional realmente desempenha papel relevante na definição dos grupos de *status* e, por estar intimamente relacionado com a renda auferida envolve, implicitamente, numa definição também em *classes* de renda. Ao focalizar a ocupação principal do indivíduo estão sendo considerados os grupos profissionais definidos por um tipo de atividade que envolve uma forma de preparação com determinado nível de es

colaridade, e a garantia de retribuição sob a forma de *renda*. Nesse caso, não se estará observando diretamente o estilo de vida, a *influência*, o poder e o prestígio em si, mas aqueles elementos fundamentais que os *condicionam* nos diferentes estratos. A *classificação* apenas pela *ocupação* já envolveria, de certa forma, pelo menos, outras duas *variáveis* bem definidas, a *escolaridade* e a *renda*; entretanto, a identificação, *separadamente*, das três *variáveis*: *ocupação*, *escolaridade* e *renda*, atuando como *critérios objetivos*, asseguram maior validade ao *escalamento* sócio-econômico e atendem aos *alvos* da análise pretendida.

A escolha de uma *ocupação* está *submetida* a um certo grau de *opção* e o *indivíduo*, necessariamente, deverá *aprender* a *desenvolver* a atividade eleita; ele tem a *possibilidade* da *opção* e de *experimentar* tal atividade, cujos *requisitos* são *estabelecidos* por regras de *concorrência* e *normas* de *relações* sociais. Resolvendo-se a seguir uma *determinada* profissão por *vocação*, ou outro *interesse*, a pessoa torna-se *sujeita* a *certas* obrigações, mas também *adquire* os *direitos* inerentes já *prescritos*. Em face destas

características especiais e abrangentes, incluiu-se, entre os indicadores do *status*, a *atividade ocupacional* do pai do estudante, ou do responsável por ele.

2.2. Educação

Muitas pesquisas sobre os mecanismos determinantes da situação de prestígio *ocupacional* do indivíduo se concentram nos aspectos sociais de sua motivação, dada a importância e a influência que ele alcança. Supõe-se que o nível de motivação para a promoção ocupacional seja altamente influenciado pelos valores ligados às atividades ocupacionais e educacionais, específicos ao meio social e familiar, nos quais se situam os indivíduos. (29) Equivale dizer que, praticamente, estas duas variáveis bastariam para classificar uma família em termos de estratificação social. Além disso, alguns estudos apontam alta correlação positiva entre os níveis de aspiração de prestígio de

(29) SEWELL, William H., Archie O. Haller, Murray A. Straus - "Social status and educational and occupational aspiration"- *American Sociological Review*, vol.22, 1957, nº.1, pg.67.

status ocupacional e educacional de um lado, e todas as outras possíveis medidas (variáveis) de *status*, de outro. De fato, o processo educacional é, geralmente, avaliado em termos de sua capacidade global de promover ou estimular a ascensão de indivíduos e de grupos. Supõe-se que a educação, quanto mais elevada, qualifica o indivíduo para posições sociais mais altas e que, por si mesma, conduza ou consolide o processo de ascensão. Esta avaliação das possibilidades práticas da educação encontram-se associada à permeabilidade da estrutura social e da relativa flexibilidade dos seus canais seletivos.

Na verdade, o processo educacional opera na ordem competitiva, como mecanismo e como requisito de mobilidade que, associado aos demais processos de dinamização do sistema (industrialização, urbanização) impulsiona os movimentos individuais ou grupais no sentido de mudança da situação de origem. Na ordem social competitiva, os caminhos do êxito e da ascensão conduzem à busca de níveis de escolaridade cada vez mais altos. Assim sendo, o destaque que a educação possui, como fator de mobilidade, está re

lativamente associado ao tipo de estrutura social, seja em processo de transformação ou de consolidação.

Na impossibilidade de apreender, de modo global e abrangente a educação dos pais dos alunos, ateu-se ao *nível de escolaridade formal alcançado*, independentemente da época. O suporte desta opção reside no fato de a *educação formal* representar um valor e um objetivo relevante na elaboração do projeto familiar, visando assegurar posições aos filhos ou aos descendentes. Por outro lado, o estudo sistemático da mobilidade social em função das conseqüentes variações no *status* ocupacional, assim como das mudanças que ocorrem no *status social* global de uma família, motivadas pela elevação do nível de instrução escolar, permite reconhecer a eficiência externa do sistema escolar, do ponto de vista econômico e social. O nível ou o grau de escolaridade do pai do estudante, tomado como variável básica relevante, permitiu a construção de escala como instrumento de medida.

2.3. Renda

O significado decisivo da *riqueza*, apresentado pela *renda* e pela *propriedade*, na sociedade capitalista, evidencia-se no modo como esta envolve e abrange todos os setores sociais, dando origem a uma medida comum de distinção social. A *renda* apresenta-se como um dos principais sinais distintivos de posição social, como critério básico de *status* e parece mesmo suficiente para explicar o *status*. A sua importância se vê favorecida, tanto pelos mecanismos consuetudinários dos padrões de ostentação e de consumo, como por estar unida aos privilégios profissionais e ao poder político. O potencial financeiro pode ser convertido em comportamento socialmente aprovado, em poder, que por sua vez pode se traduzir por uma participação em estratos superiores. (30)

Além disso, a *renda*, a possibilidade financeira, o crédito, representam, na sociedade estratificada, elementos que podem suplantat até mesmo o controle e a posse da terra. Nesse caso, o processo de estratificação social

(30) HARTLEY, Eugene L., Ruth E. Hartley, *op. cit.*, pg. 71.

poderia ser exaustivamente estudado em termos dos meios pelos quais se organizam as estruturas de apropriação da *renda*.

A medição da *renda* pode ser, por estas razões, uma outra variável significativa no estudo da estratificação social dos estudantes universitários. Ela poderia estar distorcida pelas incorreções das informações obtidas e a este fato acrescentam-se as imperfeições do mercado de trabalho em que atuam os pais dos alunos, além das dificuldades estruturais da mobilidade ocupacional e conseqüente influência no fluxo de *renda*. Mesmo assim, pode-se tentar agrupar em faixas ou segmentos, os montantes de remuneração mensal média recebida pelos pais, transformados em unidades de salário mínimo, para a composição da *escala de status*.

3. ESCALAS DE STATUS

Identificadas as variáveis, inicia-se o processo de montagem de camadas mensuráveis, interpretadas por escalas, que se tornam instrumentos de identificação de *status*.

As escalas, frequentemente utilizadas com fins estatísticos, permitem organizar os dados das mensurações dos grupos sociais, através de critérios objetivos, tomados os devidos cuidados, de modo a minimizar distorções. A contribuição das técnicas de mensuração e escalonamento, como instrumentos de pesquisa social, reside na inferência de valores numéricos a partir das atitudes e do comportamento dos indivíduos. Estas técnicas se aplicam, conseqüentemente, aos dados empíricos previamente conhecidos, aos quais são atribuídos valores, segundo determinados critérios. Os procedimentos consistem em ordenar os dados empíricos correspondentes a uma série de itens da variável, dentro de um *continuum* que formará a *escala*. A escala é, então, um recurso de mensuração para os dados qualitati

vos ou atributivos, convenientemente transformados em séries quantitativas; deste modo, cada série se transforma, de um conceito teórico, em um conceito operacional.(31)

Como as escalas destinadas a classificar os universitários em níveis de status, derivam de conceitos - ocupação, educação e renda - certas exigências formais, destinadas a facilitar a interpretação e a manipulação da escala, tornaram-se indispensáveis: as classificações das variáveis deveriam ser unívocas, mutuamente exclusivas e exaustivas.(32) Para isso, foi necessário definir o continuum de cada variável, identificando a natureza do universo a ser ordenado em itens, o conhecimento do universo e a orientação dos itens. Definir o continuum no sentido de que os itens estariam distribuídos sem solução de continuidade e abrangendo todo o universo de itens ou conjunto de itens possíveis. A primeira etapa da construção da escala consistiu em fixar as condições sob as quais se identificariam os va

(31) FERRARI, A.T.-Técnicas e medidas de escalonamento na pesquisa social (mimeografado) pg. 1214.

(32) OLIVEIRA, Therezinha de F.R.-Estatística aplicada à educação, Rio de Janeiro, Livros técnicos e científicos editora S/A, 1977, pg.8.

lores extremos; em seguida, a composição dos *intervalos* de variação, de modo que os itens assumissem seus valores entre os valores extremos propostos; finalmente, a especificação das condições da ordem dos valores no interior do intervalo de variação dos itens. (33)

Embora, aparentemente, este aspecto da metodologia adotada se afigure de natureza mecânica ou técnica, não poderia deixar de ser observada, considerando-se a necessidade de correlação gradativa e associativa dos itens para formar o *continuum* e, conseqüentemente, a escala. Utilizou-se a ordem decrescente que segue o *continuum* dos itens, alinhados em coluna ou ordenados verticalmente.

3.1. Atividade ocupacional

A preparação da escala de *ocupação* afigurou-se a mais complexa, dada a dificuldade em se estabelecer o *continuum* das atividades, a partir do infindável volume de

(33) ZEIZEL, Hans- "Deux exemples de construction d'indice" *Le vocabulaire des sciences sociales* op. cit. pg. 209.

alternativas de funções, tarefas ou de profissões mais ou menos definidas. A tentativa de hierarquizá-las num *continuum*, esgotando as alternativas, exaustivamente, não apenas seria impraticável, como o resultado do trabalho não seria a construção de uma escala e sim de uma série nada operacional. A *escala*, necessariamente teria que ser uma *série* discreta, a partir de um *continuum* hierarquizado. Para evitar a construção de uma nova escala tendo de percorrer quase os mesmos caminhos e enfrentar os mesmos obstáculos encontrados por outros pesquisadores, julgou-se válido utilizar a escala ocupacional de Hutchinson. (34) Esta escala foi construída à base do *prestígio* e da *importância social* da ocupação exercida, formando uma *série* discreta, disposta em seis níveis e estabelecendo seis categorias de *status*. Cada categoria de *status* abrange atividades ocupacionais diferentes mas que permitem usufruir de igual ou semelhante grau de *prestígio*. Estas categorias compreendem um conjun

(34) HUTCHINSON, Bertran - "Origem sócio-econômica do estudante universitário", *Mobilidade e Trabalho, um estudo da cidade de São Paulo*, R.J., MEC/INEP, 1960: 17 a 74. Esta escala foi testada entre estudantes universitários, de São Paulo e Rio de Janeiro.

to de ocupações, em ordem decrescente de prestígio social e, de certa forma, implicitamente, de renda e de escolaridade.

A escala ocupacional de Hutchinson assim se distribui: (A)-altos cargos políticos e administrativos; proprietários de grandes empresas e assemelhados; (B)-profissões liberais; cargos de gerência ou direção, proprietários de empresas de tamanho médio; (C)-posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais, proprietários de pequenas empresas comerciais, industriais agro-pastoris; (D)-ocupações não manuais de rotina e assemelhadas; (E)- supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas; (F)-ocupações manuais especializadas ou assemelhadas e não especializadas. (Anexo II)

Desse modo, a *principal atividade remunerada* do pai do estudante foi codificada e o agrupamento destas ocupações, segundo a escala, ofereceu o quadro geral a seguir.

QUADRO I - Alunos da UNICAMP quanto à atividade ocupacional dos pais - 1978.

Categoria Profiss_ional	1971	1972	1973	1974	1975
A	45%	22%	17%	15%	20%
B	7%	10%	8%	8%	13%
C	12%	28%	29%	38%	27%
D	10%	13%	17%	19%	28%
E	19%	22%	25%	16%	10%
F	7%	5%	4%	4%	2%
Total	% 100%	100%	100%	100%	100%
Totais	N (1544)	(632)	(318)	(745)	(2333)

Fonte: pesquisa do autor

Observando-se os dados do Quadro I, constata-se que a categoria profissional A atingia a mais alta taxa do conjunto, em 1971, era a categoria predominante entre os pais dos alunos. Mas a partir de 1972 esta taxa decresce até tornar-se inferior à metade da taxa de 1971. As taxas de pais incluídos na categoria B mantem-se baixas e regulares, com pequeno acréscimo em 1975. As taxas das categorias C e D, crescem durante o período e, ao final apresentam-se superiores ao dobro da apresentada em 1971. As categorias E e F apresentam taxas decrescentes no período, no sentido semelhante ao das categorias A e B.

3.2. Educação

A escala de educação, consubstanciada nos níveis de escolaridade formal, teria sido a de mais simples construção, considerando-se a facilidade em se identificar os itens do *continuum*, à base do sistema institucional da educação brasileira. Seria o caso de construir uma escala identificando os anos de escolaridade do pai, ou mesmo os

meses ou os dias, mas a inviabilidade desta sistemática apresentou-se imediatamente, devido aos informantes, os filhos-estudantes, ignorarem estes detalhes ou particularidades da vida escolar dos pais. Logo, agrupar os itens do *continuum*, traçando limites para estabelecer níveis, constituiu tarefa complexa e difícil, especialmente levando-se em conta que a escolaridade está, historicamente, ligada às condições de distribuição da rede escolar em termos locais e regionais, de níveis ou graus e à política de oportunidades educacionais no país, de modo mais geral. As dificuldades e limitações para a obtenção de alguma escolaridade ou de atingir níveis mais altos de escolarização, foi e tem sido um problema realmente sério. Considerando-se as faixas etárias dos pais dos universitários, foram observados os vários aspectos destas limitações. A escala foi elaborada em níveis, no sentido decrescente e vertical, numa seqüência discreta, partindo do curso superior completo até o analfabeto. (35)

(35) Utilizou-se a nomenclatura vigente à época em que os pais dos alunos estudavam.

Quadro II - Alunos da UNICAMP quanto ao nível de instrução do pai-
1978.

Escolaridade	1971	1972	1973	1974	1975
Anal.fabeto	1%	1%	2%	1%	1%
Primário incompleto	15%	16%	18%	17%	18%
Primário completo	21%	29%	25%	22%	23%
Secundário incompleto	9%	10%	14%	15%	12%
Secundário completo	6%	7%	9%	8%	9%
Colegial incompleto	3%	3%	3%	3%	4%
Colegial completo	19%	13%	11%	15%	11%
Superior incompleto	10%	5%	4%	5%	4%
Superior completo	16%	16%	14%	14%	18%
Total	% 100%	100%	100%	100%	100%
Totais	N (1877)	(641)	(332)	(742)	(2575)

Fonte: pesquisa do autor

O nível de escolaridade dos pais, surpreendentemente, apresenta-se constante, durante o período; as variações não são expressivas, exceto a queda das taxas de pais com cursos de nível *superior incompleto*.

A percentagem de pais com escolaridade até o curso *secundário completo*, cresce de 52% para 63% durante o período, enquanto decresce, de 48% para 37%, a taxa dos pais com escolaridade acima do *secundário completo*.

3.3. Renda

A construção da escala de *renda* baseou-se no total de *rendimentos* auferidos pelo pai do estudante (não na renda familiar) transformados em valores de *salário mínimo mensal regional*, distribuídos em ordem numérica crescente e vertical, num *continuum* de valores mutuamente exclusivos. Esta série ordinal tem como extremos, a renda inferior a um *salário mínimo* e o limite máximo, de *mais de 20 salários*. Os dados de renda, obtidos num continuum, mesmo transformados numa série discreta de salários mínimos, não poderiam ser considerados, para efeito de *análise*

lise, sem que sofressem um tratamento de disposição ou de agrupamento, numa distribuição em classes. Numa primeira etapa, agrupou-se em 21 classes, com intervalos iguais.

Quadro III - Alunos da UNICAMP quanto à renda mensal média do pai, UNICAMP, 1978.

Classes de salários mínimos	1971	1972	1973	1974	1975
até 1 salário	18,0	12,2	9,1	2,0	1,1
1 — 2	26,0	23,8	20,0	12,3	5,0
2 — 3	23,4	20,0	17,9	15,7	10,9
3 — 4	9,6	9,0	6,0	10,0	6,0
4 — 5	6,0	8,0	6,0	3,0	4,3
5 — 6	4,0	8,0	8,0	5,0	6,1
6 — 7	2,0	5,0	9,0	5,0	6,8
7 — 8	2,2	4,5	5,0	3,5	3,4
8 — 9	1,8	2,0	2,5	6,0	4,6
9 — 10	1,6	1,5	2,5	6,0	6,1
10 — 11	1,5	1,6	2,0	3,0	3,9
11 — 12	1,0	0,5	2,4	4,0	3,4
12 — 13	1,0	0,4	2,0	3,5	4,0
13 — 14	0,2	0,3	0,9	3,2	4,3
14 — 15	0,2	0,2	0,6	4,0	4,2
15 — 16	0,1	0,2	0,6	4,1	7,3
16 — 17	0,1	0,2	0,4	3,0	4,0
17 — 18	0,0	0,3	0,8	0,7	3,2
18 — 19	0,2	0,0	0,4	0,6	1,0
19 — 20	0,0	0,2	1,4	0,4	1,4
mais de 20	1,1	2,1	2,5	5,0	9,0
Total	% 100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Totais	N (1675)	(639)	(283)	(645)	(2680)

fonte: pesquisa do autor

À simples observação desta escala constata-se o decréscimo das taxas de pais com rendas mais baixas e o aumento da taxa de pais com rendas mais altas. Os pontos extremos da escala revelam praticamente uma inversão, traduzindo uma situação de fato que poderia indicar uma crescente elitização dos pais, em termos de renda, caso o salário mínimo permanecesse inalterado . Mas, como o salário se desvaloriza a cada ano, embora reajustado, provoca a necessidade de maior volume de salários mínimos para manter a mesma situação financeira.

3.4. Análise de correlação.

Utilizando o modelo do teste do χ^2 e o coeficiente de contingência, tentou-se, primeiramente, verificar o grau de significação e associação existente entre as variáveis consideradas independentes - ocupação, escolaridade e renda - escolhidas como indicadores para a construção das escalas e, depois, relacioná-las à outras variáveis da mesma natureza (sócio-econômica). O objetivo consistiu em verificar se as três variáveis realmente mediam o mesmo fenômeno. Os valores de correlação, evidenciam que, não apenas as variáveis básicas se relacionam entre si, de maneira positiva, como também com as demais variáveis escolhidas como teste. A magnitude da correlação varia, mas o simples fato de os diversos itens que compõem o conjunto estarem interrelacionados, pode indicar que eles medem, pelo menos, alguma dimensão do *status* sócio-econômico.

A análise de correlação entre as variáveis básicas ou independentes, apresentou constantes valores de significativa intensidade. A associação entre *renda* e *atividade ocupacional* se revelou significativa em

todo o período, demonstrando que o rendimento varia em função da ocupação e vice-versa. Entre *renda* e *escolaridade* também se definiram valores inclusos na faixa de estreita correlação, o mesmo ocorrendo entre *ocupação* e *escolaridade*.

As variáveis que permitiriam ampliar os recursos de identificação da posição da família do aluno referiam-se, em primeiro lugar, à propriedade de bens móveis, e imóveis; *propriedade de firma* industrial ou comercial, propriedade rural, propriedade de residência, propriedade de carro de passeio; *tipo de escola* média cursada pelo aluno (pública ou particular) e outras de caráter não diretamente econômico, como: local de residência da família (em Campinas ou em outra cidade), local de procedência da família (rural ou urbana) e se o aluno trabalha ou não (como indicador de dependência dos pais). Estas variáveis consideradas, algumas não especificamente de natureza econômica, mas delas relacionadas, não são, evidentemente, exaustivas, outras poderiam ter sido incluídas, objetivando a análise de associação existente entre elas e as variáveis básicas. Registrou-se constante associação,

entre as *variáveis básicas* e as *variáveis* escolhidas como teste. O grau de associação entre as três *variáveis básicas* é sempre significativamente maior do que entre elas e as demais. O objetivo desta análise consistiu em comprovar que as *variáveis bási*cas estão *estritamente* relacionadas entre si e, *relativamente* relacionadas com as demais. Dadas as suas características amplas e abrangentes, as *variáveis básicas* dispensariam, em certa medida, as demais variáveis para medir ou situar os estudantes na hierarquia de *status*. Essas podem conservar-se em plano subsidiário ou mesmo de efeito aditivo, numa análise de situação de *status* social pois, uma observação mais detida, talvez venha a considerá-las realmente secundárias, ou mesmo reflexas das variáveis independentes.

A comprovação da interdependência entre as *variáveis*, permitiu assegurar que, se fossem utilizadas apenas as três escalas, elas seriam suficientes e significativas para indicar a posição ou o *status* social do informante.

Quadro IV - Correlação entre a ocupação do pai e outras variáveis de caráter sócio-econômico - UNICAMP, 1978.

Variáveis	1971	1972	1973	1974	1975	GL
Ocupação e escolaridade	0,43 403,74	0,64 441,46	0,67 256,44	0,39 129,12	0,58 114,03	40
Ocupação e posse de casa própria	0,11 23,00	0,15 15,96	0,19 12,84	0,13 11,92	0,11 27,56	5
Ocupação e propriedade de firma comercial ou industrial	0,23 101,04	0,33 77,58	0,38 54,37	0,24 43,03	0,10 22,21	5
Ocupação e propriedade de sítio ou fazenda	0,15 40,04	0,35 89,36	- -	- -	0,10 23,47	5
Ocupação do pai e propriedade de carro	- -	0,40 121,85	0,36 49,82	0,28 50,48	0,23 128,83	5
Ocupação e curso universitário frequentado	0,09 26,31	0,13 17,02	0,12 31,71	0,11 6,96	0,11 27,84	8

cont.

Variáveis	1971	1972	1973	1974	1975	GL
Ocupação e idade de ingresso na Universidade	0,15 43,72	0,25 43,72	0,34 43,13	0,23 41,74	0,17 69,23	30
Ocupação e local de residência da família	0,16 23,70	0,15 22,51	0,20 -	0,10 25,52	0,15 63,19	8
Ocupação e nacionalidade do pai	0,14 38,80	0,13 10,92	0,19 12,53	0,18 26,04	0,11 28,91	5
Ocupação e tipo de escola média frequentada pelo aluno	0,13 66,73	0,27 68,04	0,30 25,52	0,20 63,00	0,18 178,70	5
Ocupação e frequência a "cursinhos"	0,28 6,51	0,30 8,94	0,28 11,00	0,28 9,91	0,28 3,73	10

Fonte: pesquisa do autor

CC = Coeficiente de contingência

χ^2 = qui quadrado

GL - Graus de liberdade

Quadro V - Correlação entre a escolaridade do pai e outras variáveis de caráter sócio-econômico - UNICAMP, 1978.

Variáveis	1971	1972	1973	1974	1975	GL
Escolaridade e posse de casa própria	0,09 15,85	0,13 11,12	0,12 5,30	0,11 10,43	0,11 33,64	8
Escolaridade e propriedade de firma comercial e industrial	0,16 46,89	0,15 15,60	0,20 14,53	0,10 8,87	0,15 56,80	8
Escolaridade e propriedade de sítio ou fazenda	0,08 12,70	0,11 11,62	- -	- -	0,09 22,05	8
Escolaridade e propriedade de carro	- -	0,27 51,00	0,27 25,76	0,25 50,64	0,26 194,61	8
Escolaridade e curso universitário frequentado	0,15 43,00	0,17 20,12	0,20 14,81	0,20 24,36	0,14 54,74	16
Escolaridade e idade de ingresso na universidade	0,25 134,76	0,24 39,71	0,37 51,84	0,29 69,88	0,22 136,40	36

cont.

Variáveis	1971	1972	1973	1974	1975	GL
Escolaridade e local de residência da família	0,18 62,42	0,19 24,22	- -	0,22 39,26	0,16 67,41	16
Escolaridade e nacionalidade do pai	0,13 32,96	0,26 49,00	0,15 8,71	0,12 11,23	0,18 92,54	8
Escolaridade e tipo de escola média frequentada pelo aluno	0,13 34,12	0,28 56,94	0,23 18,43	0,20 33,68	0,20 112,84	16
Escolaridade e frequência a "cursinhos"	0,09 16,45	0,13 11,39	0,14 6,81	0,14 5,63	0,05 6,45	8

Fonte: pesquisa do autor

CC = Coeficiente de contingência

χ^2 = qui quadrado

GL = Graus de liberdade

Quadro VI - Correlação entre a renda do pai e outras variáveis de caráter sócio-econômico - UNICAMP, 1978.

Variáveis	1971	1972	1973	1974	1975	GL
Renda e ocupação	0,49 508,27	0,66 447,95	0,71 297,19	0,52 226,85	0,50 659,82	30
Renda e escolaridade	0,46 456,78	0,52 214,91	0,54 116,21	0,44 155,21	0,48 673,41	48
Renda e posse de ca sa própria	0,11 19,93	0,15 14,95	0,19 11,09	0,12 31,76	0,13 39,65	6
Renda e propriedade de firma comercial ou in dustrial	0,12 26,60	0,18 21,06	0,20 11,93	0,21 -	0,15 49,14	6
Renda e propriedade de sítio ou fazenda	0,15 42,94	0,14 12,26	- -	- -	0,21 102,10	6
Renda e propriedade de carro	- -	0,44 142,55	0,38 48,75	0,42 139,96	0,43 499,42	6

cont.

Variáveis	1971	1972	1973	1974	1975	GL
Renda e curso universi- tário frequentado	0,13 33,01	0,21 29,13	0,26 21,04	0,12 7,43	0,12 32,36	12
Renda e idade de ingres- so na universidade	0,17 54,66	0,28 49,91	0,37 44,93	0,34 86,36	0,21 111,20	12
Renda e local de resi- dência da família	0,18 59,31	0,22 30,41	- -	0,17 20,70	0,15 55,82	12
Renda e nacionalidade do pai	0,11 23,79	0,15 14,03	0,22 15,21	0,14 14,00	0,11 16,94	6
Renda e tipo de escola média frequentada pelo aluno	0,19 -	0,32 -	0,28 -	0,29 -	0,24 -	12
Renda e frequência a "cursinhos"	0,08 13,33	0,13 10,31	0,16 8,14	0,06 3,00	0,08 15,55	6

Fonte: pesquisa do autor

CC = Coeficiente de contingência

χ^2 = qui quadrado

GL = Graus de liberdade

Analisando cada tabela quanto à correlação entre as *variáveis básicas* e as *variáveis escolhidas*, podem ser destacados alguns aspectos:

1. Os valores das tabelas de *variáveis básicas* e a *propriedade de firmas comerciais ou industriais* apresentam-se na faixa de correlação baixa; constituem *variáveis*, constingencialmente, correlatas nas proporções indicadas, isto é, os pais que possuem este tipo de propriedade, naturalmente têm sua *ocupação* relacionada com ela. Em relação à *renda* e à *escolaridade*, a correlação se apresenta significativa mas não tão alta como no caso da *ocupação*. Ela sugere que a *propriedade de firma comercial e industrial* está relacionada à *renda auferida* e à *escolaridade*, de maneira menos estreita entre si do que à *ocupação*.

2. Os valores das tabelas de *renda, escolaridade e atividade ocupacional* em função da *idade de ingresso* na universidade revelam uma correlação baixa, mas muito significativa. Ocorre que os *estudantes de estratos mais altos* tendem a ingressar mais

cedo nos cursos superiores e as razões talvez estejam no tipo de atividade profissional dos pais onde o valor médio do coeficiente de contingência é um pouco mais alto; os recursos financeiros e o nível de escolaridade dos pais estariam também influenciando nas condições de educação e de formação dos filhos.

3. Quanto à relação existente com a variável *tipo de curso frequentado na universidade*, observa-se discrepância entre os valores, embora todos recaiam na faixa de baixa correlação. O nível de escolaridade do pai parece influir de modo moderado na escolha ou na opção profissional do estudante; enquanto a *ocupação* parece indicar menor correlação e a *renda*, menos ainda.

4. Os valores relacionados ao *tipo de escola média frequentada pelo aluno - pública, particular ou ambas -* indicam uma correlação razoável. A *renda*, a *escolaridade* e a *ocupação* atingem valores que revelam uma associação relativa entre a situação social dos pais e a escolha da escola a ser frequentada pelos filhos.

5. Embora a *posse de carro* se afigure como um dado não muito expressivo, dadas as relativas facilidades de sua aquisição, os valores de correlação pelo coeficiente de contingência demonstram que a sua posse está muito ligada ao poder aquisitivo, à *renda*, pois os valores atingem a faixa de substancial em todo o período e correlação *baixa e razoável* em relação à *ocupação* e a *escolaridade*.

6. Os mais baixos valores de correlação são encontrados entre as variáveis básicas e a *aquisição da casa própria, propriedade de sítio ou fazenda e frequência a cursinhos vestibulares*. Algumas razões poderiam, ser identificadas para justificar estas evidências. Por exemplo, em relação à *propriedade de residência*, os vários programas governamentais e particulares de estímulo à aquisição da casa própria, atingindo todas as camadas sociais, devem ter contribuído para diminuir o teor da correlação. Em relação à *posse de propriedade rural*, apesar de Campinas se inserir numa região das mais industrializadas, como a maioria dos alunos procede de outras cidades da região ou de São Paulo, não diminuem as possibili

dades dos pais serem proprietários de fazendas e de sítios. Os que declararam possuí-las, se referem a fazendas, sítios e certamente, incluem pequenas propriedades rurais não produtivas, destinadas a recreio e lazer. A frequência a *cursinhos* vestibulares apresenta-se fracamente relacionada à *renda*, à *escolaridade* e à *ocupação* dos pais, com valores semelhantes. Considerando-se, de um lado, a necessidade premente de frequentar estas escolas particulares e pagas, como recurso para ingresso nas universidades, e de outro, a existência de inúmeros programas de bolsas (totais ou parciais) oferecidas nestes cursos, de certa forma, os alunos de todos os estratos são atingidos pela *frequência aos cursinhos*, daí a baixa correlação entre as variáveis.

7. Incluiu-se a *nacionalidade*, embora não seja uma variável de caráter econômico, para verificar se havia alguma correlação entre ela e as três *variáveis básicas*. Isto porque na UNICAMP há um grande número de alunos estrangeiros e filhos de estrangeiros (18,8% em 1971). Julgou-se de interesse verificar até que ponto o fato de ser

estrangeito refletiria nas condições de ren
da, de escolaridade e ocupação do pai e vi
ce-versa. De fato, a correlação apresenta-se
 muito baixa no período e se traduz em inter
dependência mínima entre os dois fenômenos.

8. Uma observação de caráter ge
ral se justifica nesta análise: os valores
 de correlação apresentam-se sempre mais ele
vados nos anos de 1971 e 1975, justamente
 quando a pesquisa atingiu, praticamente, to
da a população estudantil e os valores mais
 altos tendem a situar-se no ano de 1975, de
monstrando, eventualmente, uma tendência a
 aumentar o grau de correlação entre as va
riáveis.

3.5. Síntese das escalas

Constatada a existência de asso
ciação, além da relação casual, entre as va
riáveis básicas, pode-se compreender e até mesmo
 interpretar, que elas sejam interdependentes;
 a ocupação engendrando renda e ambas possi
bilitando mais educação; a educação permitin

do melhor *ocupação* e *mais renda*, e assim por diante. Considerando as *variáveis básicas*, independentes mas, *interdependentes* entre si, tentou-se agrupá-las objetivando uma *síntese* a que se denominou *status*. Nesta etapa, ao invés de associar a *renda*, a *escolaridade* e a *ocupação*, de *per se*, às outras *variáveis*, tentou-se reuní-las numa categoria única para depois relacioná-las às outras *variáveis* escolhidas para teste. Esta operação equivaleria à observação do *status* do *informante* ou da sua *posição social*, resultado do conjunto dos três indicadores básicos, em relação a outros indicadores representados por *variáveis dependentes*. Esta *síntese* objetivou evidenciar que *as três escalas propostas reunidas numa só*, podem ser *confrontadas com variáveis de outra natureza*.

Nesta etapa de tentativa de *síntese*, visando situar o aluno numa *posição social* ou *status global*, optou-se pela possibilidade de relacionar esta *posição* com outras *variáveis* que representam aspectos *particulares*, alguns mais afetos à *família*, *separadamente* de outros, mais pertinentes aos *estudantes*. Algumas delas já foram *utiliza*

das anteriormente, como teste das variáveis básicas, tratadas de *per se*.

Quadro VII - Correlação entre *status social* dos pais e algumas variáveis sócio-econômicas - UNICAMP, 1978

Status/Variáveis	1971	1972	1973	1974	1975	GL
Status X propriedade de residência	0,99 14,62	0,16 14,83	0,23 16,72	0,16 16,38	0,12 28,90	12
Status X propriedade industrial ou comercial	0,12 21,23	0,24 36,75	0,32 31,71	0,21 27,56	0,15 42,91	6
Status X propriedade rural	0,41 28,57	0,16 14,74	-	-	0,44 38,81	6
Status X propriedade carro passeio	-	0,38 99,54	0,36 33,25	0,36 88,18	0,31 197,72	6

Fonte: pesquisa do autor

CC = coeficiente de contingência

χ^2 = qui quadrado

GL = Graus de liberdade

Analisando cada caso de correlação, conclui-se pela confirmação das observações efetuadas nas tabelas analíticas anteriores; confirma-se, inclusive, a efetiva associação do *status* e as demais variáveis consideradas. As formas de propriedade de bens móveis e imóveis (casa própria, carro, propriedade industrial, comercial, rural) apresentam-se associadas à situação de *status* da família, de modo constante, embora não muito expressivo.

Paralelamente aos cálculos de correlação entre indicadores de natureza propriamente sócio-econômica, outros elementos de caracterização mais pessoal do aluno, foram também considerados de interesse, como indicadores.

O fato de estar seguindo o curso que pretendia ou que almejava, também está associado ao *status* familiar de modo quase irrelevante. Enquanto isso, a relação entre o *status* da família e curso frequentado pelo aluno, ou seja, a correlação entre a opção profissional e o *status social* da família alcança uma proporção bem maior; poder-se-ia interpretar o fato como uma associa-

ção, relativamente estreita, entre o *status social* da família e a escolha da carreira a ser seguida pelos filhos. A frequência a *cursinhos* vestibulares e a situação social estão inexpressivamente associados, fato compreensível, considerando-se que os cur sos são altamente competitivos, levando os candidatos a melhor se prepararem, independentemente da situação social.

Estes elementos acompanham os de mais, no bojo dos indicadores de caráter sócio-econômico, mas então mais próximos dos alunos e, na realidade, dependeriam exclusivamente do estudante, se fosse possível. É o caso de *trabalhar* ou não, durante o curso universitário (que é diurno e de tempo integral). A associação se apresenta não muito significativa entre o *status so*cial da família e o fato de trabalhar; pode ocorrer que os poucos alunos que trabalham, talvez nem sempre o façam por razões econômicas.

Quadro VIII - Correlação entre status social e variáveis de caracterização do estudante - UNICAMP, 1978.

Variáveis	1971	1972	1973	1974	1975	GL
Status X trabalho e estudo	0,19 62,00	0,26 40,92	0,25 18,56	0,07 3,23	0,25 42,90	6
Status X tipo de escola média frequentada	0,20 62,91	0,29 53,27	0,28 23,81	0,28 50,81	0,23 104,64	12
CURSO Status X tipo frequentado	0,25 103,56	0,36 89,38	0,54 118,18	0,39 69,32	0,27 147,45	66
Status X está seguindo o curso pretendido	0,09 13,18	0,08 3,55	0,13 5,36	0,16 15,64	0,09 17,17	6
Status X frequência a cursos	0,03 1,91	0,11 7,27	0,21 12,91	0,10 6,26	0,05 4,62	9

Fonte: pesquisa do autor

CC = coeficiente de contingência

χ^2 = qui quadrado

GL = Graus de liberdade

3.6. Escalonamento em três níveis

O escalonamento desigual, na construção das escalas, apresentou-se não muito operacional, aos alvos pretendidos. Cada escala continha número diferente de itens ou de alternativas. Portanto, a partir do estudo de vários critérios, tentou-se reagrupar ou reescalonar cada escala, compondo um quadro geral de apenas três níveis: alto, médio e baixo. Desse modo, a partir das escalas analíticas, obteve-se uma síntese em três níveis que englobaram todas as alternativas e, conseqüentemente, o continuum inicial se transformou numa série ainda mais discreta.

As escalas originais, analíticas compreendiam os dados que compõem o Quadro IX.

Até esta etapa o status do estudante teve caráter indiferenciado, sem conotação de hierarquia. Apenas foram verifi cadas as possibilidades de fusão das três escalas para configurar o status global do estudante e observar a possível associação entre este status global com outras variá

veis. Iniciou-se então a etapa de escalona
mento do *status*, diferenciação hierárquica,
a partir das escalas.

Quadro IX - Itens básicos das escalas de ocupação, escolaridade, escolaridade e renda.

Nº	Ocupação	Escolaridade	Renda (salários mínimos)
1	A	analfabeto	menos de 1 salário
2	B	primário incompleto	1
3	C	primário completo	2
4	D	secundário incompleto	3
5	E	secundário completo	4
6	F	colegial incompleto	5
7		colegial completo	6
8		superior incompleto	7
9		superior completo	8
10			9
11			10
12			11
13			12
14			13
15			14
16			15
17			16
18			17
19			18
20			19
21			mais de 20

A escala de *atividade ocupacional* tornou-se a mais simples quanto ao rearranjo dos níveis; reuniram-se as duas primeiras categorias profissionais num só nível, alto; a terceira e a quarta categorias com puseram o nível médio e as outras duas com pletaram o nível *baixo*.

Depois de discutidos e analisados os vários aspectos da escolaridade, foi possível o agrupamento dos itens da escala de *educação formal*, também em três níveis. Esta escala permitiu a seguinte síntese: no nível *baixo* estariam incluídos os alfabetos até os portadores de curso primário incom pto; o nível *médio* abrangeria os pais por tadores de curso primário completo até o colegial incom pto; o nível *alto* inclui ria os portadores de curso colegial comple to até o curso superior completo.

Para este escalonamento foram con sideradas as faixas etárias dos pais dos alunos e observados vários aspectos quanto as possibilidades de obtenção de escolaridade. Ocorre que, historicamente, a distri buição da rede escolar, ~~geográficos~~, em ter mos de níveis ou graus, de natureza técni-

ca, teórica, sempre estiveram ligadas às condições de desenvolvimento econômico, social, cultural, urbanização e, naturalmente, a uma política de oportunidades educacionais de modo mais geral. Até bem pouco tempo, a rede escolar se distribuía de tal modo esparsa e descontínuo, que em termos de educação brasileira, alcançar o curso primário completo, consistia quase um privilégio. Como a média de idade dos estudantes se situa nos 22 anos, presumiu-se que os pais destes alunos estariam com idade acima da faixa etária de 44 anos, tendo cursado escolas, no mínimo, há 25 anos, quando as condições educacionais não propiciavam atingir níveis mais altos de escolarização, dada a limitada extensão e o custo da rede escolar, mesmo no Estado de São Paulo. (37)

A síntese da escala de renda tornou-se a mais difícil de ser elaborada por várias razões. Primeiramente, observando-se os resultados do Quadro III verifica-se que, independentemente dos reajustes anuais de salário mínimo, tende a aumentar o volume de pais com salários médios e altos e a dimi

(37) RABELLO, Ophelina - *O estudante universitário*, op. cit., pg. 3.

nuir o número de pais com salários mais baixos. Aparentemente, poderiam estes dados representar um aumento do volume de estudantes procedentes de famílias de maiores rendas, mas também pode ocorrer que, embora o valor nominal do salário aumente a cada ano, em termos reais ou de poder aquisitivo, ele não corresponda ou não acompanhe o índice de custo de vida real, daí a necessidade de mais salários mínimos, à cada ano.

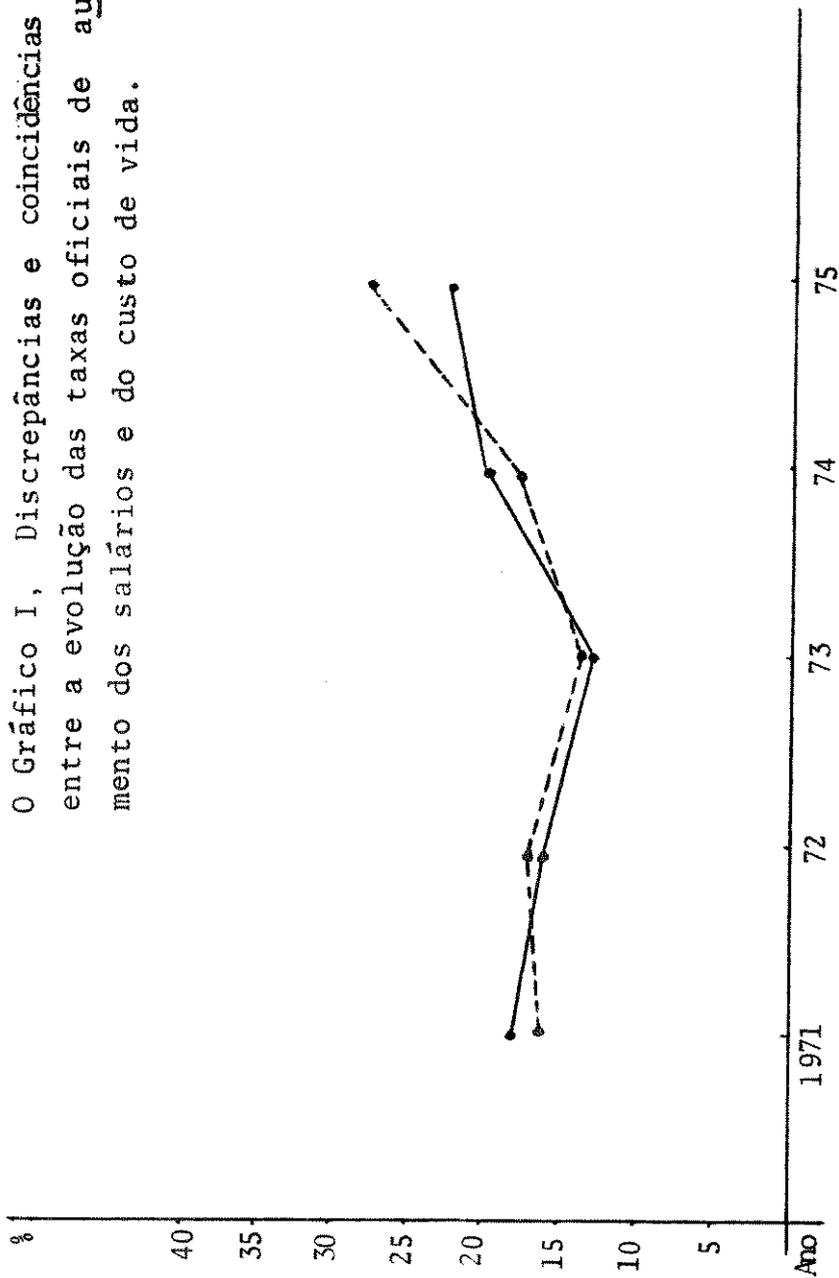
Observe-se o quadro onde se evidenciam as discrepâncias entre as taxas de crescimento anual do valor nominal do salário mínimo e as taxas anuais de custo de vida oferecidas por órgão oficial especializado. (38).

(38) Fundação Getúlio Vargas, "Índices econômicos regionais" - *Conjuntura econômica*. Rio de Janeiro, vol. 31, nº.2, fevereiro, 1977, pág. 324.

Quadro X - Crescimento anual das taxas dos salários e das taxas de custo de vida em São Paulo - 1978. (39)

Ano de a partir de 1/5	Taxa de aumento	Valor nominal Cr\$	Taxa de custo de vida
1971	16,8	225,00	17,4
1972	16,3	268,80	15,3
1973	13,9	312,00	13,3
1974	17,2	376,80	20,2
1975	29,3	532,80	23,2

O Gráfico I, Discrepâncias e coincidências entre a evolução das taxas oficiais de aumento dos salários e do custo de vida.



Embora as discrepâncias existentes não sejam gritantes, convém observar o volume crescente de pais de alunos nas faixas de salários cada vez mais altos. (*) Tudo indica que houve baixa no poder aquisitivo, havendo então, a necessidade de maior número de salários mínimos para aquisição dos mesmos bens. Por outro lado, os pais que percebiam, um certo número de salários mínimos em 1971, passaram a receber um número maior de salários em 1975, além de terem o valor nominal dos seus salários elevados. Por esta razão, a cada ano impõe-se a necessidade de reajuste nos limites dos três estratos ou níveis. Devem ser deslocados os limites extremos de cada nível do conjunto e este reajuste precisa ser anualmente elaborado, em função das discrepâncias de fato existentes entre os índices de custo de vida e taxa de aumento do *salário mínimo*.

A alternativa escolhida para estabelecer o limite superior de cada estrato foi o critério do real poder aquisitivo proporcionado pela *renda*; ou seja, da capacidade de compra de bens essenciais à subsistência. A *renda* é considerada *baixa*, quando

(*) Ver Quadro III, pg. 57

distribuída entre as despesas indispensáveis, obrigatórias, essenciais à sobrevivência (moradia, alimentação, vestuário, transporte) não permite sobras ou poupança; ou quando a renda dividida entre estas despesas, apresenta-se *insuficiente* ou ainda, seria necessária uma suplementação, de modo a aumentar os recursos para fazer face a estes gastos fundamentais ou essenciais à subsistência.

A *renda média* é aquela que permite a aquisição dos bens essenciais e alguns bens considerados supérfluos ou permite até alguma poupança. A *renda considerada alta* possibilita a posse de bens essenciais, bens supérfluos ou dispensáveis, aquisição de bens para efeito de *demonstração*, permite poupança, que pode ser traduzida sob inúmeras formas (aquisição de propriedades, investimentos, viagens etc).

Os quadros que se seguem esquematizam e destacam os limites da escala de *renda*, visando acompanhar sua compatibilização com a queda constante do valor real dos salários. Nesta seqüência de quadros verificam-se os necessários ajustes anuais desta escala, tendo como referencial a tentativa

de busca dos valores reais da *renda*, em função do seu poder aquisitivo.

A análise do poder aquisitivo do salário levou a considerar como estrato baixo, a renda global, em 1971, de até \$900,00 ou seja, quatro salários mínimos no valor de cr\$ 225,00 mensais. Mas, em 1972, quatro salários no valor de \$ 268,80 mensais totalizando Cr\$ 1.075,20, já não tinham o mesmo poder de compra de 1971. Daí por diante, foi necessário ampliar a faixa de salários à cada ano e, em 1975, para totalizar Cr\$ 4.262,40, atingiu-se a faixa de oito salários mínimos, ou seja, o dobro dos salários de 1971.

Conforme se pode verificar no Quadro XI, onde se visualizam os limites dos estratos que se deslocam no período, amplia-se o estrato baixo com o acréscimo de uma classe de salário, isto é, o estrato se amplia com a faixa do salário seguinte. Desse modo, este estrato, à cada ano, tem seu volume de *renda* aumentado, num determinado percentual superior à taxa de aumento do salário mínimo.

Em relação ao estrato médio, a análise

análise permitiu estabelecer, em 1971, seis classes de salários mínimos, ou seja, de 4 a 11. Logo, os pais incluídos no estrato médio, deveriam perceber, em 1971, de \$900,00 a \$2.250,00. Entretanto, em 1975, se considerada a mesma amplitude de 6 classes, a situação seria de um estrato compreendido por Cr\$ 4.262,40 a \$7.992,00. Este estrato teria aumentado em 4 anos apenas em 51,5%; enquanto o estrato baixo teria aumentado na ordem de 61,6%.

O Quadro XI revela que, mesmo sendo mantido o critério de incorporar, à cada ano, a classe seguinte, do estrato superior, restaria uma distorção em termos de valores de renda; veja-se que a taxa de aumento de renda no estrato médio, permanece inferior, ao aumento da taxa do estrato baixo, em todo o período.

Observe-se que, se forem adotados os mesmos critérios para a ampliação dos limites inferior e superior, mantendo a amplitude do intervalo, isto é, mantendo 6 classes no estrato médio, as taxas anuais de aumento dos estratos serão muito discrepantes fazendo-se necessária outra correção, buscando um certo equilíbrio entre as taxas

Quadro XI - Escala de renda com os limites dos estratos e taxas anuais de ajuste salarial - UNICAMP, 1978.

Ano	Estrato C	Taxa de aumento anual	Estrato B	Taxa de aumento anual	Estrato A
1971	até 900,00		900,00 — 2.250,00		mais de 2.250,00
1972	até 1.340,00	48,8	1.340,00 — 3.225,00	41,3	mais de 3.225,00
1973	até 1.872,00	39,7	1.872,00 — 4.056,00	25,7	mais de 4.056,00
1974	até 2.637,60	40,8	2.637,60 — 5.275,20	30,0	mais de 5.275,20
1975	até 4.262,40	61,6	4.262,40 — 7.992,00	51,5	mais de 7.992,00

Fonte: Pesquisa do autor

de aumento anual da amplitude do intervalo da camada *média*, através do deslocamento do limite superior. Isto porque, em *termos de volume de renda*, estas taxas anuais não correspondem ao critério fundamental, que consiste no pode aquisitivo da renda. Os intervalos entre os limites do estrato médio precisam ser mais altos para se conformarem com os valores reais do salário. O Quadro XII demonstra como se pode tentar corrigir, em parte, esta distorção, ampliando o limite superior do estrato *médio*.

Quadro XII - Escala de renda com os limites dos estratos e taxas anuais de reajuste- UNICAMP, 1978.

Ano	Limite superior do estrato C	Taxa de aumento anual	Limite superior do estrato B	Taxa de aumento anual	Estrato A
1971	900,00		2.250,00		acima de 2.250,00
1972	1.340,00	48,8	3.225,60	43,3	acima de 3.225,60
1973	1.872,00	39,7	4.368,00	35,4	acima de 4.368,00
1974	2.637,60	40,8	6.028,80	38,0	acima de 6.028,80
1975	4.262,40	61,6	10.123,20	67,9	acima de 10.123,20

Fonte: Pesquisa do autor

Observe-se que, mesmo com o reajuste, nem sempre as taxas alcançam o mesmo nível; tentou-se a aproximação, porque, se se incorpora ao estrato médio, a classe de salário seguinte, ultrapassa-se um pouco, o nível de taxa de aumento já obtido no estrato *baixo*. Desse modo, os estratos, *baixo* e *médio* e por conseguinte, o estrato *alto*, mantêm relativa semelhança em termos de taxa anual de aumento que, traduzida em *renda*, permite verificar o real poder de compra, em cada estrato.

O Quadro XIII esclarece um pouco mais os critérios adotados no ajuste dos estratos.

Quadro XIII - Quadro analítico da escala de renda com intervalos iguais e intervalos ajustados - UNICAMP, 1978.

Renda (Salários mínimos)	1971	1972	1973	1974	1975
até 1 salário					
1 2					
2 3					
3 4					
4 5		48,8%			
5 6			39,7%		
6 7				40,8%	
7 8					61,6%
8 9					
9 10					
10 11		41,3%			
11 12			25,7%		
12 13		43,3%		30,0%	
13 14					51,5%
14 15			35,4%		
15 16				38,0%	
16 17					
17 18					67,8%
18 19					
19 20					
mais de 20					
Total					

fonte: pesquisa do autor

———— = intervalos de classes iguais

~~~~~ = intervalos de classes ajustados

Ao se adotar um critério rígrado de intervalos iguais, a taxa de aumento do volume de renda do estrato *baixo* e do estrato médio apresentaram-se muito discrepantes, mas, ao adotar-se critério mais flexível de ampliação das classes dentro do estrato médio, até atingir uma aproximação com a taxa de ampliação da renda, no estrato *baixo*, alcança-se um relativo equilíbrio, conseguindo-se que o *poder de compra* da renda se *torne mais ou menos igual* em cada estrato, no período.

Superadas as dificuldades, no esforço de síntese das escalas, foi possível elaborar o quadro geral com as três escalas em três níveis de *status*. Desse modo, o aluno cujo pai, por exemplo, exercesse uma atividade profissional inclusa nas categorias C e D da escala de Hutchinson, tivesse obtido uma escolaridade formal compreendida entre o curso primário completo e o colegial incompleto e, percebesse, de mais de 8 a 19 salários mínimos, em 1975, estaria inclido no grupo de *status* social médio, usufruindo privilégios, direitos e regalias, como também deveres e compromissos corresponden

tes a este nível de *status* ou participando de um grupo de *status* formado por pessoas que se situam neste mesmo nível.

Quadro XIV - Esquema das escalas de *status* - UNICAMP, 1978.

| Status | Ocupação | Escolaridade                                                          | Renda (1975)                    |
|--------|----------|-----------------------------------------------------------------------|---------------------------------|
| Alto   | A e B    | curso colegial completo (2°. grau) até o superior (3°. grau) completo | mais de 19 salários mínimos     |
| Médio  | C e D    | curso primário completo até o colegial (2°. grau) incompleto          | mais de 8 a 19 salários mínimos |
| Baixo  | E e F    | analfabeto até curso primário incompleto                              | até 8 salários                  |

Fonte: Pesquisa do autor

Numa segunda etapa de síntese, à base das escalas de *status* construídas, segundo os critérios descritos, cujos limites foram testados no período de observação, pôde-se obter o resultado global representado no quadro seguinte.<sup>(xv)</sup> Nesta configuração sintética, estabeleceram-se as taxas correspondentes ao volume de estudantes distribuídos, teoricamente, nos três níveis: *alto*, *médio* e *baixo*, durante o período.

No Quadro XV, à observação mais superficial, ressalta o persistente crescimento do estrato *médio* em detrimento do estrato *baixo*, enquanto o estrato *alto* consegue manter-se razoavelmente. O Gráfico II, tanto permite visualizar o comportamento das curvas referentes a cada ano, como facilita a observação das mudanças ocorridas na composição social do quadro discente, no período. (Gráfico II)

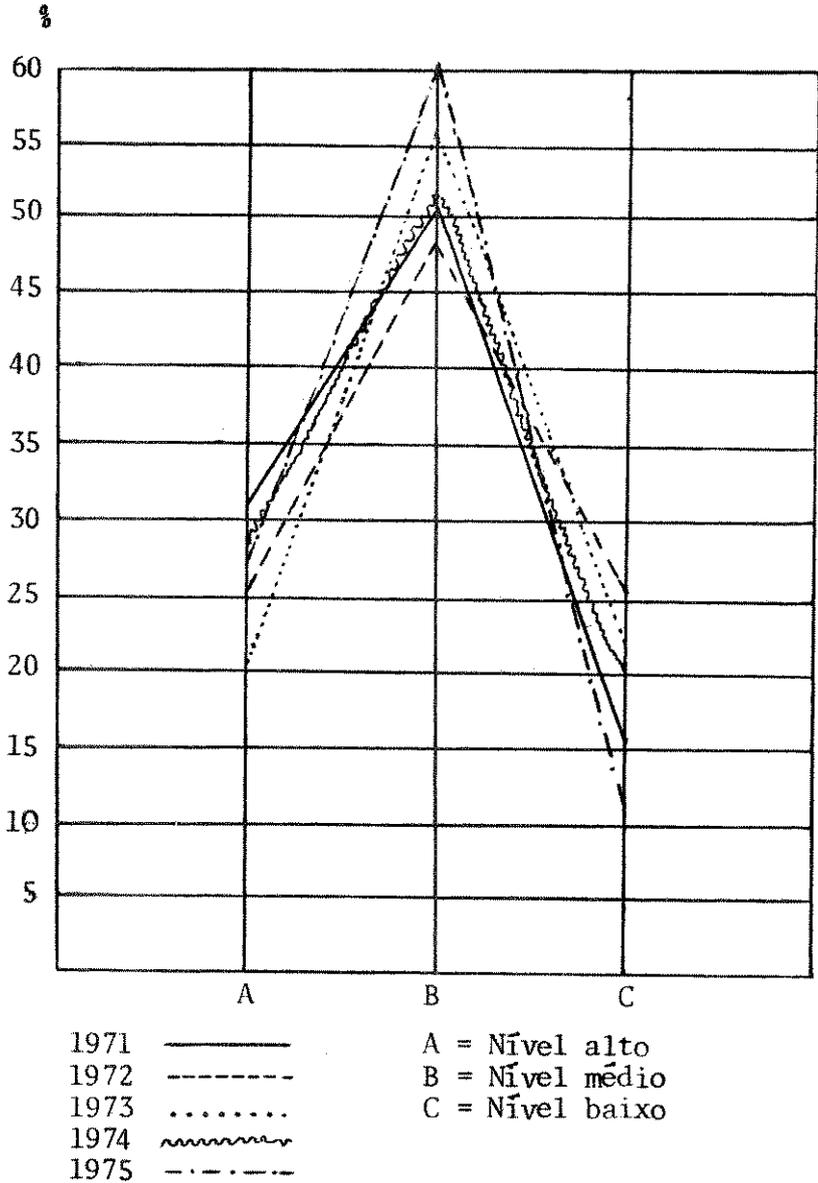
O aspecto relevante a considerar neste estudo, não consiste em descer à descrição ou à análise em profundidade dos dados obtidos, o que seria possível e válido, mas, tentar enfatizar a possibilidade de abstrair-se dos dados e considerar a coluna referente à cada ano, como se ela contivesse os resultados da pesquisa de uma população estudantil de outra escola, situada em qualquer outro local. Partir, não dos dados numéricos mas da conceituação e da metodologia, consubstanciada nos critérios e escalas e tentar inferências como: a) é possível mensurar e classificar a categoria social - *estudante universitário*, em níveis de *status* social numa situação de socieda

Quadro XV - Status social dos estudantes da UNICAMP, 1978.

| Nível de Status | 1971 |       | 1972 |       | 1973 |       | 1974 |       | 1975 |       |
|-----------------|------|-------|------|-------|------|-------|------|-------|------|-------|
|                 | Nº   | %     |
| A               | 431  | 32,3  | 142  | 26,0  | 57   | 21,2  | 151  | 27,4  | 457  | 25,6  |
| B               | 684  | 51,4  | 259  | 47,5  | 149  | 55,4  | 281  | 50,9  | 1082 | 60,6  |
| C               | 218  | 16,3  | 144  | 26,5  | 63   | 23,4  | 120  | 21,7  | 246  | 13,8  |
| Total           | 1333 | 100,0 | 545  | 100,0 | 269  | 100,0 | 552  | 100,0 | 1785 | 100,0 |

Fonte: Pesquisa do autor

Gráfico II - Estratificação social dos alunos da UNICAMP de 1971/1975, Campinas, 1978.



de estratificada; b) é possível estabelecer comparações entre os estudos realizados, desde que os conceitos e a metodologia permaneçam os mesmos durante a pesquisa e o tratamento dos dados; c) é possível uma análise de conjunto, dos resultados obtidos em pesquisas empíricas efetuadas, por existir uma base comum, invariável e a possibilidade de aparar as diferenças e peculiaridades durante a coleta de dados; d) é possível utilizar a classificação dos estudantes através das *escalas de status*, como *instrumento de referência* (ou como parâmetro) aos estudos e pesquisas, inclusive, na análise de atitudes e de comportamento expresso.

## 4. INCONSISTÊNCIA DE STATUS

Ao se definir, objetivamente, o *status*, em função de três escalas, apresentam-se alternativas intermediárias e, pelo menos, cada um dos três estratos pode ser analisado, não apenas em termos de dimensão vertical, da estratificação, mas das discrepâncias surgidas entre os níveis das escalas. Ocorre que, nas sociedades complexas, os indivíduos ocupam multiplicidade de *status*, alguns deles ordenados e coerentes, outros com falta de ordem e coerência ou congruência entre os vários *status* ocupados. Esta discrepância leva-os a situar-se em diferentes posições nas escalas, gerando a situação de *inconsistência de status*. Se cada membro da sociedade ocupasse somente um *status* ou os seus vários *status* fossem avaliados e reconhecidos de modo semelhante, todos os membros da sociedade, por definição, teriam exclusivamente, *status consistentes*.

A noção de *status inconsistente* definida por Lenski, como uma dimensão não hierarquizada da estratificação social, mas que dela emerge, como propriedade estrutu

ral do sistema de estratificação global, tem causado muita polêmica entre os pesquisadores. O trabalho central de Lenski foi um estudo original, onde a hipótese básica testada foi a de que o indivíduo caracterizado como tendo um baixo grau de *status* congruente difere, significativamente, em atitudes e comportamento político, dos indivíduos caracterizados como tendo alto grau de cristalização de *status*.

Segundo ele, os graus de *status inconsistente*, considerados como uma dimensão não vertical da estratificação, podem afetar o comportamento do indivíduo e, possivelmente, manifestar-se, independentemente do *status* ocupado na dimensão vertical. (38)

Desde então, grande número de pesquisadores têm tentado testar esta proposição empiricamente, utilizando várias abordagens e técnicas analíticas. Os pesquisadores têm acumulado informações, desenvolvendo o que se poderia denominar de *teorias de con*

---

(38) LENSKI, Gerhard E. - "Status crystalization: a non-vertical dimension of social status". *American Sociological Review*, 1954, vol.19: 405 - 413.

*sistência social* e, sob este rótulo, incluem-se vários estudos como os de Goffman (1957) que encontrou validade na proposição de Lenski; os de Blau (1960) que acrescentou a idéia de efeitos de composição ou de efeitos estruturais, conforme o retrospecto de Hornug. (39) Jackson (1962) chamou a atenção para a dimensão de outros padrões de inconsistência envolvidos (40), assim como Sampson (1963). (41) Treiman (1966) em seu trabalho, também retrospectivo, citando os estudos de Gibbs e Martin (1964) e Barry (1965), chama a atenção para a importância do fator étnico na análise de Lenski, por ele haver ignorado a associação e as acentuadas discrepâncias existentes entre *status* étnico e *status* sócio-econômico. (42) Os trabalhos nesta di

- 
- (39) HORNUG, Carlton A. - "Social status, status inconsistency and psychological stress". *American Sociological Review*, 1977, vol.42: 623 - 638.
- (40) JACKSON, Elton F. - "Status consistency and symptoms of stress". *American Sociological Review*, 1962, vol.27: 120 - 129.
- (41) SAMPSON, E.E. - "Status congruence and cognitive consistency". *Sociometry*, 1970, vol.33, 347 - 357.
- (42) TREIMAN, Donald J. - "Status discrepancy and prejudice". *American Journal of Sociology*, 1966, vol.71, 651 - 664.

reção têm se mostrado contraditórios e Hope, procurando defender a teoria de Lenski pondera que *status* social e *status* social *inconsistente* são conceitos inerentes, erguem-se e caem juntos e, que constitui um paradoxo da pesquisa empírica, tentar testar a existência dos efeitos do *status in* *consistente* enquanto ainda se rejeita a dimensão não vertical do *status*. (43) Desse modo o conceito de *inconsistência de status* vem crescendo no escrutínio teórico e metodológico, provocando polêmica entre pesquisadores que, metodológica e estatisticamente apontam, os efeitos da *inconsistência* como tipo de interação social de natureza peculiar.

Tentou-se atingir a caracterização social do estudante em termos de *incon* *sistência* de *status*, a partir dos dados obtidos, através das *escalas de status* e da elaboração da tabela de *status* simples. Os critérios adotados também se firmaram na congruência das posições alcançadas nas três escalas, nos vários níveis.

---

(43) HOPE, Keith "Models of status inconsistency and social mobility effects".  
*American Sociological Review*, 1975, vol.40:  
 322 - 343.

No caso de coerência ou concordância entre os níveis nas três escalas, está evidenciada a presença de *status* inconsistente e, se a coerência atinge apenas duas das três escalas, conclui-se pela situação de *status* inconsistente. Logo, no estrato inconsistente, o informante sempre se situa, no mesmo nível, em 2 escalas, seja qual for o nível. Se a posição do informante em cada uma das escalas, se afigura diferente, a sua situação de *status* passa a ser considerada indefinida ou indeterminada.

Esta classificação hierárquica, segundo as escalas, depois de ultrapassadas todas as etapas de tratamento dos dados, se define em termos de estratos *alto*, *médio* e *baixo*, com as situação intermediárias de inconsistência.

Procurando aprofundar a análise dos dados, em termos de inconsistência de *status* dos alunos da UNICAMP, tomou-se, como exemplo, o ano de 1975. Inicialmente, tem-se a caracterização de cada nível.

Nível alto consistente (AAA)

Neste nível incluem-se os pais dos alunos cuja *renda* mensal média ultrapassa a 20 salários mínimos vigentes na região; com *escolaridade* de nível médio a superior completos e situados nos mais altos níveis da *escala ocupacional*, desempenhando funções ou ocupando altos cargos políticos, administrativos, proprietários de grandes e médias empresas ou profissionais liberais.

Nível alto inconsistente (AA?)

Os critérios permanecem os mesmos do nível *alto consistente*, podendo, em uma das três escalas, apresentar nível diferente, não importando qual delas.

Nível médio consistente (BBB)

Neste nível incluem-se os pais com *rendimento* mensal médio de (11 a 19) salários mínimos da região; com *escolaridade* primária completa até o colégio incompleto ou equivalente e desempenhando uma ativida

*de ocupacional* ligada a supervisão, inspeção de ocupações não manuais e proprietários de pequenas e médias empresas.

Nível *médio inconsistente* (BB?)

Os critérios são os mesmos do *status médio consistente* podendo apresentar nível diferente em uma das escalas.

Nível *baixo consistente* (CCC)

Neste nível incluem-se os pais com *renda* mensal equivalente a até 10 salários mínimos da região; com *escolaridade* até o curso primário incompleto (inclusive analfabeto) e exercendo uma *atividade ocupacional* de supervisão de trabalho manual, ocupação manual especializada e não especializada.

Nível *baixo inconsistente* (CC?)

Os critérios são os mesmos do nível *baixo consistente*, podendo apresentar discrepância de nível em uma das escalas.

Nível *indefinido* (ABC)

Recaem nesse nível os casos de disforia, em que o informante se situa, em cada escala em um nível diferente.

A distribuição dos alunos de graduação, pelos vários níveis da hierarquia de *status*, no período, pode ser observada na síntese do Quadro XVI.

Quadro XVI - Estratificação dos alunos da UNICAMP, quanto a *incon-*  
*sistência do status*, no período de 1971 a 1975 - Campi  
nas, 1978.

| nível               | 1971        | 1972        | 1973        | 1974        | 1975        |
|---------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Alto consistente    | 8,2 (124)   | 5,1 ( 29)   | 3,5 ( 10)   | 9,5 ( 56)   | 7,2 (133)   |
| Alto inconsistente  | 20,4 (307)  | 20,0 (113)  | 17,0 ( 47)  | 16,1 ( 95)  | 17,6 (324)  |
| Médio consistente   | 10,1 (152)  | 19,7 (111)  | 25,6 ( 71)  | 10,8 ( 64)  | 23,5 (433)  |
| Médio inconsistente | 35,3 (532)  | 28,2 ( 78)  | 28,2 ( 78)  | 3,7 (217)   | 35,2 (649)  |
| Baixo consistente   | 2,9 ( 44)   | 7,4 ( 42)   | 7,6 ( 21)   | 4,1 ( 24)   | 3,3 ( 60)   |
| Baixo inconsistente | 11,5 (174)  | 18,1 (102)  | 15,2 ( 42)  | 16,2 ( 96)  | 10,2 (186)  |
| Indefinido          | 11,6 (175)  | 3,5 ( 20)   | 2,9 ( 8)    | 6,6 ( 39)   | 3,0 ( 58)   |
| Total               | 100,0(1508) | 100,0 (565) | 100,0 (277) | 100,0 (591) | 100,0(1843) |

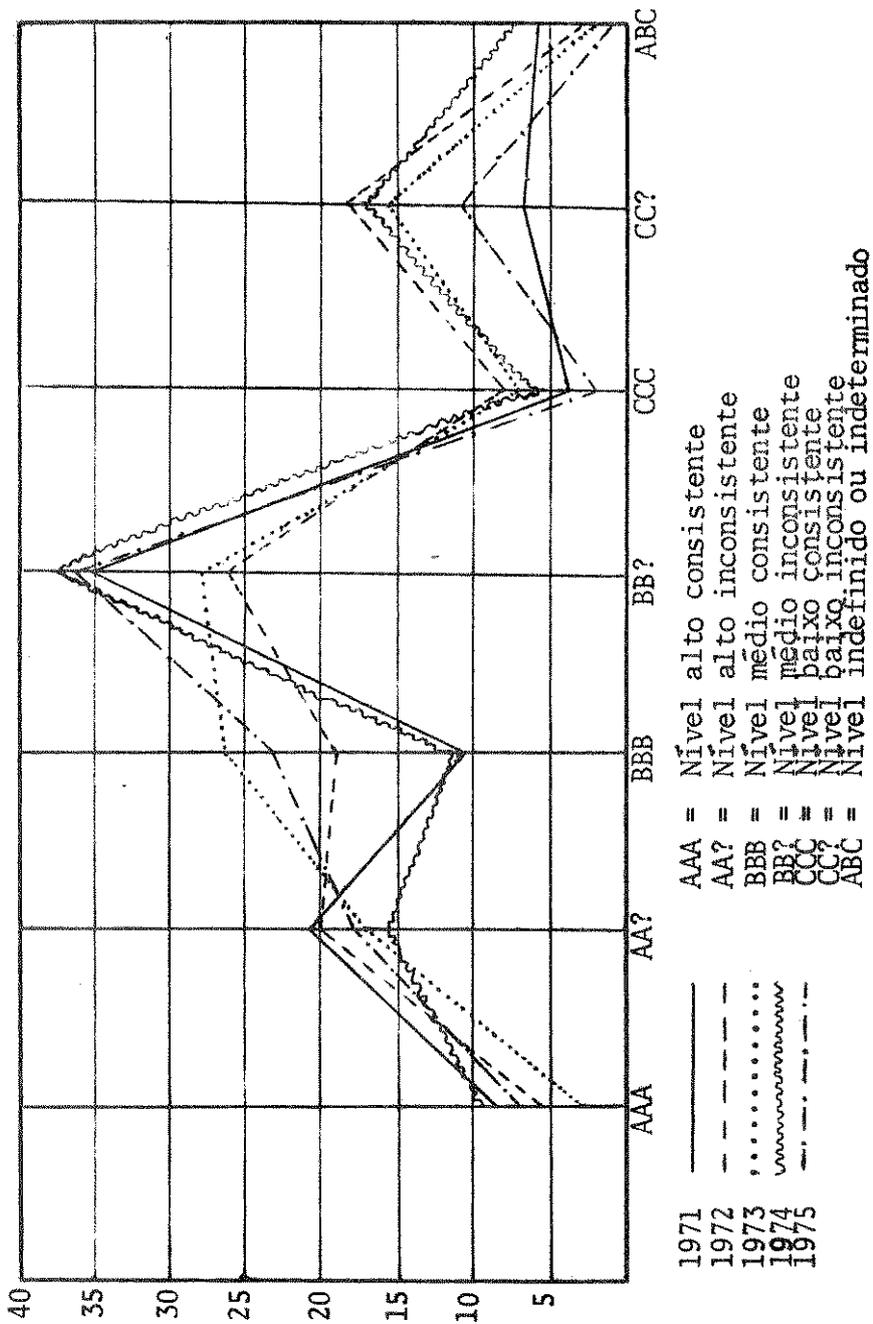
fonte: pesquisa do autor

Este quadro sugere ricas e varia das possibilidades de exame e de interpretação, e permitiria iniciar um processo de análise em vários níveis de profundidade mas, como o escopo deste trabalho reside na identificação da metodologia, dos critérios e instrumentos que culminaram na construção deste quadro, apenas algumas considerações de caráter geral serão alinhadas. Os dados sugerem, com base numa percepção inicial, algumas considerações, tendo como referência os dados por coluna, na dimensão vertical, e por linha, na dimensão horizontal, quanto ao comportamento ou às mudanças do fenômeno da estratificação entre os estudantes.

1. Observa-se que os alunos se distribuem de modo desigual nos vários níveis do período havendo uma acentuada concentração nos estratos médios, em todos os anos e as curvas da série histórica apresentam formas muito semelhantes. (Gráfico III).

2. Apresentam baixas taxas de *status consistentes* em todos os níveis e persistem as altas taxas de *status inconsistentes*.

Gráfico III - Estratificação social dos alunos da UNICAMP de 1971 a 1975, Campinas, 1978.



3. Os valores dos estratos *inconsistentes* são sempre mais que o dobro do total dos valores de *status consistentes*. Os fatores responsáveis pelas baixas taxas de *status consistentes* podem recair sobre a renda ou os fatores econômicos, mas também podem recair, como de fato se pode observar, sobre os baixos níveis de *escolaridade*, que permanecem em 1975 em torno de 53% de escolaridade até o ginásial incompleto.

4. A variabilidade interna do estrato *inconsistente*, em termos de série histórica, é menor que no nível *consistente*.

5. O *status médio inconsistente*, apesar da variação no período, apresenta a mesma proporção em 1971 e em 1975; aliás a mais alta do conjunto, tanto em termos de período, horizontalmente, como em termos de estrato, verticalmente. Enquanto o estrato *médio consistente* apresenta maior variabilidade interna, sobretudo nos limites, em 1971 apenas 10% da população estudantil se incluía neste estrato; em 1975 esta proporção atingia 23,5%. As demais camadas não se alteraram tanto, exceto no nível de *status indefinido*

onde houve uma variação a cada ano, e no sentido decrescente.

6. As taxas de *status indefinido* ou *indeterminado* não são muito significativas e diminuem a cada ano, mas acompanham de perto as taxas de alunos de *status alto consistente*. Pode ocorrer que os alunos, através do período, adquiriram melhores informações para responder às questões ou porque os critérios e limites foram aprimorados, especialmente os da escala de renda.

7. A presença marcante de *status inconsistentes* revelando incoerências entre os níveis das escalas não chega a se constituir num estado de *disforia social*, pode caracterizar, apenas, um certo desequilíbrio ou desencontro das condições estruturais ou conjunturais de setores da sociedade, como o da economia, mais precisamente do mercado de trabalho, dos salários, da inflação. Pode caracterizar, também, um *desencontro* nas condições de oferta e procura de educação, mais precisamente, de escolaridade. Cumpre observar que os pais dos estudantes pertencem à classes de idade em que vários fatores

limitativos concorreram no sentido de cercear a demanda de níveis de escolaridade mias alta. Entre estes fatores se incliriam: limitação quantitativa da rede escolar de nível médio e superior, à época de seus estudos, ou seja, quando eram mais jovens; a localização da rede de escolas apenas nos maiores centros e, possivelmente, interferência de natureza econômica, dadas as dificuldades de acesso às estas instituições educacionais.

Esta situação, aparentemente anacrônica, pode estar refletindo uma situação de fato da sociedade abrangente, paulista ou brasileira, estágio de transição para o desenvolvimento, gerando disparidades e incongruências em termos de preparação profissional, capacidade ocupacional, atividade produtiva, formação escolar, retrieconômico-financeira, mas também pode ser explicada pelos critérios e limites adotados neste estudo. Outros estudos poderão ser realizadas, no sentido de esclarecer ou explicar os fatores causais ou condicionantes, da alta frequência de status inconsistentes e mesmo as implicações da situação

de *inconsistência* de *status*, sob múltiplos aspectos. Por outro lado, ao registrar apenas a presença ou a incidência dos *status inconsistentes* limita, de certo modo, a análise. Estudos outros poderão não apenas hierarquizar mas tentar estabelecer as dimensões da *inconsistência do status*.

#### 4.1. Aplicação do modelo de inconsistência de *status*

A continuidade dos estudos de *in consistência de status* propiciou o desenvolvimento paralelo de uma linha de pesquisa à base da proposição de que o indivíduo de *status inconsistente* experimenta tensões mais ou menos graves, conforme afirmara o próprio Lenski. Outros pesquisadores confirmaram o fato de a situação de inconsistência estar muito próxima dos sintomas psicofisiológicos, ocorrendo isto, principalmente, quando registrada a incongruência entre alto *status atribuído* e baixo *status adquirido*.

(43) Eles interpretaram estes resultados em apoio à tese da existência de tensões em situações de inconsistência, que podem atingir alto grau de gravidade. Mais tarde, Broom (1970), atestaria a validade da interpretação de Lenski, afirmando que os resultados relevantes da análise de consistência estariam no fato de possibilitar a comparação

---

(43) JACKSON, E.F., Peter J. Burke - "Status and symptoms of stress: additive and interactive effects". *American Sociological Review*, 1965, vol. 30: 556 - 564.

cultural, a identificação de configurações de atributos de *status* nas relações inter pessoais e nos seus componentes indicativos. (44)

Numa outra abordagem, Howard Taylor (1971) e depois Edgard Mills (1975) observaram que, tanto as teorias de *consistência*, como as *teorias cognitivas de consistência* da psicologia social, consideram que a *in* congruência entre atributos constitui fonte de tensões psicológicas para o indivíduo e estas tensões conduzem, por sua vez, a algumas formas adaptativas ou de respostas, de modo a reduzir estas mesmas tensões. (45)

Ocorre que, à base do *nível ocupacional*, os indivíduos esperam obter determinada *renda* e com ela manter certo estilo de vida. Por outro lado, os níveis de *investimento* em educação, em *escolaridade*, conduzem a uma expectativa legítima de alcançar uma situação *ocupacional* condizente e, *consequentemente*, numa recompensa econômica ou

---

(44) BROOM, Leonard and D. Lancaster Jones - "Status consistency and political preference: the Australian case". *American Sociological Review*, 1970, vol.35: 989 - 1001.

(45) BROOM, Leonard, *op. cit.* pg. 992.

retribuição de *renda* compatível. Quando is to não ocorre, cria-se uma situação que vio lenta esta expectativa e a forma de retri buição e de compensações não esperadas, re sultam em rupturas, ocasionando tensões psi cológicas, traduzidas em ansiedade, insatis fação e mesmo conflitos internos mais sérios. Além disso, os indivíduos tendem a pensar em si mesmos em termos de *status* mais altos enquanto os outros os avaliam em termos de *status* mais baixos; logo, percebendo os di ferentes graus de prestígio dos elementos do seu conjunto, experimentam uma situação de conflito na sua auto-definição e tensões na sua interação social. O fato de situar-se na condição de *status inconsistente* pode ocasionar, portanto, uma série de tensões devidas às demandas conflitantes entre as expectativas de relações interpessoais. (46)

As possíveis tensões experimentadas pelos pais podem, de alguma forma, atin gir os filhos, especialmente os jovens e adolescentes. Portanto, constitui hipótese plausível que a estratificação e a incon gruência do *status* do jovem o levem a reagir

---

(46) HÖRNUG, C.A. - *op. cit.*, pg.625.

tipicamente, em função desta situação, apresentando comportamento, atitudes e oferecendo certo tipo de respostas às injunções de determinado meio social.

Com estes elementos de análise e, considerando o estudo da inconsistência de status um instrumento exploratório e com relativo poder de explicação, formulou-se a hipótese de que a situação de inconsistência de status sócio-econômico pode afetar os mecanismos pessoais de integração do estudante universitário imerso no contexto particular da convivência universitária e, se fosse encontrada alguma relação estatística entre a situação de inconsistência de status e a integração social ao meio particular ou específico, seria considerado vantajoso o esforço analítico de identificar elementos capazes de explicar a problemática desta integração.

Do ponto de vista individual, a integração social pode ser entendida como o sucesso relativo que alguns indivíduos encontram, na obtenção de pontos de referência semelhantes, com certo número de outros

indivíduos. (47) Mas, num sentido mais genérico, a integração implica na relação do indivíduo com o modelo cultural dominante, e esta relação caracteriza-se pela participação mais ou menos intensa e voluntária nos inúmeros micro-grupos, portadores de sub-culturas, capazes de atuar como mecanismo de socialização. Partindo deste princípio, a integração do estudante precisa apoiar-se em seguros suportes, ao nível da organização acadêmica e administrativa, na instituição, que lhe propiciem participação voluntária e espontânea nos objetivos e nas atividades dos vários grupos que compõem o contexto da comunidade universitária.

Desse modo, objetivou-se distinguir algumas das maneiras pelas quais os alunos podem vir a integrar-se num contexto cultural onde prevalece um aparato normativo, de caráter didático-administrativo, na universidade.

---

(47) LAZARSFELD, Paul and Morris Rosenberg - *The language of social research*. Glencoe, Ill., Free Press, 1955. Os autores denominava este tipo de integração de integração normativa ou integração entre pessoas e normas. pg. 41.

Esta tentativa de aplicação do modelo reúne dados referentes à população de alunos regularmente matriculados nos cursos de graduação da UNICAMP, apenas em 1975(\*).

Como a maioria destes alunos procede de outras cidades, o esforço de integração ao convívio acadêmico poderia estar agravado, considerando-se o fato de terem de adaptar-se às novas condições de existência em Campinas, permanecendo longe da família, sujeitos às várias formas de tensões e correndo o risco de serem seriamente comprometidos os seus esforços no desempenho acadêmico.

Para que as informações sobre a integração do estudante ao meio universitário não se circunscrevessem às relacionadas com o quadro de dados específicos, incluiu-se um grupo de variáveis que, eventualmente, poderiam influir no processo de integração. Estas informações se referiam, de modo indireto, à adaptação do aluno: *estar ou não frequentando o curso pretendido, estar satisfeito com o curso frequentado e motivação para a escolha do curso.* Parece

---

(\* ) O formulário aplicado, em 1971 e em 1975 inseriam estas questões.

fácil compreender que o aluno insatisfeito com o curso ou com a perspectiva de obter uma formação profissional não desejada, poderia ser afetado em sua integração ao meio universitário. Do mesmo modo, os motivos da escolha do curso revelam a existência de uma expectativa em relação ao próprio curso e à universidade como um todo.

A análise da variável: o aluno está seguindo o curso desejado, demonstrou que a maioria significativa dos estudantes está freqüentando exatamente o curso pretendido e a correlação entre esta variável e a estratificação e a inconsistência de status apresentou-se ínfima, presumindo-se que a maioria significativa dos alunos se distribui pelos diferentes estratos e situação de consistência, independentemente da variável considerada. (Quadro XVII)

Quadro XVII - Estudantes universitários frequentando o curso pretendi  
do quanto à consistência de status, UNICAMP, 1978.

| status              | sim        | não       | total       |
|---------------------|------------|-----------|-------------|
| Alto consistente    | 6,4 (117)  | 0,9 (16)  | 7,3 (33)    |
| Alto inconsistente  | 15,4 (282) | 2,1 (38)  | 17,4 (380)  |
| Médio consistente   | 20,2 (370) | 3,3 (61)  | 23,5 (431)  |
| Médio inconsistente | 31,4 (576) | 3,8 (70)  | 35,2 (646)  |
| Baixo consistente   | 2,4 (44)   | 0,9 (6)   | 3,3 (60)    |
| Baixo inconsistente | 8,3 (153)  | 1,8 (33)  | 10,1 (186)  |
| Indefinido          | 2,8 (51)   | 0,4 (7)   | 3,2 (58)    |
| Total               | 86,9(1593) | 13,1(241) | 100,0(1834) |

fonte: pesquisa do autor

$X^2 = 5.09$

graus de liberdade = 6

nível de significância = 0,5

coeficiente de contingência = 0,05346

V.C. = 5.348

O produto do teste do  $\chi^2$  situa-se dentro da área crítica ou de rejeição, tornando válida a hipótese nula; inferindo-se, portanto, que os alunos de todos os níveis de *status*, *inconsistentes* ou não, têm a mesma probabilidade de estar frequentando o curso que realmente pretendia.

A correlação entre as variáveis *estar contente com o curso frequentado* e a situação de *inconsistência* foi também praticamente inexistente. (Quadro XVIII)

Quadro XVIII - Estudantes universitários estarem ou não satisfeitos com o curso, quanto à *inconsistência de status*, UNICAMP, 1978.

| status              | sim        | não       | total       |
|---------------------|------------|-----------|-------------|
| Alto consistente    | 6,0 (106)  | 1,5 (26)  | 7,5 (132)   |
| Alto inconsistente  | 14,1 (241) | 3,5 (62)  | 17,6 (313)  |
| Médio consistente   | 18,4 (327) | 5,2 (93)  | 23,6 (420)  |
| Médio inconsistente | 27,9 (496) | 7,0 (124) | 34,9 (620)  |
| Baixo consistente   | 2,2 (40)   | 1,0 (18)  | 3,2 (58)    |
| Baixo inconsistente | 8,0 (143)  | 2,0 (36)  | 10,0 (179)  |
| Identificação       | 2,6 (47)   | 0,6 (10)  | 3,2 (57)    |
| Total               | 79,3(1410) | 20,7(369) | 100,0(1779) |

fonte: pesquisa do autor

$\chi^2 = 5.09$

graus de liberdade = 6

nível de significância = 0,05

coeficiente de contingência = 0,05346

V.C. = 5.348

O resultado do teste mostra que a probabilidade de satisfação com o curso escolhido também é idêntica nos diferentes grupos de *status*.

A correlação entre a variável *motivação para a escolha do curso* frequentado e a situação de inconsistência também apresenta-se inexpressiva; ou seja, independe da situação de consistência de *status*. (Quadro XIX)

Quadro XIX - Depoimento dos estudantes universitários quanto a motivação para escolha do curso, por nível e inconsistência de status - UNICAMP, 1978.

| status              | realização vocacional |            | falta de outros cursos |            | maior chance no vestibular |            | por orientação social |            | prestígio social |            | outros motivos |            | total      |
|---------------------|-----------------------|------------|------------------------|------------|----------------------------|------------|-----------------------|------------|------------------|------------|----------------|------------|------------|
|                     | 4,5 (80)              | 10,8 (193) | 0,0 (0)                | 0,2 (3)    | 0,2 (3)                    | 0,4 (7)    | 1,4 (24)              | 2,9 (51)   | 0,6 (12)         | 1,9 (35)   | 0,6 (10)       | 1,5 (27)   |            |
| Alto inconsistente  | 12,5 (223)            | 0,1 (2)    | 0,8 (14)               | 0,4 (7)    | 2,9 (51)                   | 4,4 (79)   | 3,3 (59)              | 2,5 (44)   | 3,8 (68)         | 0,2 (4)    | 1,1 (19)       | 10,0 (178) | 7,3 (129)  |
| Médio consistente   | 17,7 (315)            | 0,4 (8)    | 1,4 (25)               | 0,1 (1)    | 1,4 (9)                    | 0,2 (6)    | 0,2 (6)               | 3,1 (55)   | 0,2 (4)          | 0,5 (11)   | 3,2 (57)       | 10,0 (178) | 35,1 (626) |
| baixo inconsistente | 4,7 (84)              | 0,2 (3)    | 0,5 (9)                | 0,1 (1)    | 1,3 (24)                   | 2,2 (39)   | 0,3 (5)               | 10,0 (178) | 0,5 (11)         | 10,0 (178) | 10,0 (178)     | 10,0 (178) | 10,0 (178) |
| Indefinido          | 1,5 (26)              | 0,0 (0)    | 0,3 (5)                | 0,3 (5)    | 0,6 (10)                   | 0,3 (5)    | 0,3 (5)               | 0,3 (5)    | 0,3 (5)          | 0,3 (5)    | 0,3 (5)        | 0,3 (5)    | 0,3 (5)    |
| Totais              | 52,8 (955)            | 1,0 (17)   | 3,7 (64)               | 18,2 (308) | 14,1 (255)                 | 10,2 (183) | 100,0 (1782)          |            |                  |            |                |            |            |

$\chi^2 = 46,73$

graus de liberdade = 30

nível de significância = 0,05

coeficiente de contingência = 0,16

V. C. = 43, 77

O fator realização *vocacional* aparece como principal motivação para a escolha do curso; em seguida tem-se *orientação* por parte da família, orientadores educacionais, amigos ou profissionais. A motivação baseada na *remuneração* e no *prestígio social* situa-se em terceiro plano.

Se houvesse alta correlação entre as variáveis consideradas e a situação de *inconsistência de status*, já se poderia antever alguma correlação entre *status* e a integração na universidade, pois, esta integração pode, de alguma forma estar relacionada com o fato do aluno estar ou não seguindo o curso almejado e estar ou não satisfeito com o desenvolvimento do curso.

O primeiro grupo de dados específicos quanto à integração se referia às *preocupações pessoais* que poderiam afetar o rendimento escolar e a integração do aluno à universidade. Do elenco de alternativas surgiram, as de ordem *emocional*, *familiar*, *econômica*, *vocacional* e *incerteza quanto ao futuro* e outros tipos de preocupações. Observou-se *moderada correlação* entre estratificação social e situação de *inconsistência de*

*status* e os diferentes tipos de *preocupações* que atuam como elementos limitativos à *integração* na convivência universitária. Este grupo de alternativas compreendeu as mais significativas informações, considerando-se que nele estariam contidas as possíveis *tensões pessoais* ou possíveis conflitos *internos*, provocados pela situação de *inconsistência* de *status* dos pais. Poderiam *constituir-se* em elementos passíveis de observação do efeito da *inconsistência*, em face das *altas* taxas de *status inconsistentes*, em *todos* os níveis e em diversas alternativas.

Quadro XX - Depoimento dos estudantes universitários quanto às preocupações pessoais, por nível e inconsistência de status - UNICAMP, 1978.

| status              | ordem econômica | ordem familiar | ordem emocional | ordem vocacional | não há     | outras   | total       |
|---------------------|-----------------|----------------|-----------------|------------------|------------|----------|-------------|
| Alto consistente    | 0,8 (15)        | 0,4 (7)        | 1,6 (28)        | 1,3 (23)         | 2,8 (51)   | 0,3 (5)  | 7,2 (129)   |
| Alto inconsistente  | 3,5 (63)        | 0,9 (17)       | 3,3 (58)        | 4,4 (79)         | 4,4 (79)   | 0,9 (17) | 17,5 (314)  |
| Médio consistente   | 6,6 (119)       | 1,8 (32)       | 3,6 (64)        | 5,8 (104)        | 5,4 (97)   | 0,4 (8)  | 23,6 (424)  |
| Médio inconsistente | 11,2 (202)      | 2,2 (40)       | 6,8 (123)       | 6,7 (120)        | 6,9 (124)  | 1,2 (21) | 35,0 (630)  |
| Baixo consistente   | 2,0 (36)        | 0,1 (2)        | 0,3 (5)         | 0,5 (9)          | 0,2 (4)    | 0,2 (3)  | 3,3 (59)    |
| Baixo inconsistente | 5,1 (92)        | 0,7 (13)       | 1,3 (24)        | 1,5 (27)         | 1,3 (24)   | 0,2 (3)  | 10,1 (183)  |
| Indefinido          | 0,8 (14)        | 0,3 (6)        | 0,6 (10)        | 0,0 (11)         | 0,8 (14)   | 0,2 (3)  | 3,3 (58)    |
| Total               | 30,1 (541)      | 6,5 (117)      | 17,4 (313)      | 20,8 (373)       | 21,9 (393) | 3,3 (60) | 100,0(1797) |

$\chi^2 = 124,56$

graus de liberdade = 30

nível de significância = 0,05

coeficiente de contingência = 0,2546

V. C. = 43,77

O quadro XX revela *baixa correlação* entre as variáveis. Revela ainda que as maiores preocupações pessoais são de natureza *econômica* (30,1%) principalmente no nível de status *médio inconsistente* (11,2%). Entretanto, em 21,9% da população pesquisada não existem preocupações pessoais. Esta situação tanto pode revelar um *conformismo* com a situação geral ou uma relativa *alienação* ou *alheamento*, como a falta de senso crítico com sérios entraves ao sistema *educacional*, mas também pode ocorrer que, *realmente* estes alunos, em geral situados, nos estratos médios e altos, não estejam *sofrendo* qualquer tensão, impacto ou problema que se afigure como *preocupação*. Segundo seus critérios, tudo está muito bem. Não causa *estraneza* o fato de 20,8% dos alunos apresentarem preocupações de ordem *vocacional* e *natural* incerteza quanto à futura vida *profissional*; como também a taxa de preocupações de ordem *emocional* (17,4%) parece não *comprometer*, considerando-se a faixa etária com as *naturais* necessidades de auto-afirmação e busca de *identidade*.

O outro grupo de possíveis *obstáculos* capazes de afetar a *integração* se *re-*

feriram aos meios de interação social e de comunicação: falta de *locais apropriados* para encontros; falta de *serviços de informação*; falta de *tempo dos professores e dos alunos*; falta de *comunicação entre estudante, unidades acadêmicas* além da falta de *interesse dos professores e ausência de objetivos e metas comunitárias*. Também apresentou-se *inespressiva* a correlação entre *estratificação e situação de inconsistência de status* e este grupo de obstáculos capazes de afetar a integração. Neste grupo são apontados aspectos que realmente poderiam comprometer a integração, pois se referem às formas e possibilidades de comunicação, entendimento e interação social e, consequentemente, maior participação do aluno.

(Quadro XXI)

Quadro XXI - Depoimento dos estudantes universitários quanto aos obstáculos à integração na Universidade por nível e inconsistência de status - UNICAMP, 1978.

| status              | falta de locais apropriados | falta de formação | falta de tempo dos professores e alunos | falta de interesse dos professores | falta de comunicação entre estudantes e professores | falta de comunicações comuns | total       |
|---------------------|-----------------------------|-------------------|-----------------------------------------|------------------------------------|-----------------------------------------------------|------------------------------|-------------|
| Alto consistente    | 1,1 (17)                    | 0,8 (13)          | 0,7 (11)                                | 0,7 (11)                           | 1,9 (31)                                            | 1,4 (23)                     | 6,6 (106)   |
| Alto inconsistente  | 2,4 (38)                    | 1,6 (25)          | 3,1 (51)                                | 3,1 (50)                           | 3,9 (63)                                            | 3,1 (49)                     | 17,2 (276)  |
| Médio consistente   | 3,2 (51)                    | 2,2 (35)          | 4,1 (66)                                | 3,5 (56)                           | 6,3 (101)                                           | 4,7 (75)                     | 24,0 (384)  |
| Médio inconsistente | 4,8 (77)                    | 3,6 (58)          | 7,2 (116)                               | 4,9 (78)                           | 8,9 (142)                                           | 6,1 (98)                     | 35,5 (569)  |
| Baixo consistente   | 0,6 (10)                    | 0,4 (6)           | 0,6 (10)                                | 0,3 (5)                            | 0,7 (11)                                            | 0,2 (4)                      | 2,9 (46)    |
| Baixo inconsistente | 1,6 (26)                    | 1,1 (17)          | 2,2 (35)                                | 1,6 (25)                           | 2,2 (35)                                            | 1,9 (30)                     | 10,5 (168)  |
| Indefinido          | 0,5 (8)                     | 0,2 (3)           | 0,7 (12)                                | 0,4 (6)                            | 0,7 (11)                                            | 0,7 (12)                     | 3,2 (52)    |
| total               | 14,2(227)                   | 9,8(157)          | 19,0 (304)                              | 14,5(231)                          | 24,6 (394)                                          | 18,2(291)                    | 100,0(1601) |

$\chi^2 = 27,84$

graus de liberdade = 30

nível de significância = 0,05

coeficiente de contingência = 0,13

V.C. = 43,77

Quadro XXII - Depoimento dos estudantes universitários quanto aos problemas encontrados na Universidade, por nível e inconsistência de status, UNICAMP, 1978.

| status              | faltam aulas práticas | faltam salas de aula | carga horária excessiva e horários inconvenientes | falta de didática de professores | falta de professores | falta de equipamento e material | total       |
|---------------------|-----------------------|----------------------|---------------------------------------------------|----------------------------------|----------------------|---------------------------------|-------------|
| Alto consistente    | 0,9 (14)              | 0,5 (9)              | 2,4 (39)                                          | 2,0 (33)                         | 0,6 (10)             | 0,4 (6)                         | 6,8 (111)   |
| Alto inconsistente  | 1,4 (23)              | 1,1 (18)             | 6,1 (100)                                         | 5,9 (96)                         | 2,1 (34)             | 1,0 (16)                        | 17,6 (287)  |
| Médio consistente   | 2,5 (41)              | 2,4 (40)             | 7,6 (123)                                         | 7,8 (128)                        | 2,4 (38)             | 1,0 (16)                        | 23,7 (386)  |
| Médio inconsistente | 3,9 (63)              | 2,6 (42)             | 12,6 (206)                                        | 10,7 (174)                       | 3,4 (57)             | 2,4 (39)                        | 35,6 (581)  |
| Baixo consistente   | 0,1 (1)               | 0,2 (3)              | 1,6 (27)                                          | 0,5 (8)                          | 0,5 (7)              | 0,2 (4)                         | 3,1 (50)    |
| Baixo inconsistente | 1,0 (17)              | 0,9 (14)             | 3,5 (56)                                          | 3,3 (54)                         | 0,6 (10)             | 0,8 (13)                        | 10,1 (164)  |
| Indefinido          | 0,4 (7)               | 0,3 (4)              | 0,9 (16)                                          | 1,0 (17)                         | 0,2 (3)              | 0,2 (5)                         | 3,1 (52)    |
| total               | 10,2(166)             | 8,0(130)             | 34,7 (567)                                        | 31,3 (510)                       | 9,8(159)             | 6,0 (99)                        | 100,0(1631) |

$\chi^2 = 32,86$

graus de liberdade = 30

nível de significância = 0,05

coeficiente de contingência = 0,14

V.C. = 43,77

Os outros grupos de informações seguintes abordaram apenas aspectos materiais da organização universitária que ~~se~~ poderia comprometer a integração do aluno.

A correlação também se situa na faixa de *mínima* ou *ínfima*. Equivale dizer que a percepção do aluno quanto aos eventuais problemas existentes independem do nível de status quanto à *consistência*.

Destacaram-se neste grupo os problemas de: falta de *aulas práticas*; falta de *salas de aula*; excessiva *carga horária* e horários inconvenientes; falta de didatica dos professores; falta de *professores* e falta de *equipamento e material*. (Quadro XXII).

Outro grupo de problemas que poderiam interferir na integração do aluno se referiram mais especificamente ao *material bibliográfico da escola*, onde foram destacados os aspectos de *alto custo dos livros, volume da bibliografia* indicada pelos professores, a *falta de livros em português*, as *bibliotecas sem livros* ou em número *insuficiente*, *falta de cooperativa de livros*, *outras dificuldades* de menor incidência e *não há dificuldades*. A correlação obtida entre os diferentes tipos de problemas ou deficiências de ordem material e a situação de *inconsistência*, apresenta-se também, *inexpressiva*. (Quadro XXIII)

Quadro XXIII - Depoimento dos estudantes universitários quanto à bibliotecas e livros, por nível e consistência de status, UNICAMP, 1978.

| status              | preços elevados | bibliografia extensa e em línguas estrangeiras | insuficiência de livros | falta de oportunidade de livros | outras ou ausência de dificuldades | total       |
|---------------------|-----------------|------------------------------------------------|-------------------------|---------------------------------|------------------------------------|-------------|
| Alto consistente    | 2,2 (40)        | 1,1 (19)                                       | 2,5 (44)                | 0,5 (9)                         | 1,0 (17)                           | 7,2 (129)   |
| Alto inconsistente  | 7,6 (136)       | 1,8 (32)                                       | 5,6 (100)               | 1,0 (17)                        | 1,5 (27)                           | 17,4 (312)  |
| Médio consistente   | 10,3 (185)      | 1,9 (35)                                       | 8,1 (145)               | 1,1 (20)                        | 2,1 (37)                           | 23,6 (422)  |
| Médio inconsistente | 15,2 (272)      | 3,5 (63)                                       | 11,3 (201)              | 1,9 (35)                        | 3,4 (61)                           | 35,2 (630)  |
| Baixo consistente   | 1,8 (32)        | 0,2 (2)                                        | 0,9 (17)                | 0,2 (2)                         | 0,4 (6)                            | 3,3 (59)    |
| Baixo inconsistente | 4,6 (83)        | 1,0 (18)                                       | 3,6 (64)                | 0,5 (10)                        | 0,3 (6)                            | 10,1 (181)  |
| Indefinido          | 1,7 (30)        | 0,3 (5)                                        | 0,9 (17)                | 0,2 (2)                         | 0,2 (3)                            | 3,2 (57)    |
| Total               | 43,5 (778)      | 9,8(174)                                       | 32,8 (588)              | 5,2 (93)                        | 8,9(157)                           | 100,0(1790) |

$\chi^2 = 34,04$

graus de liberdade = 30

nível de significância = 0,05

coeficiente de contingência = 0,14

V.C. = 43,77

#### 4.2. Discussão dos resultados da aplicação do modelo.

1. Os alunos se distribuem de modo desigual nos vários níveis e apresentam valores nos *status inconsistentes* sempre mais altos que os *status consistentes*, com raras exceções, em relação a todas as variáveis apresentadas. A persistência de *status inconsistentes* nos vários estratos pode caracterizar um particular desequilíbrio ou desencontro das condições estruturais e/ou conjuntura da economia e mais precisamente do mercado de trabalho atuando fortemente na situação sócio-econômica dos pais dos alunos, de várias formas: a) em termos de não absorção ou pleno aproveitamento de capacidade profissional; b) no desencontro da oferta e da procura de profissionais; c) como fator limitativo em termos de oportunidades e de desempenho ocupacional, embora a renda seja satisfatória; d) como boa recompensa em termos financeiros, independentemente da formação ou do nível de escolaridade; e) como fator limitativo em termos de compensação financeira e de aproveitamento do profissional devido aos baixos níveis de escolarida-

de dos pais que, na época oportuna, não contavam com as condições indispensáveis ao acesso à rede escolar, então escassa.

Esta persistência pode, também, estar refletindo uma situação de fato da sociedade paulista e brasileira, em estágio de transição para o desenvolvimento; motivo suficiente para gerar disparidades e incongruências em termos de preparação profissional, capacitação ocupacional, atividade produtiva, formação escolar e retribuição econômico-financeira; fenômeno que talvez não ocorra em economias de mercado mais consolidadas.

Por outro lado, esta situação anacrônica, tanto poderia ser explicada pelos critérios adotados neste estudo, como, simplesmente, evidenciar uma situação real da sociedade abrangente.

2. A análise demonstra correlação mínima entre a presença de *inconsistência de status* e o ajustamento do estudante ao meio; este ajustamento pode estar mais relacionado à estratificação do que à situação de *inconsistência de status* e seus possíveis

efetivos geradores de tensões e conflitos.

3. Observa-se, nas respostas, a excessiva preocupação dos alunos em situar externamente, os obstáculos e as dificuldades ao ajustamento, não indicando muitas causas internas, situadas neles próprios. Isto tanto pode significar um mecanismo defensivo ou retratar uma situação de fato. Os dados revelam uma *inconsistência de status* quantitativamente expressiva, mas, moderada quanto ao tipo de problemas e obstáculos ao ajustamento. Elas podem indicar, por outro lado, que os estudantes, eventualmente, experimentam ou experimentaram problemas de ajustamento, mas estes vêm sendo superados por terem uma experiência anterior ou terem apreendido rapidamente as soluções possíveis para as dificuldades surgidas.

4. Este estudo tentou detectar pontos de conflito, atrito, divergências ou arestas, como consequência das tensões e ansiedades provocadas pela situação de *inconsistência de status*, como tem sido tentado em outras pesquisas que contestam ou confirmam a proposição mas, apesar da possível in

fluência existente, ela parece não atuar nas dimensões e ao nível de profundidade propostos por Lenski e alguns seguidores. (49) Pode-se concluir que esta proposição se torna válida como um dado a mais sobre os estudos e reflexões sobre o estudante universitário e como estímulo para encetar a tarefa de tentar identificar, medir e explicar os fatores que interferem no afetivo ajustamento dos alunos ao ambiente acadêmico. Ao se tentar explicar os aspectos da integração, pode-se verificar as vantagens ou os benefícios do estudo da estratificação em termos analíticos, considerando que este consiste num conhecido aspecto da problemática do ensino superior brasileiro, responsável ainda pela formação de um grupo minoritário procedente de estrato mais altos da população, conforme comprovam estudos já realizados. (50)

- 
- (49) LIPSET, S.M. "La formation des opinions dans une situation de crise"  
*L'analyse empirique de la causalité*  
 de R. Boudon et P. Lazarofeld. Paris Mouton & Co., 1966 - Pesquisa realizada entre estudantes da Universidade de Berkley mostrando como a opinião política pode ser influenciada pela situação de status, pg. 106.
- (50) RABELLO, Ophelina - Um estudo de situação sócio-econômica do estudante universitário, op. cit. pg. 40.

Conclui-se que, em relação aos alunos da UNICAMP, o modelo de *inconsistência de estatus* não precisa ser colocado em termos de tensões visíveis, agravadas, expressas, quando muito latentes ou subjacentes. Os efeitos da estratificação no grupo de alunos ou mesmo individualmente, parece não comprometer o seu ajustamento ao meio universitário. Talvez existam ativas forças atuando subjacentemente no sentido de neutralizar os efeitos provocados pela situação de *inconsistência*, ou mesmo outro tipo de situação, de modo a atenuar as possíveis tensões e ansiedades, ao invés da presença de forças aditivas atuando como estímulo ao desajuste.

5. Em face destas considerações acerca da ausência de tensões provocadas pela *inconsistência de status* mas que *não eliminam a possibilidade da presença de tensões causadas por outros fatores*, colocam-se algumas indagações:

5.1. Onde estariam situadas as forças subjacentes, atuando como neutralizadoras das possíveis tensões e, conse

quentemente, nos efeitos destas tensões nas relações sociais e de ajustamento ao convívio universitário?

a) Estariam contidas em variáveis ligadas aos *status atribuídos*, como sexo, idade, nacionalidade, cor, considerando-se que as escalas sócio-econômicas se referem, teoricamente, a *status adquiridos*?

b) Estariam os efeitos da *incon*  
*sistência* sendo condicionados pelas forças da estrutura social ou de classes mais ou menos rígidas?

c) Estariam no jogo de variáveis independentes como as condições políticas e sociais da sociedade global e, nesse ca  
so, a integração poderia estar comprometida?

d) Estariam na ausência de cons  
ciência de *status social* e de incongruên  
cia deste *status* ante a fragilidade das or  
ganizações e instituições sociais que as suportam ou as estimulam?

5.2. Se não existe alta relação estatística entre a inconsistência de status e alguns aspectos da integração social do universitário, serão estes elementos suficientemente fortes para:

a) Abandonar-se os estudos neste campo?

b) Persistir nestes estudos, considerando-se que, em outras situações ou circunstâncias, outras atitudes e comportamento do estudante possam ser seriamente afetados pela situação de inconsistência de status?

c) Justificar a inclusão de outras variáveis (políticas, administrativas, disciplinares, pedagógicas) nos estudos futuros?

d) Garantir séria consideração por parte da teoria sociológica?

5.3. Do ponto de vista metodológico, na teoria da estratificação, e da inconsistência de status e seus componentes

tes estruturais, poderiam os fatos, mesmo não expressos, serem observados e controlados?

## 5. DISCUSSÃO FINAL E CONCLUSÕES

Assumindo postura crítica em face do trabalho realizado, principalmente por tratar-se de estudo pioneiro no campo da estratificação social de estudantes universitários, através de tratamento multidimensional na elaboração de escalas de *status* e de *inconsistência* de *status*, torna-se conveniente, oportuno e mesmo indispensável uma reflexão, a mais objetiva possível, sobre o procedimento e instrumental utilizado. Partindo do princípio de que todo estudo científico comporta uma revisão crítica, em benefício do próprio embasamento e crescimento teórico e prático, afigura-se imprescindível uma discussão objetiva e imparcial das variáveis, das escalas, dos conceitos e da aplicação do modelo.

Todas as teorias de estratificação social se referem às camadas ou estratos sociais horizontais em que as pessoas estão dispostas, e afirmam ser cada estrato concebido em relação a outros estratos, cada um agrupando pessoas com posições análogas; esclarecem

a possibilidade de classificação dos grupos e a mensuração dos estratos sociais através de pesquisas empíricas. Evidentemente, se existe uma hierarquia de fato, devem existir meios e formas de dimensioná-la, mensurá-la. As pesquisas empíricas neste campo têm sido escassas e cada pesquisador utiliza conjunto de instrumentos e de critérios próprios, não favorecendo que outros pesquisadores percorram o mesmo caminho e os dados possam ser comparados ou relacionados. Deste modo, o estudo de estratificação social não se enriquece, e não se desenvolve uma metodologia e um instrumental específico a serem utilizados, difundidos, aperfeiçoados e adaptados, que permitam a comparatividade entre os estudos.

A estratificação social dos universitários, categoria social bem definida, como conjunto de pessoas consideradas como uma unidade social, embora não organizada, mas que apresenta algumas semelhanças - estudantes, geralmente jovens, em fase de preparação profissional - está a merecer estudo desta natureza e a exigir o desenvolvimento de metodologia e instrumental de análise específicos. Os objetivos práticos e teóri

cos destes estudos serão facilmente apreen didos ao se considerar as condições de impl antação da política de programas e projet os que envolvam a integração, a auten ticid ade e o aperfeiçoamento das instituiçõ es universitárias.

A maior parte das pessoas numa sociedade possui um conceito vago de class e social ou de *status* alto, mé dio e baix o, reconhecendo que o lugar de algué m, na soci edade, situa-se em um destes ní veis, embo ra não disponha de ou não conheça critérios mais objetivos para a percepçã o individual de sua pró pria posiçã o na hierarquia social. Ocorre que o ponto de partida reside sempr e numa expressã o verbal corrente, que tant o pode corresponder a um conceito com defi niçã o mais rigorosa ou apenas a uma noçã o caracterizada por um conjunto de imag ens sistematizadas. Não se requer especial pene traçã o para descobrir que a classificaçã o das pessoas se faz sobre esta base. Todo conceito de classe social e de estratificaçã o social faz referê ncia ao *status* de cada um em relaçã o aos *status* dos demais. Por outro lado, convê m reconhecer que os *status* institucionalizados, ou seja, a posiçã o re

lativa das pessoas nos principais grupos institucionalizados da sociedade, como os grupos religiosos, econômicos ou de parentesco, facilitam esta compreensão e o senso comum de categorização social. A categoria *estudante universitário* possui uma conotação de singular prestígio e de identificação em estratos mais elevados.

A realidade sociológica da situação dos estudantes na sociedade, pode ser reconhecida pelo fato de cada um, como pessoa, ser uma totalidade social e possuir um *status global*. A dificuldade consiste em identificar a multiplicidade de *status* que compõem o *status global* e construir escalas para cada um destes *status*.

Entretanto, a identificação desta posição global do aluno se baseia no princípio de que, como todo *status* é algo definido socialmente, determinado por fatores extrínsecos aos próprios indivíduos, existem certos critérios *universais* de aprovação ou desaprovação, estima e não estima social, e estes critérios estão contidos nos valores e nos símbolos determinantes de *status*. Como o *status* é uma posição na sociedade que

deriva de uma avaliação extrínseca, representa uma construção mental resultante do consenso social e não depende exclusivamente das *qualidades* inerentes ao indivíduo ou desenvolvidas por ele.

Como todo estudante é único, os matizes infinitesimais que o diferenciam dos outros permitem estabelecer um *continuum* que se estende de um extremo a outro da hierarquia social. Mas, empreender um estudo individualizado seria difícil e, sobretudo inútil, pois em todas as sociedades reconhecem-se certas semelhanças e analogias que permitem agrupar convenientemente as pessoas e determinar categorias estratificadas. Já se institucionalizou o agrupamento, por exemplo, em níveis *alto*, *médio* e *baixo*, embora a sociedade em exame seja extremamente estratificada. Do ponto de vista do *status*, o menor grupo é todo estratificado. Portanto, definir a população de estudantes, quanto à situação, em estratos resulta interceptar, subjetiva e arbitrariamente este *continuum* em determinados pontos, rotulando-os; situá-la em estratos sociais através de semelhanças de características, afi

gura-se uma atitude aparentemente arbitrária.

Como o *status* social é uma posição em um determinado sistema social, justifica-se a identificação dos *status global* de cada estudante, através de escalas obtidas por valores atribuídos, transformados em séries quantitativas operacionais. O objetivo específico não consiste em estabelecer fronteiras estanques e definitivas, cavando barreiras entre os estratos, apenas distinguir ou situar os grupos de alunos em níveis de *status* superpostos.

As maneiras de obter uma posição social por atribuição ou por conquista, apresentam-se associadas de modo complexo, na determinação do *status*; enquanto o *status atribuído* é concedido em razão de fatores ocasionais ou circunstanciais, os *adquiridos* podem ser conquistados pelos indivíduos, graças à sua capacidade ou habilidades pessoais. Por esta razão, desde os testes iniciais, a escolha recaiu sobre os

três *status adquiridos*: ocupação, escolaridade e renda, que passaram a atuar como variáveis independentes. Como as variáveis tanto podem derivar de conceitos ou de considerações teóricas, como podem ser oriundas de noções comuns ou familiares, colocadas em termos operacionais, a atividade remunerada exercida, o nível de educação alcançado e a recompensa financeira obtida pelos esforços de cada pai, puderam compreensivelmente, integrar o tripê de variáveis básicas.

Mesmo nas sociedades mais primitivas e, muito mais no mundo urbano e industrializado, atribui-se *status* a determinados tipos de trabalho especializado de tal modo que, tanto as classificações verticais como as horizontais vão, às vezes, unidas com os sistemas de atribuição de *status*; some-se a esta situação os vários graus de prestígio que ostentam os diferentes grupos profissionais na sociedade contemporânea. Há uma associação histórica muito estreita entre situação social, na forma aqui entendida, e o gênero de ocupação ou de profissão, embora não se possa confundir que

as distinções de estrato ou classe se apoiam no *status total* e não apenas na função ou na atividade exercida, como não se pode confundir função ocupada com *estrato* ou *classe social*. Entretanto, é inegável que se classificam pessoas, em grande parte, pelo que elas fazem, pela utilidade funcional que proporcionam ou pela *atividade lucrativa* exercida.

A escala de *nível ocupacional* utilizada, já testada entre universitários, revelou-se num instrumento operacional, necessitando apenas que se atualizem, através de pesquisas e testes, as posições ocupadas pelas diversas atividades ocupacionais, em função do prestígio e da importância que elas merecem. Uma possível falha, talvez resida na sistemática de coleta dos dados, ao indagar do estudante sobre a atividade ocupacional do pai, sem ter o cuidado de solicitar que descreva a atividade além de especificá-la genericamente. Como exemplo, surgem vários casos de pais funcionários públicos, sem a identificação específica ou a posição na hierarquia dos quadros do funcionalismo público.

O grau e o tipo de *educação* são determinantes de *status* e esta *educação* somente pode ser avaliada ou medida através da escolaridade formal e, neste caso, a escala de escolaridade parece realmente objetiva, pois mede o *tempo* de freqüência à escola. Entretanto, não se pode avaliar *como*, ou em que condições, os cursos regulares foram ministrados ou aproveitados pelos pais dos universitários pesquisados, à época em que foram jovens e estudantes. Também não se sabe o tipo de escola freqüentada quanto ao nível de ensino ministrado, se o ensino era de caráter técnico, humanístico ou religioso, se a escola era pública ou particular, se freqüentou o curso quando jovem ou depois de adulto etc.

Teria sido realmente válido, se se pudesse contar com os dados referentes ao número de anos de freqüência à escola, estabelecendo-se um *continuum*, mas os alunos desconheciam, em alguns casos, até mesmo se os pais haviam obtido qualquer diploma de conclusão de curso, fato que geralmente não passa despercebido numa família. Ocorre que, realmente, as informações possíveis

oferecidas pelos filhos não permitiram elaborar uma escala mais detalhada. Por outro lado, a escala poderia ter considerado as possibilidades de *autodidatismo*, de educação não formal, de educação permanente ou continuada, embora em condições assistemáticas. Muitos pais, com pouca escolaridade, eventualmente, poderiam ter tido condições de preparação técnica ou cultural e se tornarem capazes de desempenhar funções de bom nível e com isso, atingir níveis mais altos, em termos de remuneração.

A escala mediu, apenas, a *escolaridade formal*, de direito, comprovado pelo eventual documento que, no caso, pode ser um certificado ou diploma. Esta escala poderá ser revista, em função do aperfeiçoamento da coleta de informações, diretamente com os pais e, possivelmente, das oportunidades locais e regionais de especialização técnica, científica e cultural onde se insere a universidade. A falta destas informações talvez não tenha comprometido este trabalho, pelo fato de os alunos desta universidade procederem de várias regiões do Estado e do País.

A escala de *renda*, realmente a mais complexa, exigiu esforço maior na sua colaboração. Os critérios de escalonamento hierárquico, estabelecendo os limites para os níveis de *status* se basearam em estudos paralelos, observações e entrevistas visando o ajuste real do valor do salário. Entretanto, o aspecto crucial desta escala reside na perda do valor aquisitivo do dinheiro (inflação) a cada ano, exigindo desenvolvimento de estratégias capazes de superar esta distonia. Neste tratamento, objetivo de elementos de informação, imiscui-se, eventualmente, certa dose de subjetividade sem comprometer, entretanto, a sua validade no contexto dos estudos e dos critérios imprimidos na elaboração da escala.

A escala de *renda* não se baseou na *riqueza*, no seu conceito mais amplo e complexo; utilizou-se apenas a *renda* como critério mais objetivo, possível de contagem e mensuração; nem mesmo foi considerada a origem da *renda*, fato que influi na aprovação social e, conseqüentemente, no prestígio da própria *renda* ou da *riqueza*. Considerou-se a *renda*, traduzida em dinheiro, convertido em poder aquisitivo, que por sua vez se traduz num reforço à participação mais íntima no estrato, em maior aceitação, por parte dos componentes do estrato. Ocorre que a *renda* auferida, dificilmente pode ser verificada de maneira fidedigna; ela nem sempre é revelada correta e integramente ao pesquisador; constitui uma informação equívoca e a omissão total ou parcial pode ser involuntária. Embora se tivesse indagado quanto à *renda global* mensal do pai, para a maioria dos estudantes, a renda correspondeu apenas ao salário, à remuneração ou ganho mensal, quando outros elementos poderiam ser incluídos, como os rendimentos obtidos em aluguéis, gratificações, abonos, remuneração de trabalho em horários extras, juros, dividendos, além de outras

formas de rendimentos não declarados, ou outros benefícios indiretos como o não pagamento de transporte, refeição, assistência médica e dentária, auxílios diversos que influem na situação sócio-econômica como um todo e propiciam um estilo de vida diferente. Também não foram incluídos os rendimentos de outras pessoas da família, da mãe ou do próprio estudante. O percentual de mães e estudantes que trabalham apresentou-se irrelevante no conjunto, mas individualmente, poderia ter sido significativo. A escala de *renda*, nesse caso, embora objetiva e mensurável pode, em muitos casos, não corresponder à realidade do *status* do estudante, principalmente, por não conter todas as informações pertinentes.

Foram adotados vários critérios na construção das *escalas*, mas existem outros a serem observados em populações estudantis diferentes. Por exemplo, se os estudantes freqüentam cursos pagos, cursos noturnos e se incluem em faixas etárias mais altas, as alterações poderão envolver os critérios da escala de *renda*. Nesse caso, a *renda* não será apenas do pai mas a *renda*

mensal média da *família* ou do grupo doméstico ou das pessoas que contribuem para esta renda total. A *renda mensal média* poderia abranger, na medida do possível, a totalidade da renda dos membros que participam do esforço de obtenção de recursos financeiros.

Assim como neste exemplo, outros critérios poderão ser adotados, no sentido do aperfeiçoamento das escalas. De modo geral, não apenas as escalas podem ser guardadas de critérios, normas e limites, em sua elaboração, como também, quanto à sua aplicação. Constitui fase crucial da pesquisa a aplicação da escala quanto ao tipo de informante (aluno ou pai); quanto à maneira direta, exaustiva e analítica da obtenção dos dados e quanto à uniformização das informações no que se refere ao conteúdo.

Não foi utilizada, neste estudo, a categoria *grupo doméstico*, mas a de *família* e esta foi entendida como pai ou chefe da família, esposa e filhos; quando o estudante vivia com outras pessoas e, se casado, as respostas seriam sempre sobre o pai. Este

critério foi seguido porque a maioria ex  
pressiva do corpo discente da universidade  
é solteira, muito jovem e dependente dos  
pais. O termo *dependente* significa não ape-  
nas *morar junto*, mas ser mantido, total ou  
parcialmente, pela família. A *escolaridade*  
e a *ocupação* do pai foram mantidas mesmo  
que ele estivesse aposentado, não trabalhas-  
se ou não estivesse vivo.

Se o estudante já alcançou seu  
próprio *status* econômico e ocupacional e  
já tenha atingido a maturidade, os dados de  
verão ser os seus e não mais dos pais.

A escolha do pai e não do próprio  
estudante, como unidade de pesquisa ou fon-  
te de informações, decorreu da concepção ge-  
ral de que o pai é o cabeça da família e  
representa, na sociedade, o *status* social  
dos membros da família. Os filhos refletem  
e partilham do seu *status*, ou seja, o *status*  
do pai se estende a eles. Por outro lado, a  
aquisição definitiva de um *status* depende  
da avaliação que se faz, socialmente, dos  
resultados obtidos pelos esforços realiza-  
dos pelo indivíduo; logo, o pai representa  
o indivíduo que já adquiriu um *status* rela-

tivamente definido ou definitivo como resultado do seu desempenho e esforço pessoal. Além disso, trata-se de dados que permitem a classificação social à base de *status assumido* voluntariamente, assunção ligada à aceitação de novos papéis sociais, e estes papéis requerem certa preparação. Neste sentido, trata-se de uma *realização* pessoal além de mera assunção de papéis. O fato de as informações serem obtidas indiretamente, através do depoimento do filho-estudante, e não do próprio pai, ocasiona interferências imprevisíveis, desde o desconhecimento, pelos filhos, dos dados solicitados, como a subjetividade, mesmo não intencional, pois muitas vezes, desconhecendo a informação verdadeira ele tenta responder a ela ~~uma~~<sup>por</sup> aproximação. Maior precisão seria conseguida se a indagação fosse feita diretamente com os pais, mediante documentação comprobatória, quanto às três variáveis básicas que determinaram as escalas.

Embora o sistema de estratificação seja representado por um *continuum* de

*status* individuais sem divisões ou seccionamentos, nem hierarquia de categorias discretas e delimitadas, a imperiosa necessidade de classificação à base de critérios e indicadores não deixa de incluir uma carga de subjetividade. Os critérios quantitativos produzem o *continuum* e os critérios qualitativos determinam a hierarquia escalonada. A própria natureza dos dados a serem obtidos, a maneira indireta de serem coletados, o instrumento adotado na coleta e a escala, como instrumento de escalonamento, demonstram a relativa fragilidade dos elementos com que o pesquisador pode contar.

Estes elementos de análise demonstram ser difícil uma classificação total e exata; nem se pode pretender uma classificação dos estudantes em *status* sociais definitivos e perfeitamente delimitados; permitem apenas alcançar uma configuração dos quadros discentes universitários em termos de *status*, à base de escalas, utilizadas como instrumentos passíveis de aperfeiçoamento.

A construção ou a elaboração da

escala de consistência de *status* se consistiu num grande esforço de síntese, especialmente considerando-se a variedade de alternativas e de possibilidades traduzidas na riqueza e complexidade dos dados. Torna-se realmente difícil escalonar, a partir de dados dispersos num *continuum* e traçar limites e barreiras segundo alguns critérios.

A essência da construção das escalas foi a garantia da validade da disposição ordenada dos atributos, formando intervalos contíguos, na seqüência própria. As escalas, como instrumentos de medida, não estiveram afetadas na sua função de medir pelo sujeito de medida, ou seja, os atributos da escala não foram afetados pelos sujeitos medidos, os itens independiam da distribuição dos pais dos alunos quanto a vários aspectos, independiam de suas condições religiosas, políticas etc. O método de escalonamento suportou o exame antes de ser aplicado em definitivo e durante todo o período, medindo exatamente o que se pretendia medir. Logo, ao desenvolver a técnica da validade lógica observou-se que ela concordava com a validade empírica. (51)

---

(51) FERRARI. A. T. - *Técnicas e medidas de escalonamento na pesquisa social*. (mimiografado) Campinas, 1975, pg.1224.

As escalas passaram ainda pelos critérios de *relevância*, de *ambigüidade*, de *fidedignidade* e de *consistência* interna. Quanto à relevância, todos os valores considerados pertinentes compunham a ordenação da escala e nenhum valor ou dado da escala oferecia dúvidas ou duplicidade de sentido, logo, não apresentava *ambigüidade*. As escalas podem também ser consideradas fidedignas pelo fato de ter-se obtido os mesmos resultados quando aplicadas à "população" (universo) e aplicadas sob a forma de "amostra". As discrepâncias surgidas anualmente revelaram, em certa medida, as mesmas alterações e numa tendência bem definida. As escalas apresentam satisfatória *consistência interna*, ao observar-se o grau de inter-relação existente na seqüência de itens, quando cada item se situa em coerência gradativa e internamente consistente, em cada escala.

Assim, o quadro geral de estratificação obtido emergiu em razão da metodologia adotada e a base da validade e objetividade desta metodologia situa-se na tentativa de adoção de meios, recursos e o maior

volume possível de informações. Os instrumentos e os modelos de medida não representam senão um aspecto da problemática geral da mensuração, no campo das ciências sociais; portanto, convém observar que a medida através de escalas, e o desenvolvimento das técnicas de mensuração podem levar a crer na possibilidade de se decidir da validade de um *instrumento* ou de um *mo*delo, tentando analisá-los parcialmente ou apenas procurando interpretar as dimensões explicitadas ou subjacentes de um conjunto de resultados obtidos. Em vista <sup>disso</sup> conviria compreender que as *técnicas* e os *instrumen*tos de medida constituem parte da *metodolo*gia e a metodologia pode ser definida, simplesmente, como a arte de apreender, de descobrir e de analisar as pressuposições e os procedimentos lógicos da pesquisa, de modo a colocar em evidência e sistematizar estas pressuposições e estes procedimentos. Assim considerada, a metodologia poderia ser definida como um *saber* resultante da ação e da reflexão sobre a prática da pesquisa, numa dinâmica constante.

As críticas endereçadas aos estudos de estratificação social argumentam que estes não passam do nível da experiência, tratam de simples descrições estáticas que conduzem a estereótipos e não atingem a compreensão das estruturas; não se estudam os sistemas de *status* ou sistemas de estratificação, mas tratam de escalonar os indivíduos à base de *status* individuais.

De fato, ao procurar construir as escalas de *status*, tarefa excessivamente complexa, não se poderia, também, ir além do nível descritivo; tratava-se de escalonar os pais dos estudantes, situá-los na hierarquia social e não se pretendeu empreender um estudo do sistema de *status* ou sistema de estratificação da sociedade onde se inserem estes pais e estes filhos. O estudo se resumiu em buscar os *status* individuais, identificando-os numa escala, evidenciando a existência objetiva de uma categoria social mais ou menos homogênea. Os alunos, integrantes desta categoria, possuem, em co

num, algumas características específicas e, os que integram cada estrato possuem em co mun, determinadas características observá veis, mensuráveis, próprias de cada nível.

Como a hierarquia de *status* se baseia em avaliações diferenciais dos obje tivos das relações sociais e representa tam bém, de certa forma, uma hierarquia de va lores e critérios próprios de cada socieda de, e como estes critérios e valores variam com o tempo, justifica-se o estudo periódi co da estratificação social, à base de aper feiçoamento do instrumental teórico e práti co.

Podem ser efetuados estudos de tendência de uma série cronológica da mes ma população para identificar as alterações na dimensão temporal. Esta análise permite a constatação da evolução do fenômeno, al gumas comparações e o controle do comporta mento dos dados. Mas, numa outra etapa, po de-se interpretar e comparar esta série his tórica com outras séries obtidas sob condi ções análogas, quando os conceitos e crité rios operacionais forem mantidos. Além dis so, podem-se estabelecer confrontos en

tre esta série histórica com outra série de referência, sobre outro fenômeno que, de alguma forma, possa estar ligado à evolução do fenômeno da estratificação. Por exemplo, comparar a série da situação de *status* social dos universitários com a série, do mesmo período, sobre taxas de desenvolvimento econômico, de urbanização etc.

A adaptação do *modelo* pode ser efetivada especialmente se atentar-se para determinados re-arranjos, alguns já sugeridos; modelo este que atuará como se a situação fosse isomorficamente semelhante. Por outro lado, o resultado dos estudos empíricos, tomando como universo um determinado contexto de estratificação social, serão válidos para este universo, não sendo representativo de outros contextos nem da sociedade em geral. O que se sugere é que os esquemas ou o modelo sejam válidos para estudos em casos semelhantes, devendo ser distinguidas as condições locais ou regionais com suas características estruturais próprias, especialmente no que se refere à aplicação do *modelo de síntese de status*, como referencial, relacionado a outras esca

las multidimensionais.

Alguns teóricos da estratificação sugerem que uma pessoa com *status* social pouco cristalizado ou consistente ocupa uma posição ambígua na sociedade, uma posição desconfortável, na qual ele poderá, provavelmente, ser objeto de experiências desagradáveis no curso de sua interação social. Afirmam que as pessoas com *status incongruentes* constituem uma categoria social peculiarmente vulnerável aos choques, desapontamentos e embaraços, sujeitas a maiores dificuldades em estabelecer padrões de reciprocidade no processo de interação social. Entretanto, nem sempre as pesquisas empíricas têm podido provar estas teses. (52)

O modelo teórico de *inconsistência* como gerador de tensões mais ou menos agravadas, nem sempre se aplica. A experiência obtida neste estudo, quanto à integração dos estudantes na UNICAMP, evidencia a persistência de *status inconsistentes*, mas não identifica associação significativa entre esta e as possíveis dificuldades no processo de inte

---

(52) JACKSON, Elton F.- "Status consistency and symptoms of stress" -*op. cit.* pg. 121.

ração social. Além disso, pode ocorrer que a fragilidade e ambigüidade dos itens surgidos como resposta à indagação, expressem mais um elemento explicativo de que a interação social não é afetada pela situação de *inconsistência*. Os dados da pesquisa revelam uma *inconsistência de status* quantitativamente expressiva, mas moderada quanto ao tipo de problemas e obstáculos ao ajustamento. Eles podem revelar que os estudantes, eventualmente, experimentam ou experimentaram problemas de ajustamento, mas estes vêm sendo superados, talvez por terem apreendido rapidamente as soluções possíveis para as dificuldades surgidas, ou mesmo por terem passado por igual experiência anterior. Por outro lado, como as normas que regem os *status* constituem significativo artifício de controle social, é possível que elas tenham atuado como formas de ajustamento às situações conflitantes entre os estudantes do mesmo estrato, entre os estratos e no relacionamento indiferenciado no contexto social universitário. Além disso, vivendo, inevitavelmente, em situação de interdependência, com normas e padrões de privilégios e deveres relativos aos estudantes, suficientemente es

tandartizados e institucionalizados, ao nível da organização, foi possível uma reciprocidade e um ajuste de expectativas, independente das tensões experimentadas pela *situação de inconsistência*.

Considerando-se que a escala deveria estratificar num *continuum*, o seccionamento em termos de *consistência*, em cada escala, teria, naturalmente, que ficar um tanto forçada; ao agrupar, em atenção aos critérios e limites, forçou-se para cima ou para baixo. Deste modo, possivelmente, o volume de pais com *status inconsistentes* reflita o resultado dos critérios e limites adotados; portanto, se o escalonamento fosse diferente, outro teria sido o resultado, sob este aspecto. Pode-se tentar, também, não apenas uma mensuração do volume da inconsistência *status*, mas também a distinção dos diferentes padrões de inconsistência, pois estes poderiam identificar, através do contraste entre hierarquias, onde as diferenças são mais evidentes, ou onde os *status* são mais discrepantes. Os efeitos do *status inconsistente* podem não estar limitados a uma forma particular de atribuição, ou de *status de realização*, mas emergirem de algu

mas dimensões da *atribuição de status*, a par de alguma dimensão de realização pessoal dos pais.

Tudo indica que os mais relevantes resultados da análise de consistência seriam definir o padrão de relações que orientam a interação entre os membros do mesmo nível e identificar as configurações de atributos do *status* que geram tensões nas relações interpessoais dos estudantes, nas atitudes, no comportamento expresso, no processo ensino-aprendizagem, relacionamento grupal, preconceito, atos de rebeldia, agressão, protesto, violência, submissão, socialização, integração, participação política, agremiação etc. O modelo de estratificação em níveis e em termos de consistência poderá conduzir a uma série de estudos e considerações sobre o comportamento individual e coletivo dos estudantes, permitindo uma orientação aos projetos e programas que envolvam a educação universitária como um todo.

Há mais de trinta anos que os sociólogos e teóricos da estratificação social vêm sustentando que a mobilidade vertical e a inconsistência do *status* têm impor-

tância muitas vezes adversas sobre o indivíduo, em acréscimo a muitos dos efeitos do nível do *status social*. Embora a mobilidade social e a inconsistência do *status* sejam conceitualmente experiências distintas, a maioria dos estudos têm jogado com ambas e as considerado no mesmo quadro de análise. Ambos os tipos de experiência têm sido encarados como capazes de afetar o indivíduo, através de mecanismos similares, como, por exemplo, a ruptura das relações interpessoais, conflitos, expectativas ambíguas para o comportamento, produzindo tipos similares de respostas como preconceito, omissão, fuga da participação social. O fato real consiste na situação de que o *status inconsistente* atua na mesma faixa das características psicossociais da *mobilidade social*. A inconsistência pode significar a frustração, provocada pelas limitações, obstáculos e cerceamento da mobilidade vertical ascendente, a interferência na realização da trajetória ascensional através dos *estratos* ou a fixação em um estrato definido. Os indivíduos colocados em situação de *inconsistência de status* enfrentam uma forma de luta que deixa marcas e estas cicatrizes podem se refletir no seu

relacionamento. Entretanto, a evidência das pesquisas já realizadas não têm sido suficientes para estabelecer se tais efeitos existem e qual a profundidade de sua interferência. Talvez isto se deva ao fato da maioria das pesquisas terem utilizado critérios muito subjetivos, poucas variáveis, independentes ou amostras limitadas. (53)

Por estas razões tentou-se fugir ao escalonamento mais subjetivo e de indicador unidimensional, julgado *a priori* como válido, utilizando critérios mais objetivos e enfoque multidimensional, através de três variáveis.

Concluindo, pode-se verificar que, em termos globais, os dados demonstram que há entre os familiares um processo de mobilidade vertical, considerando-se a instrução superior como um indicador de elevação

---

(53) SOARES, Gláucio Ary Dilon - "Integração familiar e neurose". *Sociologia*, vol. XXVI, março, 1965, nº.1. Neste trabalho o autor utilizou apenas a variável educação como indicador do status social. pg.16.

de *status*. Portanto, é fácil explicar a pressão dos pais sobre os filhos no sentido do seu ingresso no curso superior, pois para uma larga faixa da população, isto implica, realmente, em alteração do *status* pessoal e familiar e portanto, de prestígio social real ou aparente.

Como se pode observar também, a rede universitária vem penetrando, de fato, em todas as camadas, o que não equivale afirmar que as oportunidades concedidas aos jovens das camadas mais *baixas* satisfaçam em termos quantitativos e que a seleção dos mais capazes não esteja sendo prejudicada pelas barreiras de caráter sócio-econômico que limitam o acesso à universidade, particularmente nos últimos anos. O que se pode perceber, contudo, é que o nível de procura da escola pública e gratuita, por jovens de camadas mais baixas, vem se mantendo, e este fato adquire profundo sentido econômico, político e social.

A própria procura e disputa pelos cursos universitários especialmente os gratuitos, comprovam a existência da necessidade de busca deste canal de ascensão e denunciam a relevância da estratificação social como um instrumento de estudo e análise da população universitária. Se existe a busca de status educacional mais alto é porque este envolve a possibilidade de desempenho de atividades profissionais mais lucrativas, de auferir maior renda e, conseqüentemente, alcançar maior autonomia e independência. O objetivo desta busca reside na obtenção dos privilégios e benefícios a serem auferidos, sejam eles de base psicológica ou puramente econômica; o irrefutável é que eles possuem caráter social. A natureza sociológica dos objetivos da busca do status parecem evidentes, o status significa sempre uma parcela de poder, significa a probabilidade de usar a própria vontade dentro de uma relação social contra algum tipo de resistência. Seja qual for o fundamento desta probabilidade, há o poder de exercer influência sobre outros. O indivíduo com capacidade de influência, primeiramente alcançou o status para ter depois

este privilégio; portanto, os indivíduos tra  
tam de atingir altos níveis de *status*, es  
perando que a posse de *status* mais elevados  
lhes permita a garantia e a ampliação de  
sua capacidade de autonomia, de decisão, de  
influência e de poder.

## BIBLIOGRAFIA

ALEXANDER Jr., C. Norman - "Status perceptions", *American Sociological Review*, 1972, vol. 37: 767 - 773.

BARBER, Bernard - *Social stratification - a comparative analysis of structure and process*, New York, Harcourt, Brace, Co., 1957.

BLALOCK Jr., H., - "The identification problem and theory building: the case of status inconsistency", *American Sociological Review*, 1966, vol.31: 52-61.

BOUDON, Raymond et Paul Lazarsfeld - *Le vocabulaire des sciences sociales*, Paris, Mouton & Co, m 1971.

BOUDON, Raymond et Paul Lazarsfeld - *L'analyse empirique de la causalité*, Paris, Mouton & Co., 1966.

- BROOM, Leonard and F. Lancaster Jones -  
"Status consistency and political preference: the Australian case". *American Sociological Review*, 1970, vol.35: 989-1001.
- CHAZEL, F., R. Boudon et P. Lazarsfeld -  
*L'analyse des processus sociaux*, Paris, Mouton, 1970.
- COMPÈRE, Bernard - "Integration sociale et marginalité", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Paris, Presses Universitaires de France, vol. LXIV, 1978.
- DAHRENDORF, Ralf - "Recent changes in the class structure of european societies". *Daedalus*, 1964, vol. 93, N°.1: 225-270.
- FERRARI, A.T. - "Estratificação social e consciência de classe em Campinas", *Revista Brasileira de Sociologia*, São Paulo, 1976, vol.II, N°s., 1 e 2.

FERRARI, A.T. - *Técnicas e medidas de escalonamento na pesquisa social*. (mimiogra<sup>u</sup>fado) Campinas, IPPACC, 1975.

FICHTER, Joseph H. - *Sociologia*, São Paulo, Editora Pedagógica Universitária Ltda, 1973, 3a. ed.

FORACCHI, Marialice M. - *O estudante e a transformação da sociedade brasileira*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1977, 2a. ed.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS - "Índices econômicos regionais", *Conjuntura Econômica*, vol. 31, Nº.2, fevereiro, 1977.

GARRET, Henri E. - *Estadística en psicología y educación*, Buenos Aires, Editorial Paidós, 1971, 2a. ed.

HARTLEY, Eugene L. and Ruth E. Hartley - "Status social e papel social", *O Homem e a sociedade*, organizado por F.H. Cardoso, São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1971, 6a.ed.

HILLER; E.T. - "General characteristics of status", *Social relations and structures*, New York, Harper & Brothers, 1947.

HODGE, Robert W. and Donald J. Treiman - "Social participation and social status" - *American Sociological Review*, 1968, vol. 33, N<sup>o</sup>.5: 722 - 740.

HOPE, Keith - "Models of status inconsistency and social mobility effects", *American Sociological Review* 1975, vol. 40: 322-343.

HORNUNG, Carlton A. - "Social status, status inconsistency and psychological stress", *American Sociological Review* 1977, vol. 42: 623 - 638.

HOUSE, James S. and Elizabeth Bates Harkins - "Why and when is status inconsistency stressful"? *American Journal of Sociology* 1975, vol. 81, N<sup>o</sup>.2: 395 - 412.

- HORWITZ Hortense et Elias Smith - "L'interchangeabilité des índices sócio-économiques", *Le vocabulaire des sciences sociales* de R. Boudon et P. Lazarsfeld, Paris, Mouton & Co., 1971.
- HUTCHINSON, Bertan - "Origem sócio-econômica do estudante universitário" *Mobí*lidade e Trabalho - um estudo da cidade de São Paulo, Rio de Janeiro, CBPE/INEP/ME, págs. 17 - 74.
- HYMEN, Herbert H. - "Classe sociale et systême de valeurs: contribution psychologique a l'analyse de la stratification", *Class, status and power*, organizado por Reinhard Bendix et Seymour Lipset, New York, The Free Press, 1953.
- JACKSON, Elton F. - "Status consistency and symptoms of stress" - *American So*ciological Review 1962, vol. 27:120-129.
- JACKSON, Elton F. and Richard F. Curtis - "Effects of vertical mobility and status inconsistency: a body of negative evidence" - *American Sociological Review* 1972, vol. 37: 701 - 713.

- JACKSON, Elton F. and Peter J. Burbe -  
"Status and symptoms of stress: additive  
and interactive effects". *American So-  
ciological*, 1965, vol. 30: 556 - 564.
- KLUEGEL, James R. e al. - "Subjective class  
identification: a multiple indicador  
approach". *American Sociological Review*,  
1977, vol.42 : 599 - 611.
- LANDECKER, Werner I. - "Les types de inte-  
gration et leur mesure" - *Le vocabu-  
laire des sciences sociales*, Paris,  
Mouton & Co., 1971.
- LAZARSFELD, Paul and Morris Rosenberg -*The  
language of social research*, Glencoe ,  
The Free Press, 1955.
- LAZARSFELD, P. et R. Boudon - *Le vocabulai-  
res des sciences sociales - concepts et  
indices*, Paris, Mouton & Co., 1971.
- LENSKI, Gejard E.- "Status crystalization:  
a non vertical dimension of social status".  
*American Sociological Review*, 1954, vol.19:  
405 - 413.

- LENSKI, Gehard E. - "Social participation and status crystalization". *American Sociological Review* 1967, vol. 21: 458 - 464.
- LINTON, Ralph - *O homem - uma introdução à antropologia*, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1952, 2a. ed.
- LIPSET, S.M. "La formation des opinions dans une situation de crise". *L'analyse empirique de la causalité*, R. Boudon et P. Lazarsfeld. Paris, Mouton & Co., 1966, pg. 98.
- LOPES, Luarez Rubens Brandão - *Sociedade industrial no Brasil*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1964.
- MACIVER, R.M. y Charles H. Page - *Sociologia*, Madrid, Editorial Técnos, S/A, 1950.
- MARSHALL, T.H. - "Social class - a preliminary analysis". *American Sociological Review* 1934, vol. XXVI: 55 - 56.

- MENDIETA y NUNÉZ, Luis - *Las classes sociales*, México, Instituto de Investigaciones Sociales, Universidad Nacional, 1947.
- MENDRAS, Henri - *Princípios de sociologia-uma iniciação à análise sociológica*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2a.ed.,1971.
- OLIVEIRA, Therezinha de F.R. - *Estatística aplicada à educação*, Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos Editora S/A, 1977.
- OLSEN, Marcin E. and Judy C. Tully - "Socio-economic ethnic status inconsistency and preference for political change". *American Sociological Review*, 1972, vol.37 : 560 - 574.
- PARSONS, Talcott - "Classe social et status socio-economique", *Cahiers Internationaux de Sociologie*, Paris, XI, 1951.
- RABELLO, Ophelina - *Universidade e trabalho - perspectivas*, Campinas, UNICAMP/INEP, São Paulo, 1973.

- RABELLO, Ophelina - *Um estudo sócio- econô-  
mico do estudante universitário, Campi-  
nas, São Paulo, UNICAMP/INEP, 1974.*
- RABELLO, Ophelina - *Aspectos regionais do  
mercado de trabalho para universitários,  
Campinas, São Paulo, UNICAMP/INEP, 1974.*
- ROSENBERG, Morris - *The logic of survey  
analysis, New York, Basic Books, Inc.  
Publishers, 1968.*
- SAMPSON, E.E. - "Status congruence and cog-  
nitive consistency" - *Sociometry*, 1970,  
vol. 33: 347 - 357.
- SEWELL, W.H., Archie O. Haller, Muray A.  
Straus - "Social status and educacional  
and occupational aspiration". *American  
Sociological Review* 1957, vol.22, N°.1:  
67 - 73.
- SOARES, Gláucio Ary Dilon - "Integração fa-  
miliar e neurose" - *Sociologia*, 1965,  
vol. XXVI, N°.1: 3 - 17.

SOROKIN, P.A. - *Social mobility*, New York, Harper and Brothers, 1927.

STAVENHAGEN, Rodolfo - *Las clases sociales en las sociedades agrarias*, México, Si glo XXI Editores S/A, 1972.

TREIMAN, Donal J. - "Status discrepancy and prejudice". *American Journal of Sociology*, 1966, vol. 71: 651 - 664.

TUMIN, Melvin. "Some principles of stratifi cation: a critical analysis". *American Sociological Review*, 1953, vol. 18, N<sup>o</sup>.4: 387 - 397.

WEBER, Max - *Economía y Sociedad* - esbozo de sociología comprensiva, México, Fondo de Cultura Económica, 1944, 2a. ed.

ZEIZEL, Hans - "Deux exemples de construction d'indice" *Le vocabulaire de sciences so* ciales, R. Boudon et P. Lazarsfeld, Pa ris, Mouton & Co., 1971.

## ANEXO I - CRITÉRIOS DE PROGRAMAÇÃO

O projeto foi desenvolvido no sistema PDP-10 (Digital) da UNICAMP, utilizando a *package* SPSS - Statistical Package for the Social Sciences, versão 5.02.2, desenvolvido na Universidade de Pettsburgh. Os procedimentos utilizados foram o *cross*TABS e suas opções e estatísticas que, em síntese, tornaram possível obter o Qui-Quadrado, os graus de liberdade, o nível de significância, o coeficiente de contingência e as percentagens de cada célula da tabela, em relação ao total ou à linha. Em cada população ou *amostra* a categoria *não respondeu* foi considerada como observação perdida, uma vez que aos objetivos da análise esta alternativa não tem significado estatístico e mesmo sua inclusão conduziria a um resultado distorcido.

## ANEXO II - ESCALA OCUPACIONAL

- A. Altos cargos políticos e administrativos. Proprietários de grandes empresas e assemelhados.

Banqueiro

Deputado

Desembargador

Diplomata

Diretor superintendente de grande companhia (inclusive Banco) com 50 subordinado ou mais

Dono de empresas comerciais ou equivalente com 50 empregados ou mais

Fazendeiro com 50 empregados ou mais

General. Brigadeiro. Almirante

Industrial com 100 empregados ou mais.

B. Profissões liberais. Cargos de gerência ou direção. Proprietários de empresas de tamanho médio.

Comerciante - 11 a 49 empregados ou muitos empregados.

Corretor de imóveis com mais de 10 empregados ou muitos empregados.

Delegado de Polícia. (São Paulo)

Diretor de repartição pública.

Fazendeiro ou pecuarista - 11 a 49 empregados ou muitos empregados.

Fazendeiro ou pecuarista, sem informação sobre o número de empregados.

Fiscal de Consumo.

Fiscal de Rendas Estaduais.

Gerente de Banco.

Gerente de Pessoal.

Industrial ou dono de fábrica - 11 a 99 empregados ou muitos empregados.

Industrial, sem informação sobre o número de empregados .

Juiz - Promotor.

Oficiais das Forças Armadas (exceto Ge  
neral, Brigadeiro, Almirante e Tenente)

Prefeito - Vereador.

Professor Universitário.

Tabelião - Dono de Cartório - Escrivão  
de Cartório - Oficial maior.

Profissões Liberais e Assemelhados (Pro  
fissões liberais poderão passar a 1 se  
forem proprietários ou dirigentes de  
grandes empresas.

Advogado

Agrônomo

Arquiteto

Dentista

Economista

Engenheiro

Engenheiro Químico

Farmacêutico (diplomado)

Médico

Veterinário

- C. Posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais pro prietários de pequenas empresas comer ciais, industriais, agro-pecuárias etc.

Administrador de Fazenda com mais de 10 empregados.

Agente de Correio (Chefe de Agência)

Agente de Estatística.

Aviador (sem especificar)

Bibliotecário.

Caixa (bancário)

Chefe de escritório ou de Secção em Re partição Pública.

Chefe de Pessoal.

Chefe de Secretaria.

Coletor Estadual e Federal.

Comerciante imobiliário (conta própria)

Comerciante ou Dono de Estabelecimento comercial, com 2 a 10 empregados ou al guns empregados (inclusive dono de ho tel)

Comerciante (sem especificar)

Conferente de Alfândega

Construtor (sem referência a número de empregados)

Contador, Contabilista ou Guarda-Livros.

Corretor de imóveis (com 2 a 10 empregados).

Delegado Regional de Ensino (São Paulo)

Desenhista (empregado e conta própria)

Despachante com mais de 1 empregado.

Dono de Farmácia (sem diploma)

Dono de Máquina de Café até 5 empregados.

Escrevente de cartório.

Forças Armadas - (Tenente e Sub-tenente do Exército e equivalente na Aeronáutica e Marinha).

Industrial ou Dono de Fábrica (de 2 a 10 empregados)

Inspetor de Ensino (São Paulo)

Jornalista

Lançador de Prefeitura

Oficial de Marinha Mercante.

Pastor protestante.

Professor secundário. Diretor de escola secundária.

Proprietário (sem especificar do que)

Proprietário rural - 2 a 10 empregados ou vários empregados.

Protético com um ou mais empregados.

Químico Industrial (sem curso superior)

Representante de firma comercial - 2 a 10 empregados e sem referência a número de empregados.

Tesoureiro.

Topógrafo.

D. Ocupações não-manuais de rotina e asse  
melhadas.

Agricultor - sem informação sobre a pro  
priedade da terra.

Administrador de fazenda (até 10 emp  
gados)

Almoxarife.

Artista (sem especificar)

Auxiliar de Escritório.

Bancário (sem especificar)

Caixa de firma comercial

Chefe de Estação de Estrada de Ferro.

Comerciário (sem especificar e sem em  
pregado)

Conferente (exceto Conferente de Alfân  
dega - que fica na 3)

Corretor de imóveis com menos de 2 emp  
gados

Datilógrafo

Despachante de Companhia de Aviação

Despachante sem empregado ou com 1 emp

gado.

Dono de Estabelecimento Comercial sem  
empregado e com 1 empregado.

Escriturário

Escriturário

Escrivão de Polícia

Ferroviano (sem especificar)

Fiscal da Prefeitura

Funcionário Público (sem especificar)

Gerente de casa comercial de tamanho m  
e (2 a 10 subordinados)

Locutor

Músico

Professor de música

Professor primário. Diretor de escola  
primária

Propagandista (empregado)

Protético sem empregados

Publicitário (sem especificar)

Radialista

Radiotelegrafista

Recepcionista

Reporter

Revisor

Sargento

Sitiante proprietário (com 1 empregado  
ou sem empregado)

Sitiante (sem informação sobre o número  
de empregados)

Técnico de Laboratório

Telegrafista

Vendedor de firma

Vendedor de produtos farmacêuticos

Viajante comercial

E. Supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas.

Agricultor (por conta própria) com um ou nenhum empregado

Apontador de obras

Artífices com 2 a 4 empregados

Chefe de estiva

Chefe de obras

Chefe de turma

Chefe de trem

Chefe de secção (fábrica)

Contra mestre

Cozinheiro (restaurante de 1.ª classe)

Empreiteiro

Feitor ou Capataz

Fiscal de transporte coletivo

Guarda aduaneiro

Inspetor de obras (não é Engenheiro)

Inspetor de Polícia

Inspetor de serviço (oficina mecânica)  
(automóveis)

Mestre (indústria)

Mestre e obras

F. Ocupações manuais especializadas ou as  
semelhadas e não especializadas.

Agricultor - meeiro ou parceiro(o arrendatário rural deve ser classificado pelo número de empregados, sendo os limites os mesmos estabelecidos para o administrador.

Alfaiate

Barbeiro

Banqueiro

Cabelereiro

Carregador

Carroceiro

Carpinteiro

Chacareiro

Chapeleiro

Cinegrafista

Cobrador

Coletor de lixo

Cortador de luvas

Cozinheiro  
Dono de banca de jornais, revistas e  
charrete  
Dono de lenhadora  
Dono de pensão  
Dono de Olaria  
Eletricista  
Encanador ou Bombeiro  
Entregador  
Feirante  
Ferreiro  
Fiscal de feira  
Foguista  
Fotógrafo  
Funileiro  
Guarda noturno  
Lavrador sem empregados  
Lustrador  
Marceneiro  
Marinheiro  
Mecânico

Militar sem especificação  
Motorista  
Motorneiro  
Músico de Banda  
Operador de cinema  
Militar (sem especificação)  
Ourives  
Padeiro(distribuidor) por conta própria  
Pedreiro  
Pescador  
Pintor  
Poceiro  
Porteiro  
Relojoeiro  
Sapateiro  
Seleiro  
Serralheiro  
Técnico de tecidos  
Técnico de TV  
Tintureiro  
Trabalhador rural  
Vendedor ambulante  
Vidraceiro  
Zelador do Edifício

ANEXO III - TABELA DE VALORES DE COEFICIENTES DE CORRELAÇÃO DE CONTINGÊNCIA. (\*)

- De +1 a -1 = CP - correlação perfeita.  
(positiva ou negativa)
- De 0,90 a 0,99 = CMA - correlação muito alta.
- De 0,70 a 0,89 = CA - correlação alta.
- De 0,40 a 0,69 = CM - correlação marcada substancial ou moderada.
- De 0,20 a 0,39 = CB - correlação baixa.
- De 0,01 a 0,19 = CI - correlação ínfima indiferente ou desprezível.
- 0,00 = AAC - ausência absoluta de correlação.

---

(\*) GARRET, Henri E. - *Estadística em Psicología y Educación* - Editorial Paidós, Buenos Aires, 1971, 2a. ed., pg. 204.

## UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

LEVANTAMENTO V - 2/75

## O ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

Senhor Estudante

Solicitamos sua colaboração no sentido de responder, com atenção, às questões propostas pois, dos dados obtidos dependerão, em alguns casos, decisões relevantes. A maioria das perguntas é do tipo teste. Abaixo da pergunta há uma série de alternativas para escolha da que melhor se ajuste à sua situação. Faça um sinal (X) dentro do espaço situado à esquerda da alternativa escolhida.

Quando se pedir respostas por escrito, haverá um espaço para colocá-las.

Não deixe nenhuma pergunta sem resposta.

Suas informações serão confidenciais, pois o que interessa não é o caso individual, mas a problemática do universitário de modo global.

Antecipadamente agradecemos a sua colaboração.

01. Curso \_\_\_\_\_

02. Estado Civil

- |                 |                   |
|-----------------|-------------------|
| 1. ( ) solteiro | 3. ( ) viúvo      |
| 2. ( ) casado   | 4. ( ) desquitado |

03. Idade (em anos completo) \_\_\_\_\_

04. Sexo

- |                  |                 |
|------------------|-----------------|
| 1. ( ) masculino | 2. ( ) feminino |
|------------------|-----------------|

05. Nacionalidade \_\_\_\_\_

06. Sua família reside em:

1. ( ) Campinas
2. ( ) São Paulo
3. ( ) outra cidade - qual? \_\_\_\_\_
4. ( ) outro estado - qual? \_\_\_\_\_

07. Sua família reside na:

1. ( ) zona rural
2. ( ) zona urbana

08. Se sua família não reside em Campinas, com quem você mora?

1. ( ) em cada de outros parentes
2. ( ) continua morando com os pais e viaja diariamente
3. ( ) sozinho
4. ( ) com amigos ou colegas
5. ( ) com o cônjuge
6. ( ) outro

09. Se sua família não reside em Campinas, você costuma viajar para sua cidade:

1. ( ) diariamente
2. ( ) semanalmente
3. ( ) quinzenalmente
4. ( ) mensalmente
5. ( ) período de férias

10. Caracterize a habitação de sua família quanto:

- Nº. de cômodos ( )  
Nº. de quartos ( )  
Nº. de pessoas ( )

11. Que tipo de moradia é a da sua família:

1. ( ) residência própria
2. ( ) residência alugada
3. ( ) outro

12. Seus pais são vivos?

- |               |           |
|---------------|-----------|
| Pai 1 ( ) sim | 2 ( ) não |
| Mãe 1 ( ) sim | 2 ( ) não |

13. Qual a nacionalidade de seus pais?

Pai \_\_\_\_\_  
Mãe \_\_\_\_\_

14. Considerando este curso que frequenta, quando ingressou na Universidade?

1. ( ) no ano seguinte ao do término do curso médio
2. ( ) um ano depois do término do curso médio
3. ( ) dois anos depois do término do curso médio
4. ( ) três anos ou mais, depois do término do curso médio

15. Que curso concluiu no nível médio no 1º. ciclo?

1. ( ) ginásial secundário

2. ( ) ginásial comercial

3. ( ) ginásial técnico

4. ( ) madureza

5. ( ) outro, qual? \_\_\_\_\_

16. Que curso concluiu no 2º. ciclo?

1. ( ) científico

2. ( ) clássico

3. ( ) moral

4. ( ) comercial

5. ( ) técnico

6. ( ) madureza

7. ( ) outro, qual? \_\_\_\_\_

17. Durante o curso de nível médio, que tipo de escolas frequentou?

1. ( ) somente escolas públicas

2. ( ) somente escolas particulares

3. ( ) públicas e particulares

18. Quantas vezes concorreu aos concursos vestibulares para ingresso no ensino superior?

1. ( ) uma vez
2. ( ) duas vezes
3. ( ) três vezes ou mais

19. Antes de ingressar na Universidade, você frequentou curso preparatório ("curso sinho")?

20. Por quanto tempo?

1. ( ) até um semestre
2. ( ) até dois semestres
3. ( ) até três semestres
4. ( ) mais de três semestres

21. Você está frequentando o curso que de sejava?

1. ( ) sim
2. ( ) não

22. Você está contente com o curso que es tá frequentando?

1. ( ) sim
2. ( ) não

Porque? \_\_\_\_\_

23. No semestre passado quanto você gastou, em média, mensalmente, enquanto estudante universitário (incluir aluguel, alimentação, condução, material escolar etc)? Cr\$ \_\_\_\_\_

24. Como são supridos os gastos de sua manutenção?

1. ( ) totalmente por você
2. ( ) parte por você e parte por bolsa de estudo.
3. ( ) parte por você e parte pela sua família
4. ( ) parte por você, parte pela sua família e parte por bolsa de estudos
5. ( ) totalmente pela família
6. ( ) outras fontes

25. Quantas pessoas compõem o seu grupo do místico? \_\_\_\_\_

26. Quantos irmãos menores você tem? \_\_\_\_\_

27. Quem é a pessoa que mais contribui para o rendimento total de seu grupo doméstico?

1. ( ) seu pai
2. ( ) sua mãe
3. ( ) seu irmão
4. ( ) sua esposa (ou marido)
5. ( ) outro parente
6. ( ) outra pessoa (não aparentada)
7. ( ) você mesmo

28. Qual é a ocupação do seu pai e da pessoa que mais contribui para o rendimento total do seu grupo doméstico?

(Se é aposentado ou está desempregado atualmente, descreva a última ocupação remunerada. Dê uma idéia clara do que faz (ou fazia). Se fôr operário, funcionário, comerciário etc, diga a função na fábrica, repartição ou estabelecimento onde trabalha(va); se é (foi) agricultor diga se é (foi) sitiante, fazendeiro, parceiro, arrendatário ou empregado; se é (foi) professor, diga se é (foi) professor primário, secundário ou universitário. Se tiver (teve) mais de

uma ocupação, descreva-as).

do pai \_\_\_\_\_

do maior contribuinte \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

29. Qual é o rendimento mensal (médio) da pessoa que mais contribui para o rendimento total do seu grupo doméstico?

Cr\$ \_\_\_\_\_

30. Qual é o rendimento mensal (médio) de seu pai e de sua mãe?

pai: Cr\$ \_\_\_\_\_

mãe: Cr\$ \_\_\_\_\_

31. Qual o nível de instrução da pessoa que mais contribui para as despesas do seu grupo doméstico?

1. ( ) analfabeto
2. ( ) primário incompleto
3. ( ) primário completo
4. ( ) secundário incompleto
5. ( ) secundário completo
6. ( ) colegial incompleto
7. ( ) colegial completo
8. ( ) superior incompleto
9. ( ) superior completo

32. Qual o nível de instrução de seus pais?

pai

mãe

- |        |        |                       |
|--------|--------|-----------------------|
| 1. ( ) | 1. ( ) | analfabeto            |
| 2. ( ) | 2. ( ) | primário incompleto   |
| 3. ( ) | 3. ( ) | primário completo     |
| 4. ( ) | 4. ( ) | secundário incompleto |
| 5. ( ) | 5. ( ) | secundário completo   |
| 6. ( ) | 6. ( ) | colegial incompleto   |
| 7. ( ) | 7. ( ) | colegial completo     |
| 8. ( ) | 8. ( ) | superior incompleto   |
| 9. ( ) | 9. ( ) | superior completo     |

33. Declare o total aproximado de ganhos e rendimentos mensais do seu grupo do doméstico (incluir salários, juros, aluguéis, pensões, dividendos, renda de terras e outras quaisquer formas de rendimento em dinheiro). Cr\$ \_\_\_\_\_

34. Seus pais ou avós possuem residência própria?

- |      |            |            |
|------|------------|------------|
| pais | 1. ( ) sim | 2. ( ) não |
| avós | 1. ( ) sim | 2. ( ) não |

35. Seus pais ou avós mantêm alguma firma comercial ou industrial?

pais 1. ( ) sim 2. ( ) não

avós 1. ( ) sim 2. ( ) não

36. Seus pais ou avós possuem sítio, fazenda ou chácara?

pais 1. ( ) sim 2. ( ) não

avós 1. ( ) sim 2. ( ) não

37. Seu pai ou sua mãe possuem automóvel?

1. ( ) sim 2. ( ) não

38. Você tem carro próprio?

1. ( ) sim 2. ( ) não

39. Se você tem automóvel, adquiriu-o:

1. ( ) com recursos da família

2. ( ) com recursos próprios

40. Muitos estudantes entram em choque com suas famílias quando elas procuram controlar seus horários ou hábitos. Acontece

ce o mesmo com você?

1. ( ) não acontece
2. ( ) raramente acontece
3. ( ) acontece frequentemente

41. Muitos estudantes entraram em choque com suas famílias, quando os cursos escolhidos não eram do agrado dos familiares. Aconteceu o mesmo com você?

1. ( ) não aconteceu
2. ( ) houve apenas algumas discussões
3. ( ) houve intransigência diante da  
minha escolha

42. Muitos estudantes entram em choque com suas famílias quando elas não concordam com suas posições ou concepções políticas, econômicas ou religiosas. Acontece o mesmo com você?

1. ( ) não acontece
2. ( ) acontece raramente
3. ( ) acontece frequentemente

43. Qual foi "o motivo mais importante" na escolha do curso que está frequentando?

1. ( ) boa remuneração

2. ( ) prestígio social atribuído à pro  
fissão
3. ( ) orientação familiar
4. ( ) orientação de um profissional co  
nhecido
5. ( ) orientação de instituto vocacio  
nal
6. ( ) maiores chances de aprovação do  
vestibular
7. ( ) única chance na região
8. ( ) realização vocacional
9. ( ) outro motivo  
qual \_\_\_\_\_

44. Qual a preocupação pessoal que "mais afe  
ta" seu rendimento escolar?

1. ( ) preocupação de ordem econômica
2. ( ) preocupação de ordem familiar
3. ( ) preocupação de ordem emocional
4. ( ) preocupação de ordem vocacional
5. ( ) incerteza quanto ao futuro pro  
fissional
6. ( ) não há preocupação que afete o  
estudo
7. ( ) outra preocupação  
qual \_\_\_\_\_

45. Qual foi o "principal problema" que vo  
cê encontrou na Universidade?

1. ( ) falta de aulas práticas
  2. ( ) falta de salas de aula
  3. ( ) carga horária
  4. ( ) indisciplina de colegas
  5. ( ) falta de didática dos professo-  
res
  6. ( ) horários inconvenientes
  7. ( ) deficiência do corpo docente
  8. ( ) aulas em locais dispersos
  9. ( ) falta de equipamento ou de mate-  
rial
  10. ( ) outro(s) problema(s) \_\_\_\_\_
- 

46. Indique a maior dificuldade no que diz  
respeito à utilização de material didá-  
tico e bibliográfico?

1. ( ) preços elevados
2. ( ) não existem livros em português
3. ( ) a bibliografia é muito extensa
4. ( ) a biblioteca não tem os livros
5. ( ) a biblioteca tem os livros, mas  
em número reduzido
6. ( ) mau funcionamento da biblioteca

- 7. ( ) inexistência de cooperativa de livros
  - 8. ( ) não há dificuldade
  - 9. ( ) outra(s) dificuldade(s) \_\_\_\_\_
- 

47. Qual o maior obstáculo para um estudante integrar-se na universidade?

- 1. ( ) falta de locais apropriados
- 2. ( ) falta de um serviço de informações
- 3. ( ) falta de tempo dos professores
- 4. ( ) falta de tempo dos alunos
- 5. ( ) falta de comunicação entre professores e alunos
- 6. ( ) falta de interesse dos professores
- 7. ( ) falta de comunicação entre os estudantes
- 8. ( ) falta de comunicação entre alunos e a administração
- 9. ( ) falta de objetivos e metas comuns a serem atingidos
- 10. ( ) não há obstáculos

48. Quando você necessita de atendimento médico recorre a:

- 1. ( ) médico particular

- 2. ( ) médicos da Faculdade de Medicina
- 3. ( ) Instituto de Previdência
- 4. ( ) Outro. Qual? \_\_\_\_\_

49. Além do seu curso regular na Universidade, você participa de atividades ligadas à:

- 1. ( ) música
- 2. ( ) literatura
- 3. ( ) artes plásticas
- 4. ( ) esportes
- 5. ( ) outros cursos
- 6. ( ) outras atividades, Enumere-as \_\_\_\_\_

50. Você concorda que a Universidade deva promover atividades extra-curriculares, como: conferências, debates, seminários, grupos de estudo sobre assuntos de interesse científico, político, artístico, literário, etc?

- 1. ( ) sim
- 2. ( ) não

51. Você participaria destas atividades?

- 1. ( ) sim
- 2. ( ) não



52. Assinale na relação abaixo sugestões à Universidade, que você julgue importantes para estruturar um serviço de assistência ao estudante, enumerando-as por ordem prioritária:

1. ( ) criação de um Serviço Médico-Social
2. ( ) criação de uma Cooperativa de Livro
3. ( ) criação de um Serviço de Ajuda Econômica
4. ( ) estímulo às atividades recreativas e culturais
5. ( ) outras \_\_\_\_\_

53. Se você trabalha, começou antes ou depois do ingresso na Universidade?

1. ( ) antes
2. ( ) depois

54. Qual o motivo *mais importante* porque você começou a trabalhar?

1. ( ) porque necessitava de dinheiro para a sua manutenção
2. ( ) porque o dinheiro iria dar-lhe independência financeira, embo

57. Sua atividade tem alguma relação com o curso universitário que escolheu ou com sua perspectiva profissional?

1. ( ) tem estreita relação
2. ( ) tem alguma relação
3. ( ) não tem relação alguma

58. Como você ingressou no trabalho?

1. ( ) através de conhecimento ou amizade
2. ( ) através do concurso ou prova
3. ( ) anúncios
4. ( ) outros meios  
indique-os \_\_\_\_\_

59. Sua atividade poderá fornecer-lhe contatos vantajosos com futuras possibilidades profissionais no campo do curso que frequenta?

1. ( ) sim
2. ( ) não

60. De que espécie é o seu trabalho?

1. ( ) trabalho continuado do tipo mensalista assalariado
2. ( ) trabalho por conta própria

- 3. ( ) trabalho em "bicos", por tarefa ou por comissão
- 4. ( ) trabalho durante as férias
- 5. ( ) outro (ex. monitoria, estágio)  
Qual? \_\_\_\_\_

61. A importância das relações da sua família na obtenção do emprego foi:

- 1. ( ) decisiva
- 2. ( ) apenas para orientação
- 3. ( ) não houve

62. Esta foi a última pergunta. Agradecemos sua colaboração respondendo às questões propostas e colocamos à sua disposição as últimas linhas para as observações que julgue oportuno transmitir.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---